

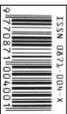
ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS SEGREDOS A MUITOS PALMOS ABAIXO DE TERRA

Macau 澳門



CASAMENTO À CHINESA

A tradição ainda é respeitada na hora de dar o nó em Macau, com a manutenção de cerimónias e superstições que datam de tempos antigos



LITERATURA
TRÊS ESCRITORES,
TRÊS PERSPECTIVAS



CULTO CHU TAI SIN
CELEBRAÇÃO POUCO
CONHECIDA VOLTA AO MAR





SENTIR **MACAU**
Ao Seu Estilo



DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO
www.macaotourism.gov.mo

Macau 澳門

DIRECTOR

Victor Chan Chi Ping

DIRECTOR EXECUTIVO

Alberto Au Kam Va

EDITORA EXECUTIVA

Maria João Oliveira

PROPRIEDADE

Gabinete de Comunicação Social
da Região Administrativa Especial de Macau

ENDEREÇO

Avenida da Praia Grande, nº 762 a 804
Edif. China Plaza, 15.º andar, Macau
Tel: (+853) 2833 2886 Fax: (+853) 2835 5426
e-mail: info@gcs.gov.mo

PRODUÇÃO, GESTÃO E DISTRIBUIÇÃO

Delta Edições, Lda.
Tel: (+853) 2832 3660 Fax: (+853) 2832 3601

EDITOR

Luis Ortet

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Vanessa Amaro

COORDENAÇÃO DE FOTOGRAFIA

Gonçalo Lobo Pinheiro

DIRECÇÃO GRÁFICA

Catarina Lau Pineda [CLL Design]

WEB DESIGN

Rita Ferreira

COLABORADORES

Ana Marques Gonçalves (Portugal), Catarina Domingues,
Cláudia Aranda, Diana do Mar, Fátima Valente, Fernando Sales Lopes,
Filipa Queiroz, João Paulo Menezes, José Simões Morais,
Luciana Leitão, Mónica Menezes (Portugal), Nuno G. Pereira,
Patrícia Lemos, Sandra Lobo Pimentel, Sofia Jesus

FOTOGRAFIA

Gonçalo Lobo Pinheiro, Paulo Cordeiro (Portugal)

ILUSTRAÇÃO

Rodrigo de Matos

ADMINISTRAÇÃO, REDACÇÃO E PUBLICIDADE

Av. Dr. Rodrigo Rodrigues, 600 E
Edif. Centro Comercial "First International", 14.º andar, Sala 1404
Tel: (+853) 2832 3660 Fax: (+853) 2832 3601
e-mail: contacto@revistamacau.com
www.revistamacau.com

IMPRESSÃO

Tipografia Welfare, Macau

TIRAGEM

1500 exemplares

ISSN: 0871-004X



www.revistamacau.com

www.facebook.com/RevistaMacau

APP DA REVISTA MACAU DISPONÍVEL EM:



Sabia que, segundo dados oficiais, no primeiro e último trimestres de cada ano se realizam em Macau mais casamentos, em comparação com os restantes trimestres?

E que, ainda nos dias de hoje, a data da cerimónia do casamento é escolhida de acordo com o sistema dos dias auspiciosos (e não auspiciosos) e que a tradição da oferta de um dote pela família do noivo à família da noiva se mantém viva.

O dossiê que publicamos nesta edição da revista explica as várias vertentes do casamento chinês em Macau.

A componente cultural e humana da realidade de Macau é igualmente abordada noutras secções da revista, como a explicação dos ícones tradicionais chineses, o que ainda resta das antigas profissões em vias de extinção e um pouco conhecido culto dos pescadores do Porto Interior.

O nome de Macau ganhou relevo na história universal quando se tornou um entreposto comercial em território chinês, em meados do século XVI, com a chegada dos portugueses. No entanto, a história dessa região chinesa é bem anterior a esse momento.

Presentemente equipas de investigadores de Macau e Hong Kong vêm reunindo evidências (resultantes de recentes escavações arqueológicas) que apontam para a presença humana no território da actual Região Administrativa Especial de Macau para uma data tão remota como o período neolítico, há vários milénios.

Finalmente, e no plano político local, o Governo acaba de lançar para consulta pública o projecto do seu primeiro Plano Quinquenal, que congrega as principais políticas governativas para o período entre 2016 e 2020. Como se poderá ver em detalhe no artigo que publicamos sobre essa matéria, é dado um destaque especial, entre outros aspectos importantes, à formação de quadros de língua portuguesa, ao bilinguismo e ao apoio à participação de empresas de Macau, da China e dos países de língua portuguesa no quadro da política nacional de cooperação sino-lusófona.

Luis Ortet





6 **ACONTECEU**
As notícias que marcam a actualidade da RAEM

10 **RADAR LUSÓFONO**
Os últimos acontecimentos nas relações entre a China e os países de língua portuguesa

16 **MACAU EM CINCO ANOS**
Governo lança plano quinquenal e aposta forte nas relações com o universo lusófono

22 **PME: ZORG 3D**
Empresa local dedica-se ao negócio da visualização 3D com vários projectos pioneiros

28 **AS NOIVAS DE MACAU**
Como os casais mais novos reinventam a tradição do casamento chinês

42 **TELEGRAMAS VISUAIS**
Os usuários locais do Instagram que fazem sucesso com fotos de Macau

48 **CHINESES DE SEGUNDA GERAÇÃO**
O crescimento da comunidade chinesa em Portugal na visão dos seus descendentes

54 **RETRATOS: O ANTIQUÁRIO**
Profissões em risco de extinção

56 **ÍCONES: MASSA CHINESA**
A história dos tradicionais *noodles* chineses

58 **MUITOS PALMOS ABAIXO DA TERRA**
Escavações arqueológicas reforçam ideia de que Coloane foi a primeira zona a ser habitada

66 **TRADIÇÕES: CULTO A CHU TAI SIN**
Celebração dos pescadores de Macau arranca a 20 de Junho no Porto Interior

72 **A PRIMEIRA VEZ QUE VIRAM MACAU**
As impressões de três escritores lusófonos sobre a RAEM

78 **ÁTRIO: PENG YUN**
Artista multimédia aposta no universo feminino

84 **ESPECTÁCULOS, EXPOSIÇÕES E LIVROS**
Novidades e sugestões para os próximos meses

90 **MEMÓRIAS: JARDIM DE SÃO FRANCISCO**
O primeiro jardim a nascer em Macau

MAIS DE 200 PESSOAS CELEBRARAM O MICAREME

Cerca de 200 pessoas participaram na quarta edição do tradicional baile dos mascarados Micareme, que teve lugar no Jardim de Infância D. José da Costa Nunes no dia 9 de Abril. Esta é uma iniciativa da Associação dos Macaenses e da Confraria da Gastronomia Macaense. A competição dos melhores mascarados dividiu-se em três categorias: "grupo", "individual" e "crianças" e os prémios monetários distribuídos totalizaram as 27 mil patacas.





Macau promove turismo na Coreia do Sul e Médio Oriente

Uma delegação liderada pelo secretário para os Assuntos Sociais e Cultura, Alexis Tam, esteve em Abril na capital sul-coreana, Seul, para inaugurar uma campanha de promoção de Macau enquanto destino turístico. A Coreia do Sul é o principal mercado internacional de visitantes, depois do Interior da China, Hong Kong e Taiwan. O Governo de Macau espera que o número de visitantes sul-coreanos aumente 10 por cento em relação a 2015. Também em Abril, a Direcção dos Serviços de Turismo (DST) participou numa iniciativa promocional no âmbito da Feira "Arabian Travel Market", que se realizou no Dubai, com o objectivo de dar continuidade à diversificação e expansão do mercado internacional de visitantes. Dados da DST revelam que o número de visitantes do Médio Oriente tem vindo a aumentar nos últimos anos. Macau recebeu em 2015 mais de 12 mil visitantes daquela região, representando um crescimento de 15,8 por cento.

DIA DA LÍNGUA PORTUGUESA E DA CULTURA LUSÓFONA ASSINALADO EM PEQUIM

Música ao vivo e um jantar com pratos típicos dos países lusófonos. Foi assim que Pequim assinalou o Dia da Língua Portuguesa e da Cultura Lusófona. A celebração, que se realizou na embaixada de Portugal, contou com a presença dos embaixadores de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau e Portugal e dos directores de departamentos de língua portuguesa de universidades do Interior da China. O 5 de Maio foi instituído como o Dia da Língua Portuguesa e da Cultura Lusófona há dez anos.

FM DOA 123 MILHÕES À UNIVERSIDADE DE JINAN

A Fundação Macau doou 100 milhões de renminbis (cerca de 123 milhões de patacas), à Universidade de Jinan, na Província de Guangdong, para a construção de duas residências reservadas a estudantes de Hong Kong e Macau e de um edifício pedagógico de comunicação social. Segundo a Fundação Macau, a universidade contribuiu "de uma forma significativa para o desenvolvimento e estabilidade económica e social de Macau". A doação deverá "ajudar o contínuo desenvolvimento" da instituição. O reitor da Universidade de Jinan, Hu Jun, assegurou que vai aplicar os fundos na melhoria das condições do ensino e equipamentos da escola, apoiando a formação de mais talentos de Macau.

APOMAC assinala 15 anos

A Associação dos Aposentados Reformados e Pensionistas de Macau (APOMAC) assinalou em Maio 15 anos de existência, tendo como prioridade a renovação dos quadros da associação nos próximos anos. Francisco Manhão, presidente da direcção, está confiante no futuro e aposta na ampliação do espaço e em caras novas para liderar o organismo a partir de 2019, quando se realizam as eleições para a direcção.



NÚMEROS

34,3%

VALOR DA QUEDA DOS EXCURSIONISTAS NO 1.º TRIMESTRE DE 2016

106

HOTÉIS E PENSÕES EM MARÇO DE 2016 (+7%)

Dia do Jazz celebrado na Casa Garden

O Dia Internacional do Jazz foi lembrado em Macau com a organização de concertos, workshops e uma *jam session*. Com produção executiva da Associação para a Promoção de Actividades Culturais e o apoio da Fundação Oriente, o evento trouxe a Macau o trio japonês T-Trip. A Casa Garden acolheu também um workshop de iniciação ao canto no jazz, dirigido pela artista croata Ines Trickovic. Na ocasião foi ainda projectado o Concerto Global, realizado em 2015 em Paris, e que contou com a participação de músicos de mais de 20 países.



UM ASSINA PROTOCOLO COM UNIVERSIDADE DO PORTO

A Universidade de Macau e a Universidade do Porto assinaram um acordo para promover a colaboração nos domínios das humanidades, da ciência e da tecnologia. A assinatura deste protocolo, que incide sobretudo no ensino do português, nas ciências da saúde e na medicina, aconteceu durante a visita de uma delegação da Universidade do Porto à região, conduzida por Maria de Fátima Marinho, vice-reitora para a cooperação externa e cultura.



GONÇALO LOBO PINHEIRO

Pato Gigante passa por Macau

O pato de borracha de 18 metros, uma criação do artista holandês Florentijn Hofman, esteve ancorado junto ao Centro de Ciência de Macau ao longo de um mês. A instalação flutuante, que tem percorrido os quatro cantos do mundo, foi também celebrada com feiras e eventos gastronómicos na Doca dos Pescadores. O artista holandês criou o projecto com o objectivo de acordar as memórias de infância das pessoas, iniciando desta forma a digressão “Espalhar alegria pelo Mundo”.

1,9%

TAXA DE DESEMPREGO
NO 1.º TRIMESTRE DO ANO (+0,2%)

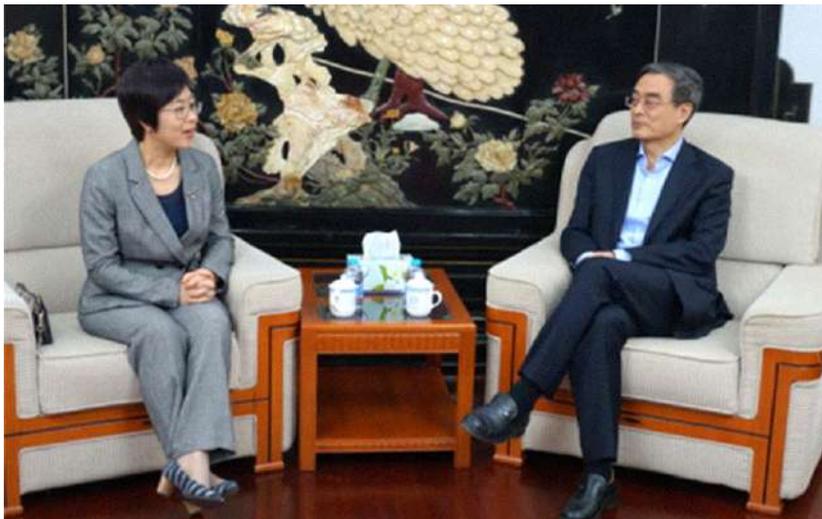
4,21%

TAXA DE INFLAÇÃO NOS 12 MESES
TERMINADOS EM MARÇO

249 MIL

VEÍCULOS EM CIRCULAÇÃO
NO FINAL DE MARÇO (+3%)

* comparações referentes ao mesmo período dos anos transactos

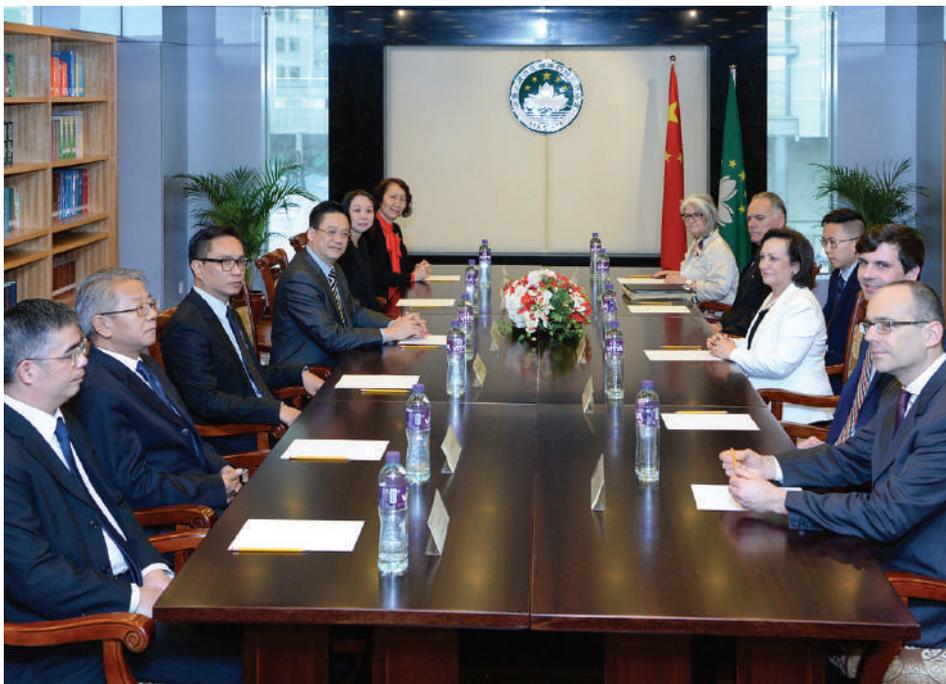


Sónia Chan lidera delegação a Pequim

A secretária para a Administração e Justiça, Sónia Chan, liderou uma delegação que se deslocou a Pequim. A comitiva visitou o Gabinete para os Assuntos de Hong Kong e Macau do Conselho de Estado, a Comissão da Lei Básica do Comité Permanente da Assembleia Popular Nacional e o Gabinete dos Assuntos Legislativos do Conselho de Estado, participando em reuniões com os dirigentes dos três organismos. Foram ainda promovidas sessões de intercâmbio sobre os temas da reforma da Administração Pública, da coordenação legislativa e da formação técnica do pessoal de produção jurídica.

Assinado acordo para manter magistrados portugueses na região

Os ministérios públicos de Portugal e Macau assinaram um acordo que garante que magistrados portugueses continuarão a exercer funções na região. O anúncio foi feito pela procuradora-geral da República de Portugal, Joana Marques Vidal, que esteve de visita a Macau. Numa reunião com o procurador da RAEM, Ip Son Sang, os dois lados definiram os termos do acordo que vai regular o envio de magistrados portugueses em comissão de serviço para Macau. As comissões passam a ter um limite definido de quatro anos, podendo ser renovadas uma vez.

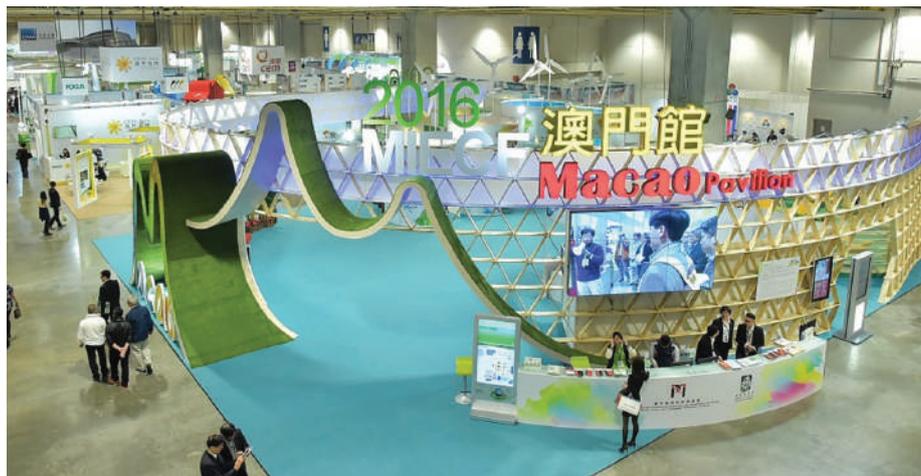


GOVERNO DISTINGUE 17 HOTÉIS POR BOAS PRÁTICAS AMBIENTAIS

A Direcção dos Serviços de Protecção Ambiental distinguiu 17 hotéis de Macau por boas práticas ambientais. Relativamente aos anos anteriores, esta edição, referente a 2015, registou um aumento no número de hotéis galardoados. Com o prémio de ouro foram contempladas unidades hoteleiras como o Sands Macau Hotel, o Crown Towers ou o Hard Rock; o Galaxy, o Mandarin Oriental e o Grand Lisboa receberam o galardão de prata; e o Hotel L'Arc teve direito ao prémio de bronze. Nesta edição do Prémio Hotel Verde foram ainda instituídas duas novas categorias: O "Prémio Pensão Verde" e o "Prémio Fidelidade Verde".

MIECF encerra com a assinatura de 32 protocolos

Durante o último Fórum e Exposição Internacional de Cooperação Ambiental (MIECF) foram assinados 32 protocolos que resultaram de 708 negociações no recinto. A nona edição teve como tema principal a gestão de resíduos, contando com a participação de 460 expositores provenientes de 20 países e regiões. Em 2017, MIECF vai realizar-se entre os dias 30 de Março e 1 de Abril.



Inaugurada primeira Loja das Conservas fora de Portugal

Trata-se da primeira loja fora de Lisboa e o primeiro espaço fora da Europa – existem apenas *corners* em cidades como Paris ou Viena. A primeira experiência da Loja das Conservas além-mar tem como objectivo conquistar o turista asiático e preparar terreno para outros mercados vizinhos, como o de Hong Kong e do Interior da China. A loja, localizada na Travessa do Aterro Novo, foi inaugurada com uma cerimónia que juntou folclore português e a tradicional dança do leão. Estão disponíveis mais de 300 produtos.



INSTITUTO RICCI MUDA-SE PARA A UNIVERSIDADE DE SÃO JOSÉ

O Instituto Ricci e a Universidade de São José (USJ) assinaram um protocolo, que prevê a integração do instituto no novo campus daquele estabelecimento de ensino superior. Peter Stilwell, reitor da USJ, disse tratar-se de um acordo com uma “dimensão prática”. Stilwell explica: “Havia a necessidade do Instituto Ricci de encontrar um sítio onde pudesse abrigar a sua biblioteca. Vão ter de sair da sua sede. Nós estamos a constituir a nossa biblioteca universitária, que já é bastante rica, mas que, de modo algum, se pode parecer com a riqueza da biblioteca Ricci, no campo específico das tradições chinesas e da Igreja na China.”

DESAFIOS DO ENVELHECIMENTO LEVAM À CRIAÇÃO DE GRUPO INTERDEPARTAMENTAL

O Governo da RAEM decidiu criar o Grupo Director Interdepartamental do Mecanismo de Protecção dos Idosos de Macau para responder aos desafios colocados pelo envelhecimento progressivo da sociedade. De acordo com um despacho do Chefe do Executivo Chui Sai On, publicado em Boletim Oficial, o novo grupo de trabalho é chefiado pelo secretário para os Assuntos Sociais e Cultura Alexis Tam, juntando representantes de vários departamentos e organismos governamentais. No final do ano passado, a população de Macau com idade superior aos 65 anos representava 9 por cento do total, mais 0,6 por cento do que no ano anterior.



「葡語國家食品展示中心」開幕儀式剪綵剪綵儀式
Cerimonia de Inauguração do "Centro de Exposição de Produtos
Alimentares dos Países de Língua Portuguesa" e Assinatura de Protocolos
2016.03.31

葡語國家食品展示中心
Centro de Exposição de Produtos
Alimentares dos Países de Língua Portuguesa

Romaria pelos sabores da lusofonia

A Casa de Vidro, na praça do Tap Seac, é o novo lar do Centro de Exposição de Produtos Alimentares dos Países de Língua Portuguesa em Macau. O espaço vai permitir aos empresários de Macau e do Interior da China conhecer de perto os produtos lusófonos e realizar de imediato encomendas através de uma plataforma digital. Por enquanto, estão disponíveis cerca de 700 produtos de mais de 60 empresas. Mas a ideia é aumentar a oferta

T CATARINA DOMINGUES F GONÇALO LOBO PINHEIRO

VINCENT IP importa produtos alimentares de Portugal para vender em Macau e no Interior do País desde a década de 1990. Sardinhas em lata, vinho e azeite são alguns dos bens que estão agora disponíveis no novo Centro de Exposição de Produtos Alimentares dos Países de Língua Portuguesa, inaugurado em finais de Março na Casa de Vidro, na praça do Tap Seac. “É muito bom para nós, distribuidores, porque se trata de uma oportunidade de promover os produtos portugueses”, salientou o director-geral

da Agência Comercial Vang Kei Hong à MACAU durante a inauguração do espaço.

O novo centro, que conta com uma área de cerca de 390 metros quadrados, faz parte da estratégia de posicionar Macau como uma plataforma comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa (PLP). Mais de sete centenas de produtos de cerca de 60 empresas do universo lusófono podem ser adquiridos aqui por empresas ou individuais, explicou durante a abertura do espaço Glória Batalha Ung, vogal executiva do Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau (IPIM). “A partir de agora, os empresários que quiserem conhecer os produtos alimentares dos PLP podem cá vir ou visitar o nosso portal [<http://pt.platformchinapl.mo/>]", disse.

Todos os produtos em exposição estão associados a um código QR, que pode ser lido por um telemóvel com acesso à Internet – o centro tem *wifi* gratuito –, remetendo o utilizador para a plataforma de comercialização, onde pode fazer as encomendas e consultar informações sobre os produtores e distribuidores.

“O IPIM recebe muitas delegações da China e pode trazê-las até aqui para fazer negócio”, realçou ainda Vincent Ip, admitindo, porém, que Macau é “apenas um ponto de passagem”, e por isso “não nos devemos focar unicamente aqui, mas na China”.

Também Alberto Carvalho Neto, presidente da Associação de Jovens Empresários Portugal-China, olha para a nova plataforma como um “trampolim para o Interior do País”. Presente no primeiro dia de actividade do centro, o responsável acredita que o projecto poderá ainda proporcionar “uma triangulação [das relações comerciais] com os outros PLP”.

Já Fernando Marques, responsável pelo restaurante português A Toca e um dos empresários com produtos em exposição, deixa uma sugestão: “O espaço não deve ficar aqui esquecido, é necessário pensar em iniciativas,

O NOVO CENTRO, QUE CONTA COM UMA ÁREA DE CERCA DE 390 METROS QUADRADOS, FAZ PARTE DA ESTRATÉGIA DE POSICIONAR MACAU COMO UMA PLATAFORMA COMERCIAL ENTRE A CHINA E OS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA



Vicent Ip, importador



João Garcia Bires, embaixador de Angola



Fernando Marques, empresário

como o lançamento de novos produtos ou a realização de provas de vinhos”.

Superar obstáculos

“Para mim, é uma autêntica romaria.” As palavras são de Jorge Torres Pereira, embaixador de Portugal em Pequim, que também esteve em Macau por ocasião da inauguração do centro de exposição. O diplomata elogiou a iniciativa, sublinhando que o comércio digital é “o caminho do futuro”. “Estamos no meio da revolução em relação aos métodos de comercialização de produtos, o comércio electrónico será cada vez mais o factor determinante do sucesso do negócio.”

Aos jornalistas, Torres Pereira admitiu que “gostaria que esta fosse mais uma das portas de entrada possíveis de produtos alimentares portugueses na China Continental”. Questionado sobre os principais obstáculos à entrada destes produtos no país, o embaixador salientou que “as questões de certificação são as mais prementes e prioritárias a resolver”, dando o exemplo da proibição da entrada de carne de porco e derivados no Interior do País. “Ainda estamos a tentar finalizar a certificação”, disse.

Ligado à produção de azeite, o empresário Alberto Carvalho Neto acredita que o centro também pode ajudar a dar a conhecer os produtos biológicos e gourmet ao mercado chinês. “É um novo certificado, é uma nova aposta, é um novo conceito, mas que começa agora a entrar na moda, como entrou há dez anos na Europa e penso que este é o momento certo”, realçou.

Entre a origem dos produtos em exposição nos dois andares da Casa de Vidro, Portugal e Brasil estão em maioria. Ainda com uma presença tímida, encontram-se os bens alimentares dos países de língua portuguesa em África. “Estamos numa fase de reconstrução do país, temos outras prioridades e os poucos produtos que podemos pôr no mercado não são suficientes, por exemplo, para abastecer o pequeno mercado de Macau”, notou João Garcia Bires, embaixador de Angola na China.

Ainda assim, o também decano dos embaixadores de língua portuguesa em Pequim disse que Luanda está a estudar a situação. Café, caju, mandioca e cana-de-açúcar são alguns dos produtos que poderão chegar em breve de Angola.



Glória Batalha Ung afirma que o número de produtos à venda nesta plataforma e com entrega no Interior da China vai aumentar pouco a pouco.

Novos centros na China

As trocas comerciais entre a China e os PLP caíram 25,73 por cento em 2015, atingindo 98,47 mil milhões de dólares, a primeira queda desde o ano de 2009. Glória Batalha Ung considera as oscilações nas trocas comerciais “muito naturais” e sublinha que o Executivo de Macau vai continuar a trabalhar para que os consumidores e empresários chineses tenham mais contacto com os produtos dos PLP. A responsável desvaloriza ainda a instabilidade política em alguns destes países, dizendo que não se tem reflectido nas trocas entre os parceiros comerciais lusófonos.

Além deste novo centro, o IPIM está ainda a estudar a criação de outros cinco espaços de exposição de produtos alimentares dos países de língua portuguesa no Interior do País, estando o primeiro já a funcionar desde Abril do ano passado em Fuzhou, capital da Província de Fujian.

Os próximos espaços para mostras vão localizar-se em Hangzhou (Província de Zhejiang), Chengdu (Província de Sichuan), Shenyang (Província de Liaoning), Cantão (Província de Guangdong) e Wuhan (Província de Hubei).



Nova associação impulsiona português na Ásia

Associação de Estudos de Língua Portuguesa da Ásia tem como objectivo criar uma rede de contacto entre profissionais ligados ao ensino e investigação do português na região

A CRIAÇÃO da Associação de Estudos de Língua Portuguesa da Ásia (AEL-PA) é uma iniciativa particular encabeçada por Fernanda Gil Costa, directora do Departamento de Português da Universidade de Macau, e Carlos Ascenso André, coordenador do Centro Pedagógico e Científico da Língua Portuguesa do Instituto Politécnico de Macau. O objectivo do novo grupo, apresentado em Abril deste ano, passa por criar uma plataforma de diálogo entre professores, investigadores e todos os interessados no ensino do português no continente asiático.

“A ideia é congregar e pôr a falar estas pessoas”, disse Carlos Ascenso André à margem da Conferência sobre o Ensino e Aprendizagem do Português como Língua Estrangeira, que decorreu na Universidade de Macau em Abril. O responsável salientou que “num continente com a dimensão da Ásia, estas pessoas não se conhecem, vivem desarticuladas e não têm um espaço virtual onde se relacionem”.

Ao nível do ensino superior, os profissionais que trabalham nesta área em países como a China, Tailândia, Vietname, Coreia do Sul, Japão, Timor ou Índia ultrapassam as duas centenas de pessoas. “Só no Interior da China, estamos a falar de cerca de 150 pessoas, em Macau são 100 e depois temos [profissionais] espalhados um pouco por todo o lado”, realçou o académico.

GONÇALO LOBO PINHEIRO



Fernanda Gil Costa, directora do Departamento de Português da Universidade de Macau

A criação de uma plataforma digital deverá permitir aos membros dos vários países estarem em contacto permanente. “E a partir dessa plataforma podem ser lançadas iniciativas, como a organização de conferências, como faz a APSA (American Portuguese Studies Association) de dois em dois anos”, acrescentou na mesma ocasião Fernanda Gil Costa.

Os dois responsáveis sublinharam que a criação desta associação – a primeira do género na Ásia – é apenas o primeiro passo. Agora “esta pode ser o que as pessoas quiserem”, salientou Fernanda Gil Costa, explicando que houve o cuidado de redigir “uns esta-

tutos muito minimalistas” para não “criar dificuldades a ninguém e para que todas as pessoas possam colaborar livremente”.

Carlos Ascenso André venceu ainda que, entre os países e regiões do continente asiático, Macau “tem a possibilidade de ter um papel nuclear no desenvolvimento de iniciativas desta natureza”. Apesar da nova associação estar a dar os primeiros passos sem apoios, o académico realçou que na RAEM “existem meios e disponibilidade”, associados a “uma vontade política dupla, que é a vontade política do Executivo da Região e do Governo Central”. ■



Pequim e Luanda criam Câmara do Comércio para reforçar parceria

A nova Câmara de Comércio Angola-China (CAC) tem como objectivo principal proteger os investimentos privados chineses em Angola e a parceria privada entre empresários dos dois países, de forma a impulsionar a diversificação económica de Angola, a criação de emprego e o aumento das exportações angolanas para o gigante asiático. Em declarações à agência de notícias Angop, o novo presidente da CAC, Manuel Arnaldo de Sousa Calado, apontou que a aposta na agricultura vai ser um dos pilares da parceria entre os empresários dos dois lados. A instituição, criada em Março deste ano, vem substituir a antiga Associação de Amizade Angola-China, fundada em 1995. A direcção é constituída por 27 empresários angolanos e chineses. Além de Manuel Arnaldo de Sousa Calado, antigo presidente do Conselho de Administração da Empresa Nacional de Diamantes de Angola, outras figuras de peso estão à frente da CAC. É o caso do presidente da Assembleia-Geral Paulo Kassoma, antigo presidente da Assembleia Nacional. No plano estratégico da CAC constam projectos como a realização periódica de feiras nos dois países ou a aposta na capacitação dos empresários angolanos através de cursos de formação técnica.

COMÉRCIO SINO-LUSÓFONO COM QUEDA DE 25%

O comércio entre a China e os países de língua portuguesa caiu 25,54% nos primeiros dois meses de 2016, em comparação com o período homólogo de 2015. Os dados, divulgados pelos Serviços de Alfândega da China, revelam que em Janeiro e Fevereiro deste ano as trocas comerciais entre a China e os países lusófonos totalizaram 11,192 mil milhões de dólares. A diminuição resulta de uma queda das exportações chinesas para o Brasil e África. Durante o período em análise, as exportações de Pequim para os países de língua portuguesa caíram, globalmente, 49,16%, e as importações aumentaram 0,95%. A China vendeu menos 50,27% ao Brasil, menos 77,32% a Angola, menos 46,69% a Moçambique, menos 43,05% a Cabo Verde, menos 28,61 à Guiné-Bissau e menos 22,16% a São Tomé e Príncipe. Já no caso de Portugal e Timor-Leste, as exportações aumentaram 21,11% e 13,88%, respectivamente. As importações chinesas dos países de língua portuguesa diminuíram em geral, aumentado apenas no caso do Brasil – mais 19,28%. Brasília continua a ser o maior parceiro comercial de Pequim, com as trocas bilaterais em Janeiro e Fevereiro a ascenderem a mais de 7,63 mil milhões de dólares. Segue-se Angola (2,45 mil milhões de dólares), Portugal (808 milhões) e Moçambique (274 milhões). Em 2015, as trocas comerciais entre a China e os países de língua portuguesa caíram 25,73%, atingindo 98,47 mil milhões de dólares, a primeira queda desde 2009.





ANGOLA E MOÇAMBIQUE SÃO PARCEIROS PRIORITÁRIOS DA CHINA

Angola e Moçambique pertencem ao grupo de três países africanos onde a China vai investir com prioridade na industrialização, construção de estradas, linhas férreas, portos, parques industriais e zonas económicas especiais. A afirmação foi feita pelo director do Departamento de Assuntos Africanos do Ministério chinês dos Negócios Estrangeiros, Lin Songtian, durante a 5.ª Conferência dos Estrategistas Sino-africanos, a “China-Africa Thinks Tanks Forum”, que se realizou entre 14 e 16 de Abril na Província chinesa de Zhejiang. Além de Angola e Moçambique, Pequim ainda escolheu o Egipto como parceiro prioritário na denominada Cooperação Para a Criação da Capacidade Produtiva.

China ultrapassa Portugal nas exportações para Angola

Angola comprou menos 34,5% ao exterior no último trimestre de 2015, com a China a posicionar-se como o principal fornecedor, à frente de Portugal, segundo dados publicados recentemente pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) angolano. Nos últimos três meses do ano passado, Luanda importou o equivalente a 487.724 milhões de kwanzas (2,9 mil milhões de dólares), quando no mesmo período de 2014, já com os efeitos da crise da cotação do petróleo, esse registo foi de 744.369 milhões de kwanzas (4,4 mil milhões de dólares). A China lidera a lista dos principais países fornecedores de Angola, tendo atingido os 81.963 milhões de kwanzas (494 milhões de dólares) neste período, ainda assim uma quebra de 30,8% em relação ao ano anterior. A China obteve uma quota de 16,8% das importações totais de Angola, logo seguida de Portugal, com uma posição equivalente a 16,3%. Portugal vendeu a Angola no último trimestre de 2015 cerca de 79.281 milhões de kwanzas (478 milhões de dólares), uma quebra de 33,6% em relação ao período homólogo de 2014. Ainda de acordo com os dados compilados pelo departamento estatístico, os produtos agrícolas foram os mais importados por Angola durante o período em estudo, ascendendo a 12% do total, cerca de 58.415 milhões de kwanzas (352 milhões de dólares), seguindo-se os bens alimentares, com 7,2%, cerca de 34.916 milhões de kwanzas (210 milhões de dólares).



China vê Portugal como porta de entrada para a UE

O Governo Central está a estimular as empresas de transporte marítimo chinesas a encontrarem um porto em Portugal para canalizarem mercadorias para o mercado da União Europeia (UE), segundo o embaixador da China em Portugal, Cai Run. “Portugal é porta de entrada para a Europa e Oceano Atlântico. A cooperação pode ser reforçada na área das infra-estruturas. Nesta estratégia há vários projectos importantes”, sublinhou Cai Run durante um almoço-debate organizado pelo International Club of Portugal, referindo-se à iniciativa estratégica “Uma Faixa, Uma Rota”. Na ocasião, o diplomata revelou que Portugal já recebeu “mais de 7000 milhões de euros de investimento chinês, o quinto maior destino de investimento chinês na Europa”. Cai Run prevê também maior colaboração empresarial na área da ciência e inovação, considerando a “tecnologia científica” como “ponto de crescimento” na futura cooperação bilateral. O diplomata sublinhou que a iniciativa estratégica “Uma Faixa, uma Rota” vai ser reforçada, com mais de 70 países interessados em participar no projecto. “Portugal é um dos 57 membros fundadores do Banco Asiático de Investimento em Infra-estruturas (BAII), o objectivo é interligar o plano de investimento da União Europeia à iniciativa ‘Uma Faixa, uma Rota’”, disse.

Macau em cinco anos

O Governo de Chui Sai On espera um aumento das trocas comerciais com os países de língua portuguesa em 10 por cento até 2020, de acordo com o primeiro plano quinquenal da RAEM, que define objectivos para a região para os próximos anos. No projecto, que está em consulta pública, é dada ênfase ao crescimento das actividades não-jogo. Já na área da saúde, o Governo quer apostar nos cuidados primários, com a abertura de mais dois centros de saúde





澳門特別行政區五年發展規劃 (2016-2020年) 草案文本

澳門特別行政區政府
2016年5月4日



“**PRETENDEMOS QUE** no ano 2020 o valor total das trocas comerciais entre Macau e os países de língua oficial portuguesa tenha um crescimento de 10 por cento em relação aos 600 milhões de patacas registados no ano 2015.” A intenção é do Governo de Macau e consta do primeiro Plano Quinquenal da RAEM, que traça as principais políticas governativas para o período entre 2016 e 2020.

A lusofonia está em destaque neste projecto, que foi apresentado em

Abril e que se encontra em consulta pública até finais de Junho. Entre as metas a alcançar ao longo dos próximos anos está o estabelecimento de “um programa de formação de quadros profissionais de língua portuguesa”, que visa “incentivar um maior número de pessoas a obter certificação profissional relacionada com o português, bem como alocar adequadamente recursos e políticas preferenciais para formar quadros bilingues em chinês e português nas

áreas linguística, financeira, jurídica e contabilística, e assegurar prioridade no emprego”.

O documento, que na versão portuguesa tem 99 páginas, realça ainda que, ao longo deste período, o Governo espera organizar anualmente actividades de grande escala direccionadas aos países de língua oficial portuguesa. “Vamos promover uma maior participação de empresas de Macau e do Interior da China em convenções e exposições realiza-





GCS

9 por cento em 2020. Mantém-se, além disso, a meta estabelecida em 2013 de não ultrapassar um aumento anual das mesas de jogo acima dos 3 por cento. No documento, o Governo refere que “não se procura a expansão da dimensão da indústria de jogo”, mas “atingir uma melhor qualidade intrínseca, fazendo um aproveitamento pleno das grandes e modernas instalações do sector do jogo e do turismo, para incentivar o aumento de mais factores não-jogo, com mais variedades de serviços de lazer, acolhedores e saudáveis, de recreação, passando pelos serviços de comércio e negócios, de convenções e exposições, e de actividades multi-culturais”.

O plano refere ainda que “vai honrar o compromisso da não importação de croupiers não residentes” e promete aumentar o número de trabalhadores locais em cargos de gestão de médio e alto nível neste sector, dos 80,8 por cento, em 2014, para 85 por cento em 2020.

Controlar veículos, terminar pontes e metro

Macau quer controlar o crescimento anual de veículos em circulação na península e ilhas, na ordem dos 3,5 a 3,8 por cento, e aumentar o número de autocarros movidos a gás natural, dos 25 existentes para 120 em 2020.

Em 2015, o número médio de passageiros que utilizaram diariamente autocarros atingiu 540 mil, prevendo-se que, em 2020, o número chegue a 700 mil. “Iremos rever os contratos de prestação dos serviços de autocarros, incluindo o abate gradual dos autocarros de padrão EURO III ou os ainda inferiores, estudar a introdução de veículos com maior capacidade de carga e amigos do ambiente”, lê-se no documento.

O plano enumera ainda várias obras públicas a concretizar entre 2016 e 2020. De acordo com as previsões do Governo, os residentes poderão começar a utilizar a quarta ligação entre Macau e a ilha da Taipa a partir de 2020; as obras de fundação da



GCS

das nos países de língua oficial portuguesa”, além de “apoiar a participação de mais empresas de países de língua oficial portuguesa em convenções e exposições realizadas em Macau e no Interior da China”.

O Plano Quinquenal do Governo da RAEM traça várias metas gerais: o desenvolvimento estável da economia global, a formação gradual de um sector alargado de turismo de lazer, o desenvolvimento contínuo da cultura e da educação e a protecção ambiental são alguns deles.

Aposta no segmento não-jogo

Entre os objectivos deste plano, está a “diversificação adequada da economia”, como forma de “aumentar o bem-estar da população”.

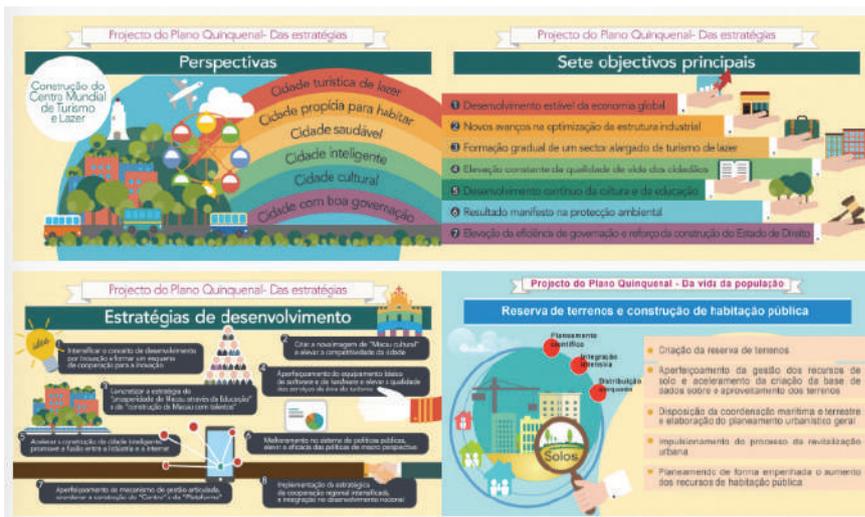
“Servir-se do crescimento das indústrias emergentes como novos pontos de suporte da economia, eis a estratégia que Macau possui para o desenvolvimento da sua economia”, pode ler-se no documento.

O governo liderado por Chui Sai On espera que as “actividades não-jogo” nas receitas das operadoras dos casinos passem dos 6,6 por cento, valor verificado em 2014, para

ponte vão já começar para o ano. Dois anos antes, em 2018, ficará concluída a ponte em Y que vai unir Macau, Hong Kong e Zhuhai.

No capítulo do metro ligeiro, a linha da ilha da Taipa deverá entrar em funcionamento experimental apenas em 2019. O Governo espera definir “o mais rápido possível” o traçado para a península de Macau e dar início às obras de construção.

Ainda no âmbito da pasta dos Transportes e Obras Públicas, é referida “a reversão dos terrenos ilegalmente ocupados e dos que não foram aproveitados dentro do prazo previsto”. Estes vão integrar a futura “reserva de terrenos”. ■



PRINCIPAIS PLANOS DE ACÇÃO ATÉ 2020



SAÚDE

Abertura de dois novos centros de saúde até 2020 – eram sete, serão nove. Os centros vão ser construídos na zona de novos aterros. O Governo espera, além disso, concluir em 2019 as obras de construção do edifício do Instituto de Enfermagem e do edifício de residências do pessoal. Prevê-se ainda que a construção do complexo hospitalar, do edifício de apoio logístico, do laboratório central e do edifício de administração e multi-serviços seja concluída “sucessivamente depois de 2019 conforme o volume das obras”.



PATRIMÓNIO CULTURAL

A consulta pública sobre o “Plano de salvaguarda e gestão do Centro Histórico de Macau” deverá estar concluída em 2017 e o regulamento administrativo desse plano entre 2018 e 2020.



EDUCAÇÃO

A meta é aumentar até 2020 a taxa de cobertura de escolas e estudantes com 15 anos de escolaridade obrigatória até 80 por cento. “Reforçar a construção de uma cultura moral assente no valor ‘Amar a Pátria, amar Macau’, intensificar o conhecimento sobre a situação do país e reforçar junto da população o seu sentimento de identificação com a pátria”, é ainda um dos objectivos do Governo de Chui Sai On na área educativa.



NATALIDADE

É referida a intenção de promover a natalidade através de “medidas financeiras para incentivar a fertilidade, subsídios e abonos para cuidados de bebés, entre outros”.



FORMAÇÃO JUDICIÁRIA

“Iremos aperfeiçoar o mecanismo de formação judiciária para a formação de magistrados e de funcionários de justiça, prevendo-se que, entre 2016 e 2017, haja um total de cerca de 297 formandos”, refere o primeiro plano quinquenal da RAEM.



ENVELHECIMENTO

Até 2018, o número de lugares em lares de idosos vai aumentar para 2300.



第二十一屆澳門國際貿易投資展覽會

21ª FEIRA INTERNACIONAL DE MACAO
21st MACAO INTERNATIONAL TRADE & INVESTMENT FAIR

www.mif.com.mo

澳門威尼斯人 - 度假村 - 酒店
The Venetian Macao-Resort-Hotel

20-22/10/2016



促進合作

共創商機

COOPERAÇÃO-CHAVE PARA OPORTUNIDADES DE NEGÓCIOS
COOPERATION-KEY TO BUSINESS OPPORTUNITIES



(853) 2882 8711



主辦機構 / Organizador / Organiser



澳門貿易投資促進局
Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macao
Macao Trade and Investment Promotion Institute



澳門貿易投資促進局官方微信
Wechat ID: IPM



澳門貿易投資促進局官網
Official Website | IPM



PME

Macau com visão 3D

T NUNO G. PEREIRA F GONÇALO LOBO PINHEIRO

Ao criarem no computador o espaço virtual de inúmeros projectos de Macau, os sócios da Zorg 3D são quem primeiro descobre a nova face da cidade. Ruas e edifícios, interiores de hotéis e casinos, até o Metro Ligeiro – tudo se materializa no ecrã, permitindo a análise única de olhar antes de construir

ZORG
3D promo image

SANDRA VASQUES e Miguel Falé apaixonaram-se em Portugal, onde o primeiro fruto do seu amor foi uma empresa, que iria mudar-lhes a vida mais do que esperavam. A Zorg 3D foi fundada a dois em 2007, mas a crise financeira de 2008, arrasando o mercado imobiliário, levou a uma quebra de pedidos de clientes quase fatal. Obrigado a reagir, o casal encontrou uma oportunidade que abraçou com entusiasmo. “Na sequência de um convite do arquitecto Carlos Couto”, lembra Miguel Falé, “viemos estabelecer a Zorg em Macau, o que se concretizou em 2011.”

Depois da génese portuguesa, a empresa renasceu assim como um projecto de Macau, onde se afirmou numa área tecnologicamente avançada. Apesar de ser PME, a Zorg 3D beneficiou de um cenário favorável. “Não há nada tão exuberante no mundo do *design* de interiores como o que se faz hoje nos casinos de Macau. Estarmos aqui sediados, e não em Las Vegas, faz com que os trabalhos de renovação de espaços, sempre a acontecer nos casinos, nos tornem a solução evidente no que diz respeito a 3D. A capacidade de responder a prazos muito exigentes é essencial. Vamos ao local tirar fotos, reunimos com o cliente e no próprio dia iniciamos o trabalho para entregá-lo 48 horas depois. Isto só é possível para quem está fisicamente em Macau.”

A ZORG 3D É UM ESTÚDIO DE VISUALIZAÇÃO 3D. MIGUEL FALÉ E SANDRA VASQUES CRIAM IMAGENS REALISTAS, QUE PERMITEM A QUALQUER PESSOA COMPREENDER O ASPECTO QUE UM PROJECTO IRÁ TER. SEJA PONTE, EDIFÍCIO, SALA, LOJA OU OBJECTO DE *DESIGN*

Miguel Falé acrescenta que, por outro lado, Macau não é uma cidade barata, devido às rendas dos espaços comerciais e de habitação, além do custo de vida em geral. O que necessariamente influencia o negócio. “Por causa dos custos operacionais, o nosso produto não é concorrencial com o que vem do Interior da China. Daí que a nossa abordagem ao mercado não seja pelo preço, mas por proximidade, filosofia de empresa e experiência no ramo. No meio deste espectro está a dimensão do mercado. Por ser tão pequeno, chegamos rapidamente a todo o lado, sendo fácil criar ligações com os clientes. E embora isso limite a expansão de actividade, ainda temos muito terreno a desbravar.”





A Zorg 3D é um estúdio de visualização 3D. Para um leigo, não é simples compreender o que significa isso. Em concreto, como se define esta actividade? “Criamos imagens realistas, que permitem a qualquer pessoa compreender o aspecto que um projecto irá ter. Seja ponte, edifício, sala, loja ou objecto de *design*. Também convertemos projectos de CAD [sigla para *computer-aided design*] num espaço 3D, atribuímos materiais e texturas, iluminamos e calculamos as imagens ou filmes que vão permitir comunicar o projecto a quem não tem formação em desenho técnico.”

Comunicar os projectos através da visualização prévia permite que os clientes da Zorg 3D (arquitectos, engenheiros, designers) melhorem o diálogo com os clientes deles, fazendo a revisão crítica conjunta e, por consequência, a validação mais consciente. “O processo permite poupar muito tempo na definição de um projecto, criando um novo momento de *feedback* na altura certa: antes de se iniciarem os trabalhos de construção. E dá uma enorme ajuda durante a obra, onde frequentemente se usam as nossas imagens como referência.” A empresa desenvolve ainda produtos noutros campos, como filmes de animação institucionais e filmes 3D para campanhas publicitárias.

Passado e futuro

O elo da Zorg 3D a Macau começou ainda antes da sua existência. Isto porque Miguel Falé, quando trabalhava na empresa portuguesa Sopa de Imagens, dedicou muitas horas à RAEM, entre 2003 e 2006. “Fizemos inúmeros projectos, como o edifício do Posto Fronteiriço das Portas do Cerco, a ponte de Sai Van, a rotunda Ferreira do Amaral, o Terminal Marítimo de Passageiros da Taipa, o Jardim da Areia Preta e o Sistema de Metro Ligeiro. Tudo isto implicou visitas regulares a Macau, criando uma ligação muito forte à cidade.”

Essa ligação influenciou de forma crucial a decisão de Sandra e Miguel virem em definitivo para Macau. E o en-

DOIS CAMINHOS

Os donos da Zorg 3D chegaram à área da visualização 3D por caminhos bem diferentes. Sandra teve um percurso mais linear, sempre próximo do digital. Já Miguel foi o oposto. Começou a trabalhar aos 18 anos, atirando-se a quase tudo: empregado de mesa, locutor de rádio, técnico de som, vendedor de aparelhagens de alta fidelidade e operário na indústria de componentes de som enquanto apostava num curso de prótese dentária. Depois, outra mudança radical, com a ida para Coimbra, onde tentou tirar o curso de Direito ao mesmo tempo que era vocalista em bandas de *covers*. Uma parceria que resultou mal para os dois lados, felizmente ultrapassada pela decisão que tudo iria acertar. “Um belo dia achei que tinha que abraçar a revolução da informática e inscrevi-me num curso de criação digital de imagem.” Concluída com êxito esta nova aspiração, Miguel ficou a trabalhar no centro onde se formou, chamado Rumos, como criador de conteúdos multimédia e formador certificado em produtos Autodesk. A partir daí não parou de ganhar competências nas novas tecnologias. Até que o destino atacou outra vez. “Um formando de um curso de 3D Max, o arquitecto Miguel Dória, desafiou-me para fundar um estúdio de 3D, a Sopa de Imagens, em 2000. Desde então fui sempre director de produção, primeiro lá e depois na Zorg 3D.”

A experiência profissional de Sandra também se fez de suor e paixão, mas, como conta o sócio, ela acertou cedo na escolha. “Arrancou com o mesmo curso de criação digital de imagem que eu tinha feito, ao qual adicionou uma especialização em programação de interactivos, área onde trabalhamos juntos na Rumos. Depois estive como técnica de efeitos especiais e 3D numa produtora de TV, deu formação em 3D Max e trabalhou como técnica de antevisões e desenhadora numa empresa de engenharia. Na Zorg 3D, além de liderar comigo os destinos da empresa, é técnica de antevisões especialista em iluminação, render e *plugins*.”

tusiasmo que trouxeram em 2011 mantém-se, tal como a racionalidade na gestão. Isso nota-se, por exemplo, ao ver-se que o núcleo de empregados nos quadros é intencionalmente reduzido, com apenas pessoal essencial. Porém, a empresa possui vários fornecedores internacionais. “Temos colaboradores próximos e esporádicos em Portugal, Polónia, Bielorrússia, Argentina e Espanha.” O crescimento, naturalmente, é um objectivo, mas o momento menos pujante do contexto económico dos últimos meses teve de ser encarado. “Sofremos uma quebra de 60 por cento nas encomendas locais, o que teria sido crítico se não tivéssemos começado a trabalhar com outros mercados em 2014. Contudo, sentimos uma retoma nos sectores da arquitectura e do *design* de interiores. Além disso, temos tido solicitações para projectos públicos, provando que o Governo não está a desinvestir.”

Como vai então a empresa agir para agarrar o futuro? “Na vertente comercial, queremos consolidar as parcerias com os clientes preferenciais em Macau e no Reino Unido e, ao mesmo tempo, dar mais visibilidade à marca nesses mercados. Na vertente técnica, vamos acompanhar a revolução no nosso sector e adicionar à nossa oferta a mais recente tecnologia de ‘real time rendering’. Finalmente, gostaríamos de enveredar por projectos como videojogos, campanhas de sensibilização, publicidade e formação.” ■



CRONOLOGIA ZORG 3D

- 2007** – Fundação da empresa em Lisboa
- 2010** – Convite para vir para Macau feito pelo arquitecto Carlos Couto
- 2010** – Fecho de actividade em Portugal
- 2011** – Início de actividade em Macau com o projecto para o Metro Ligeiro
- 2012** – Primeiros trabalhos de *design* de interior em casinos, em parceria com a Westar: COD, MGM e Galaxy
- 2012** – Criação do filme do Grande Prémio de Macau para o respectivo museu
- 2013** – Contratação de técnicos especializados para reforçar capacidade de resposta
- 2014** – Expansão e mudança de instalações
- 2014** – Primeiros trabalhos para o Reino Unido





“NÃO HÁ NADA TÃO EXUBERANTE NO MUNDO DO *DESIGN* DE INTERIORES COMO O QUE SE FAZ HOJE NOS CASINOS DE MACAU. ESTARMOS AQUI SEDIADOS, E NÃO EM LAS VEGAS, FAZ COM QUE OS TRABALHOS DE RENOVAÇÃO DE ESPAÇOS, SEMPRE A ACONTECER NOS CASINOS, NOS TORNEM A SOLUÇÃO EVIDENTE NO QUE DIZ RESPEITO A 3D”



As noivas de Macau

T CATARINA DOMINGUES

Casam-se os noivos e casam-se as famílias. Em Macau, a tradição ainda é respeitada na hora de dar o nó, com a manutenção de cerimónias e superstições que datam de tempos antigos. Mas agora compram-se vestidos brancos, realizam-se sessões fotográficas em mercados de rua ou cerimónias católicas no Japão





NO ALMANAQUE chinês, 12 de Março de 2016 era uma boa data para casar. E quando a mãe de Sam Hou In foi até ao templo cruzar esta data com os dados de nascimento do filho e da futura nora, os deuses disseram que sim.

“Agora que penso sobre isto, e se as nossas datas não fossem compatíveis?”, diz Sara Lo, a nora. “Que acontecia?”, pergunto. Sara solta uma gargalhada. “Oh, não mudava nada”, responde, segura. “Mas não deixa de ser estranho.”

Se os tempos fossem outros, depois de analisada a compatibilidade da união, os chamados oito caracteres dos noivos (ano, mês, dia e hora do nascimento de cada um) seriam redigidos em papel encarnado e colocados num altar, em casa. Ao longo dos dias seguintes, sinais de desgraça, como

doenças ou louça partida, poderiam ditar o fim da união.

Embora em Macau a família e a tradição ainda sejam elementos de peso em todo o processo matrimonial, é ao casal que cabe a última palavra. “Houve alguma pressão para se casarem?”, pergunto. “Talvez o meu marido tenha sentido mais, é o único rapaz da família.”

Sara está sentada à minha frente, num café vazio, no centro de Macau. Passaram poucos meses desde que se casou, o dia-a-dia regressou ao normal, com a diferença que já não vive com os pais, mas com Sam. No telemóvel, vai procurando fotografias do grande dia.

“Inicialmente queríamos que fosse em Dezembro, mas o restaurante já estava reservado”, relembra. “Em dias populares é difícil encontrar um local disponível.”

Quando fala em dias populares, Sara refere-se a dias auspiciosos. Alguns exemplos: diz-se que no final do ano é a melhor altura para casar, porque se completa um ciclo; entre Junho e Julho não é uma boa opção – estamos a meio do ano e pode significar separação; Abril é também um mês a evitar, realiza-se o festival Ching Ming, em homenagem aos mortos. Dados oficiais revelam que é sobretudo durante o primeiro e o último trimestre do ano que se realiza a maior parte dos casamentos em Macau.

“Foi um casamento discreto, com poucos convidados”, continua Sara. “Quando era pequena estive em grandes banquetes com cenários de contos de fadas, mas não era o que queria para mim.” A jovem realça, porém, que a união envolveu a organização de uma cerimónia tradicional. “Era importante para a minha família que o fizéssemos”, conta.

O casal levou quase um ano com os preparativos e não dispensou a sessão fotográfica pré-casamento (do inglês *pre-wedding*). Foi na zona do Mercado Vermelho, explica Sara, enquanto vai mostrando as fotografias, que tem guardadas no telemóvel. Ela calçou umas botas pretas, salto raso, e optou por um vestido branco até aos joelhos; ele levou uma camisa clara, as calças dobrou-as um pouco acima dos tornozelos.

“Não são fotos comuns de uma sessão pré-casamento em Macau”, sublinha. “Mas foi aqui que nos conhecemos, que nos apaixonámos e queríamos captar as coisas reais da vida.”

Há mais de três décadas, também os pais de Sara guardaram o momento. Na altura, as fotografias tiravam-se num estúdio.

Conversa entre casal

Grace Lao e William Chan estão à espera do primeiro filho – vai nascer dois dias depois desta entrevista. Encontramo-nos num restaurante de comida rápida, no bairro do Fai Chi Kei. Casaram-se em Okinawa, no Japão, em Outubro do ano passado. A cerimónia tradicional realizou-se um mês antes, em Macau.



Sara Lo e Sam Hou respeitaram alguns dos rituais tradicionais do casamento chinês

- “Não foi Outubro?”, hesita Grace.

- “Setembro”, responde William. “Em Outubro foi o nosso casamento.”

São os dois jornalistas do canal chinês da Teledifusão de Macau. William acabou de chegar do trabalho, traz um capacete debaixo do braço; Grace tirou férias, aparece com um vestido branco, longo, que salienta a barriga. Quem a conhece sabe que o corpo pouco mudou com a gravidez.

Agora que falamos sobre o casamento levantam-se questões, aparentemente tão naturais para o casal, que nunca foram discutidas entre quatro paredes.

“Sentiram alguma pressão para casar e manter a tradição?”, pergunto.

- “Talvez mais por parte da mãe do William”, começa por dizer Grace. Sorri, olha o marido, espera uma resposta.

- “Na realidade, sim. Apesar deste ser um assunto só nosso, na sociedade tradicional é um evento entre as duas famílias, por isso senti de ambos os lados.”

- “A sério?”, estranha Grace. “Os meus pais nem mencionaram o assunto.”

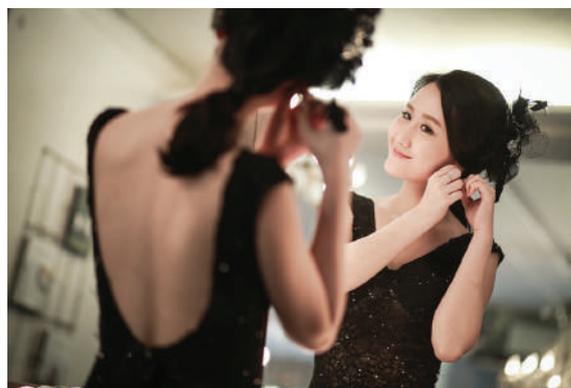
- “O que quero dizer é que se não realizássemos a cerimónia da forma tradicional, será que ficaríamos chateados? Satisfeitos? Não sei, por isso, senti alguma pressão.”

Manda a tradição que a família do noivo ofereça dinheiro à família da noiva. A quantia é discutida pelos dois lados.

- “Paguei um valor de cinco dígitos. Na realidade não sou eu que pago, mas são os meus pais que pagam aos pais da noiva”, explica William. Depois vira-se para a mulher, pergunta em cantonês: “Porquê?”

- “É uma espécie de presente, talvez por a família ter criado a filha em circunstâncias complicadas”, responde Grace. “Mas isto são apenas suposições.”

Ao longo desta longa conversa vão surgir muitas outras dúvidas que dizem respeito à tradição e aos rituais do casamento chinês. William acredita que as famílias de Macau começam, aos poucos e poucos, a aceitar outras opções para o casamento dos filhos. Grace não concorda. “É que 90 por



PARI THE QUEEN

William Chan e Grace Lao fizeram uma cerimónia em Macau e outra no Japão

cento dos meus amigos continuam a casar-se como manda a tradição.”

As novas casamenteiras

Mak Tse tem vestida uma blusa vermelha, estilo chinês, botões em nó – é esta peça de roupa que costuma utilizar nas cerimónias tradicionais de casamento. Está à hora marcada à porta do centro da Federação das Associações dos Operários de Macau, da qual é sócia. Subimos até ao primeiro andar, um café espaçoso. Da janela vê-se uma das passagens superiores da rua do Campo.

O contacto para esta entrevista foi feito por Sara Lo, que recorreu aos serviços de Mak Tse para a organização da cerimónia tradicional. Na China antiga, Mak Tse seria uma casamenteira, importante figura do casamento tra-

dicional, a quem cabia assegurar que o protocolo da união entre um casal fosse seguido com rigor. A casamenteira conhecia como ninguém as famílias da região onde vivia e recolhia informações sobre homens e mulheres em idade para casar. Além de servir de contacto, contribuía também para o bom termo das negociações entre as duas famílias.

“Apesar do namoro antes do casamento ser hoje uma regra, a timidez dos chineses justifica que a função de casamenteira possa continuar a ser necessária”, escrevem os jornalistas Rogério Beltrão Coelho e Cecília Jorge, autores da obra *A Fénix e o Dragão: Realidade e mito do casamento chinês*, explicando, além disso, que grande parte dos casais se conhece actualmente por intermédio da nova geração

de casamenteiros: familiares, vizinhos, colegas de trabalho ou da escola.

Mak Tse fala de uma divisão de trabalhos e em novos modelos que foram surgindo com o desaparecimento da antiga casamenteira. A esta organizadora de casamentos – é assim que descreve o trabalho que faz – cabe assegurar que o matrimónio continue a ser seguido segundo a tradição.

“Ajudo na entrega dos presentes de noivado e todos os outros procedimentos tradicionais, como a cerimónia religiosa e a cerimónia do chá.” Em Macau, realça, são seguidas diferentes tradições. “A tradição na China varia de região para região e, por isso, sigo os requerimentos dos casais de Macau, conforme a sua origem”, explica a responsável, dizendo que hoje os rituais foram simplificados e dispensam na maioria a cerimónia religiosa tradicional. Já a cerimónia do chá mantém-se.

Na China, as tradições ancestrais foram profundamente afectadas pelas alterações sociais e políticas no país. Também a conquista da mulher de mais espaço no seio da família e da sociedade veio contribuir para as mudanças que se verificaram no casamento tradicional. “Antigamente, quando a mulher entrava em casa do marido depois de se casar, ele punha-se de pé em cima de uma cadeira para ficar mais alto, o que significava que quem tinha o poder em casa era o homem”, diz Zheng Dehua, professor de



GONÇALO LOBO PINHEIRO

A ‘casamenteira’ Mak Tse ajuda os noivos a seguirem à risca a tradição

cultura e história da China na Universidade de Macau.

O académico realça que os novos “elementos ocidentais” que começaram a ser integrados nas cerimónias de casamento apareceram sobretudo no final dos anos 70 do século passado, durante a “política de abertura do país”. “As pessoas começaram a viajar, a ver novas coisas e a trazer esses novos conceitos para a China”. Em Macau, diz ainda Zheng Dehua, “esta influência do Ocidente” é cada vez mais visível.

“Os pais destes jovens que se estão a casar têm à volta de 50 anos e já não

conhecem bem as tradições, mas os avós continuam a fazer exigências e, por isso, é necessário alguém que possa guiar a cerimónia”, acrescenta Mak Tse, assegurando que, em Macau, entre 60 e 70 por cento dos jovens recorrem a estes serviços profissionais de consultoria.

Por ano, Mak Tse acompanha cerca de 40 casamentos. Por cada sessão cobra 3800 patacas.

A despedida

Na noite que antecede o casamento, na varanda da casa de família, a mãe de Sara penteia os cabelos à filha. O ritual, geralmente realizado por uma mulher casada, que vai entoando palavras de esperança, simboliza a entrada na idade adulta. Numa mesa, estão petiscos tradicionais, está uma tigela com *tangyuan* – bolinhos recheados feitos à base de farinha e arroz glutinoso. Está também uma garrafa de *baijiu*, a bebida alcoólica preferida do avô. “É uma forma de lhe pedir a bênção”, explica.

No dia seguinte, sábado, Sara acorda às seis da manhã para se preparar para a cerimónia tradicional. No Facebook encontrou o contacto de uma maquilhadora *freelancer* que chega de Hong Kong para a ocasião. O tra-

CONVITES MENOS VERMELHOS

Mudam os tempos, mudam os convites de casamento. Os jovens de Macau preferem cores como rosa, azul, roxo ou castanho. Estas começam a ser escolhas cada vez mais comuns, diz Vincent Lam, director-geral da Happy Wedding, uma empresa local que produz convites para o dia de casamento. “Se forem os pais a decidir, serão de certeza vermelhos”, realça Lam, explicando que “cerca de 50 por cento dos noivos ainda opta pelo convite tradicional, porque o processo é controlado pela família”. Hoje em dia, sublinha Lam, os casais também procuram “um *design* mais moderno”, em que se integram, por exemplo, “padrões chineses em papel cortado a laser num estilo ocidental”. O símbolo de dupla felicidade (囍) continua a ser um elemento presente nos cartões. Os convites da Happy Wedding são desenhados em Macau e produzidos na Província de Guangdong e os preços variam entre as 5 e as 25 patacas.

je tradicional de duas peças foi alugado – fundo vermelho, flores bordadas a dourado, e a imagem repetida da fénix, símbolo feminino associado à fertilidade.

Sam vem buscar a noiva. Traz um fato cinzento claro, quadrados largos, um laço preto. Numa tradição antiga, que ainda se mantém viva em Macau, as amigas da noiva vão tentar dificultar a missão do futuro marido. “Então ele faz uma declaração de amor, diz que vai cuidar de mim, da minha família, e que todo o dinheiro que tem também é meu”, lembra Sara.

Numa referência a este ritual, os autores da obra *A Fénix e o Dragão*, explicam que “a brincadeira, no fundo, pretende demonstrar quão querida e valiosa é a jovem que o noivo pretende afastar do lar e do círculo de amigas”. Os autores referem ainda que, na opinião de alguns antropólogos, esta é “uma espécie de teste à inteligência e à perseverança do noivo”.

Guiados por Mak Tse, os noivos vão prestar homenagem aos pais e restantes membros da família na cerimónia tradicional de chá. O ritual vai ser repetido mais tarde, em casa dos pais de Sam, “num gesto que ainda não perdeu o acto de vassalagem”, como descrevem Cecília Jorge e Rogério Beltrão Coelho. A acção é compensada com a entrega de *lai-sis* (envelopes vermelhos com dinheiro), pulseiras e outras jóias de ouro.

De acordo com a tradição, a noiva regressa ao lar paterno um mês depois da boda. Este período foi sendo reduzido ao longo dos tempos para duas semanas, depois três dias. Sara e Sam voltaram nessa mesma tarde, trouxeram um leitão assado para o almoço.

O banquete tradicional começou pelas seis da tarde no hotel Grand Lapa, com quatro mesas de Mahjong disponíveis para os convidados. Às oito, foi servido o jantar – comida tradicional chinesa – e por volta das dez, os noivos e os pais despediram-se dos convidados à porta do salão.

Sara e Sam partiram em lua-de-mel durante duas semanas. Estiveram na Polónia, Alemanha e República Che-

ca. Quando regressaram, organizaram uma última cerimónia para os amigos na Pousada de Coloane. Sara vestiu-se de noiva. Estava de branco.

Princesa por um dia

Seul, Coreia do Sul. Foi aqui que William e Grace fizeram as fotografias pré-casamento. Ainda não tinham data marcada, não havia proposta, mas namoravam há cinco anos e era hora de pensar em casar. Aproveitaram as férias de uma semana para o primeiro passo: a sessão fotográfica.

“Porquê a Coreia?”, pergunto. “É um estilo muito diferente do de Macau, parece que estamos num filme”, diz Grace, que alugou três vestidos: dois brancos, um preto. “Na China, a cor preta é raramente utilizada”, explica. No final dessas férias, estava Grace a terminar de fazer as malas para regressar, quando William apareceu com um ramo de flores. O pedido estava feito.

Em Macau, o casal celebrou o noivado com uma cerimónia de chá “simplificada”.

- “Aquele momento em que as amigas da noiva tentam impedir a entrada do noivo em casa é aborrecido, todos fazem o mesmo”, justifica Grace.

- “É embaraçoso”, acrescenta o marido.

E, em vez de um banquete, os jovens partiram para a ilha de Okinawa, no Japão. A acompanhar estavam cerca de 20 pessoas, entre família e amigos.

- “Os nossos pais cresceram na China e fizeram tudo como manda a tradição, mas a nossa geração cresceu em Macau, uma cidade com influência ocidental”, aponta William.

- “Só posso agradecer ter tido o apoio da família, o que não é comum, porque há quem force os filhos a casar-se de forma tradicional”, acrescenta Grace.

Para esta jovem jornalista, a igreja, o vestido branco eram sonhos de criança. Por várias vezes, viu outras noivas entrarem na igreja acompanhadas pelo pai, caminharem até ao altar, dizerem que sim. Grace e William não são baptizados, católicos, nem acreditam em Deus – “talvez em alguém que olhe por nós”.

CURIOSIDADES

O **coco** faz parte de um grupo de objectos simbólicos que se compra antes do casamento. Em chinês, a palavra coco diz-se *yezi*, e pronuncia-se da mesma forma que as palavras ‘avô’ e ‘criança’. Por isso é um fruto auspicioso, representando uma família grande.

O **ouro** revela o estatuto da noiva. Nas pulseiras, fios e medalhões constam inscrições ligadas ao casamento, como o símbolo de dupla felicidade (囍) – a repetição do carácter 喜, que significa felicidade.

No dia do casamento, a noiva deixa a casa dos pais debaixo de uma **sombrinha vermelha** para se proteger de todos os males. Amigos e familiares atiram arroz para desviar a atenção dos espíritos malignos. Diz-se que este espírito tem a forma de galinha e que o arroz pode desviar a atenção do animal.

A **troca de vestidos** durante o dia do casamento pretendia fazer prova da riqueza dos pais ou da generosidade dos sogros. Ainda hoje, as noivas de Macau continuam a respeitar esta tradição, embora o número de vestidos utilizados seja menor.

Em Okinawa, este não era um requisito. Grace e William casaram-se pela igreja, numa cerimónia católica, e em inglês. “Quando entrei na igreja comecei a chorar, sem conseguir parar. Chorei durante toda a cerimónia”, recorda Grace.

William nunca pensou casar pela igreja no Japão, nem fazer a sessão fotográfica pré-casamento na Coreia do Sul.

- “Na cultura actual do casamento, o homem é apenas o pano de fundo. A personagem principal é a mulher. Mas se a podemos fazer feliz, por que não?” ■

CASAMENTO PASSO-A-PASSO



1

PROPOSTA

Antigamente a proposta de casamento era feita por intermédio de uma casamenteira. Hoje, a figura da casamenteira caiu em desuso. É aos noivos a quem cabe a decisão de casar



2

COMPATIBILIDADE DE DATAS

Ir aos templos para consultar um geomante ou outros meios adivinhatórios para assegurar que as datas de nascimento dos casais são compatíveis entre si. Estes elementos são cruzados ainda com a data de casamento. Muitas famílias em Macau continuam a seguir a tradição



3

PRESENTES

Troca de presentes entre as famílias dos noivos. É enviada uma quantia em dinheiro, combinada previamente entre os dois lados, à família da noiva. As somas são hoje simbólicas e contêm números auspiciosos, como 38 mil patacas ou 68 mil patacas – o número 8 significa riqueza e fortuna



11

BANQUETE

O dia do casamento termina com um banquete, com seis a oito pratos diferentes a serem servidos na ocasião. No restaurante, são reservadas mesas de Mahjong para os convidados jogarem (a dinheiro) até pouco antes do banquete começar. Realizam-se ainda as sessões fotográficas com os noivos. A noiva troca várias vezes de vestido ao longo da cerimónia. No passado, chegava a usar cerca de oito vestidos diferentes como prova da fortuna dos pais



10

PASSEIO PELA CIDADE

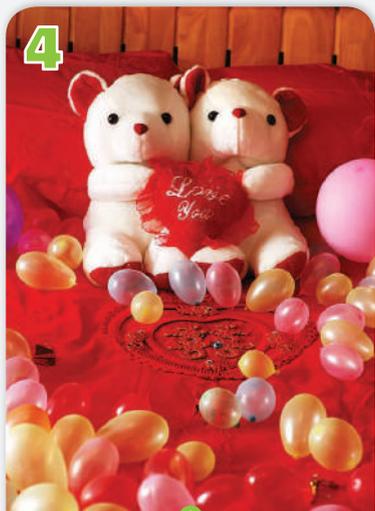
Os antigos cortejos nupciais, feitos numa cadeirinha florida, deram lugar aos passeios de automóvel pela cidade. As viaturas seguem enfeitadas com flores e o itinerário é planeado, evitando-se a passagem por lugares como cemitérios e hospitais



9

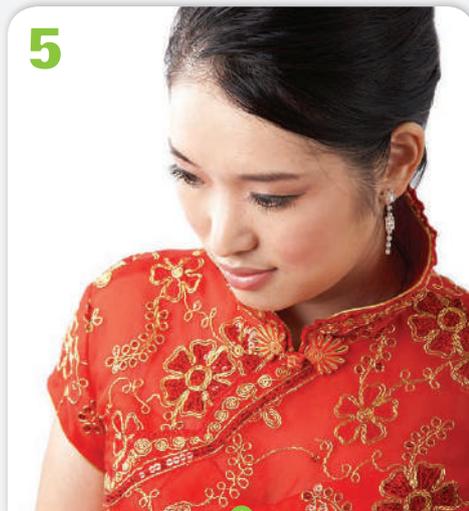
REGRESSO A CASA DOS PAIS DA NOIVA

Antigamente, a noiva regressava a casa dos pais um mês depois. O período foi gradualmente diminuindo e hoje regressa na companhia do marido no mesmo dia. Levam um leitão assado e outros presentes. O leitão, de cor avermelhada, simboliza prosperidade e virgindade. No passado, a não realização deste ritual poderia significar que a noiva não tinha ido virgem para o casamento



4 PREPARAÇÃO DA CAMA

A decoração da cama era feita com alguma antecedência nos tempos antigos. Hoje prepara-se pouco antes da boda. Em cima do leito nupcial podem colocar-se pevides vermelhas e sementes de lótus, que são sinal de fertilidade, e tangerinas, que simbolizam fortuna



5 PREPARAÇÃO DA NOIVA

Este passo perdeu grande parte do simbolismo, embora os lares de Macau continuem a realizar pelo menos o ritual de pentear a noiva. Enquanto a mãe – ou outra mulher mais velha da família – penteia a noiva, vai entoando palavras de boa sorte. O ritual celebra a entrada na idade adulta. Numa bandeja ao lado estão vários objectos, como uma régua para medir a riqueza ou uma tesoura para trazer sorte



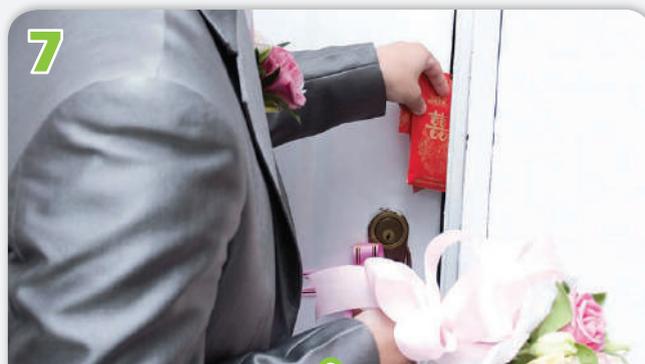
6 CERIMÓNIA RELIGIOSA

Ainda se observa em Macau o ritual da de homenagem às divindades e antepassados. Cada um dos noivos faz três vénias diante dos altares das respectivas casas. Antigamente, apenas o noivo participava neste ritual porque as mulheres estavam proibidas de prestar culto directo aos ancestrais



8 CERIMÓNIA DO CHÁ

O ritual, muito presente em Macau, é realizado primeiro em casa da noiva e depois em casa do noivo. O casal presta homenagem aos pais e outros membros da família, servindo-lhes chá. Em troca, são compensados com *lai-sis* e jóias de ouro



7 NOIVO VAI BUSCAR A NOIVA

As amigas da noiva tentam dificultar a entrada do noivo em casa. Este tem de provar o amor pela futura mulher através de uma série de jogos. A tradição é um teste à perseverança do noivo e a prova da importância da jovem que está a ser afastada do lar e do círculo de amigas



De exposição em exposição

T CATARINA DOMINGUES
F GONÇALO LOBO PINHEIRO

DENISE HO e Kobe Wong estão na Exposição de Casamento da Ásia na Torre de Macau à procura de opções para o banquete. “Queremos uma coisa pequena, só para a família”, dizem em entrevista à MACAU.

Orçamento: 15 mil patacas. É este o valor que estão dispostos a pagar por um banquete tradicional chinês, ao gosto dos pais. Mas a oferta, lamentam, está acima das possibilidades. “Hoje em dia, as pessoas querem provar algo

socialmente aos amigos”, diz Denise, criticando o “desperdício”. “Depois do banquete, vai tudo para o lixo”, nota.

O casal vai acabar por regressar a casa sem negócio fechado.

Nesta exposição de casamento, que decorreu em Abril deste ano, estiveram representadas mais de 50 empresas de Macau, Hong Kong, Taiwan, Coreia do Sul e do Interior da China. No primeiro dia, Lo Tak Chong, vice-presidente da Associação Comercial da Indústria de Casamento, disse aos jornalistas que, “apesar da contracção económica”, o número de casamentos

não se deverá ressentir em Macau – são cerca de 4000 por ano.

O responsável pela organização disse também que espera que o evento possa manter o aumento de 10 por cento no volume de negócios registado no ano passado.

Este ano, os jovens casais estão dispostos a pagar menos pelo grande dia: 10 mil patacas para o programa de pré-casamento e entre 5000 a 6000 patacas por mesa para o banquete, referiu ainda Lo.

Um pouco acima deste orçamento, estão os pacotes da empresa taiwa-





MAIS RESORTS INTEGRADOS ESTÃO A APOSTAR NO SECTOR DOS CASAMENTOS COMO FORMA DE DIVERSIFICAR OS SEUS NEGÓCIOS



nesa BellaOne. Por 18 mil patacas é possível passar duas noites num hotel de cinco estrelas e fazer a sessão fotográfica pré-casamento em Taiwan. A viagem fica à responsabilidade dos casais.

Só no ano passado, a empresa levou 200 casais da região a Taiwan. Os cenários das ilhas são os elementos que pesam nesta escolha, refere Liz, responsável pelo negócio.

A participar na Exposição de Casamento da Torre de Macau há quatro anos, a BellaOne oferece um leque de serviços focados sobretudo na sessão fotográfica pré-casamento e no banquete, em Taiwan e na Coreia do Sul. “O cinema coreano está muito na moda e as pessoas querem ficar iguais às estrelas do ecrã”, nota.

Hollie Yeung, uma das sócias da The Anabas 3Production, uma empresa de Hong Kong, pagou 60 mil patacas para estar aqui. A empresa de produção, ligada à maquilhagem, fotografia e vídeo, quer “aproveitar o grande mercado que é Macau” e a “falta de profissionais locais” para atrair clientes.

“Uma amiga de Macau ligou-me um dia destes e disse: ‘Hollie, achas que me podes apresentar um maquilhador, porque não há cá muitos’”.

Aposta dos hotéis

O vice-presidente do sector das Convenções e Exposições da Sands China, Gene Capuano, estima que a organização de casamentos possa ser responsável por entre cinco a seis por cento das receitas totais do sector das convenções e exposições (MICE, na sigla inglesa) da empresa norte-americana em Macau.

A Sands China organiza por ano cerca de 200 casamentos – na maioria participam entre 250 e 400 convidados. “Fazemos os casamentos de grande dimensão no salão do Venetian e já chegámos a ter entre 1500 e 2000 convidados nesse espaço”, nota Capuano.

Focada sobretudo no mercado local, a empresa aposta também em nichos. “O que teve mais sucesso até agora foi o mercado indiano”, diz o responsável, realçando, porém, a di-



ficuldade que é trazer “centenas de convidados à cidade”.

Os preços dos banquetes, que incluem quarto de hotel e outros serviços extra oferecidos pelas várias propriedades da Sands China na região, podem variar entre as 9000 e as 25 mil patacas por mesa.

Em Macau há cerca de oito anos, Gene Capuano acredita que, com a queda das receitas do jogo, são cada vez mais os hotéis-casinos na região a apostar na organização de casamentos como forma de diversificar as receitas. “Essas empresas só organizavam casamentos e eventos sociais aos fins-de-semana, porque não queriam desperdiçar quartos com clientes que não fossem jogadores.”

Também o Sofitel Ponte 16 tem como público-alvo os casais de Macau, que compõem mais de 90 por cento dos clientes da unidade hoteleira. Por ano, o Sofitel organiza cerca de 80 casamentos. Guillaume Gallas, director-geral do hotel, acredita que estes números deverão manter-se também em 2016. “Todos os anos abrem hotéis em Macau, claro que a quota de mercado vai sendo cada vez mais pequena e, para nos mantermos, vamos tentando ampliar o negócio, é sempre um desafio.”

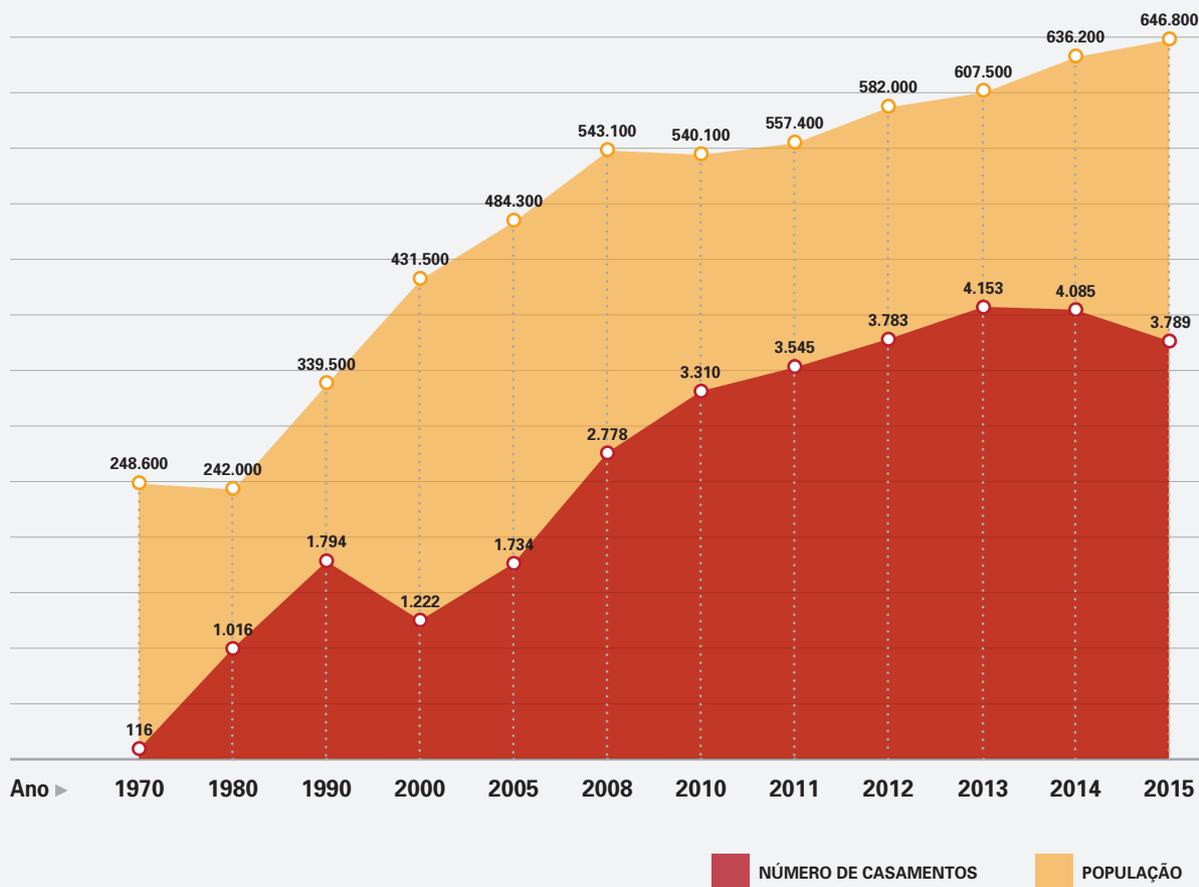
Os preços dos menus começam nas 9000 patacas, podendo chegar às 15 mil patacas por mesa. À semelhança da Sands China, também aqui estão incluídos outros serviços para quem

celebrar o casamento nesta propriedade. A utilização da limusine, lugares de estacionamento, serviço fotográfico e quarto de hotel são alguns deles.

Guillaume Gallas acredita que empreendimentos como o Sofitel, que dispõem de salões para cerca de 400 convidados, serão sempre uma opção para a população de Macau. “Para os chineses não se trata apenas do casamento, mas é uma questão de face, também para a família e para os amigos e, por isso, geralmente centenas de pessoas são convidadas para um casamento.”

De acordo com o responsável, o sector do casamento corresponde a cerca de 10 por cento das receitas totais do hotel, podendo variar ao longo do ano. ■

CASAMENTOS EM MACAU



ESTAMOS MAIS PERTO DE SI!

Macau 澳門

A PARTIR DE AGORA A REVISTA MACAU PODE SER LIDA ATRAVÉS DE UM SIMPLES CLIQUE

Disponível na Apple Store e no Google Play, a nova aplicação da **MACAU** em língua portuguesa para telefones inteligentes e tablets disponibiliza, em formato PDF, todas as revistas da série IV. Pode mesmo descarregar a edição pretendida e lê-la, mais tarde, em modo offline.

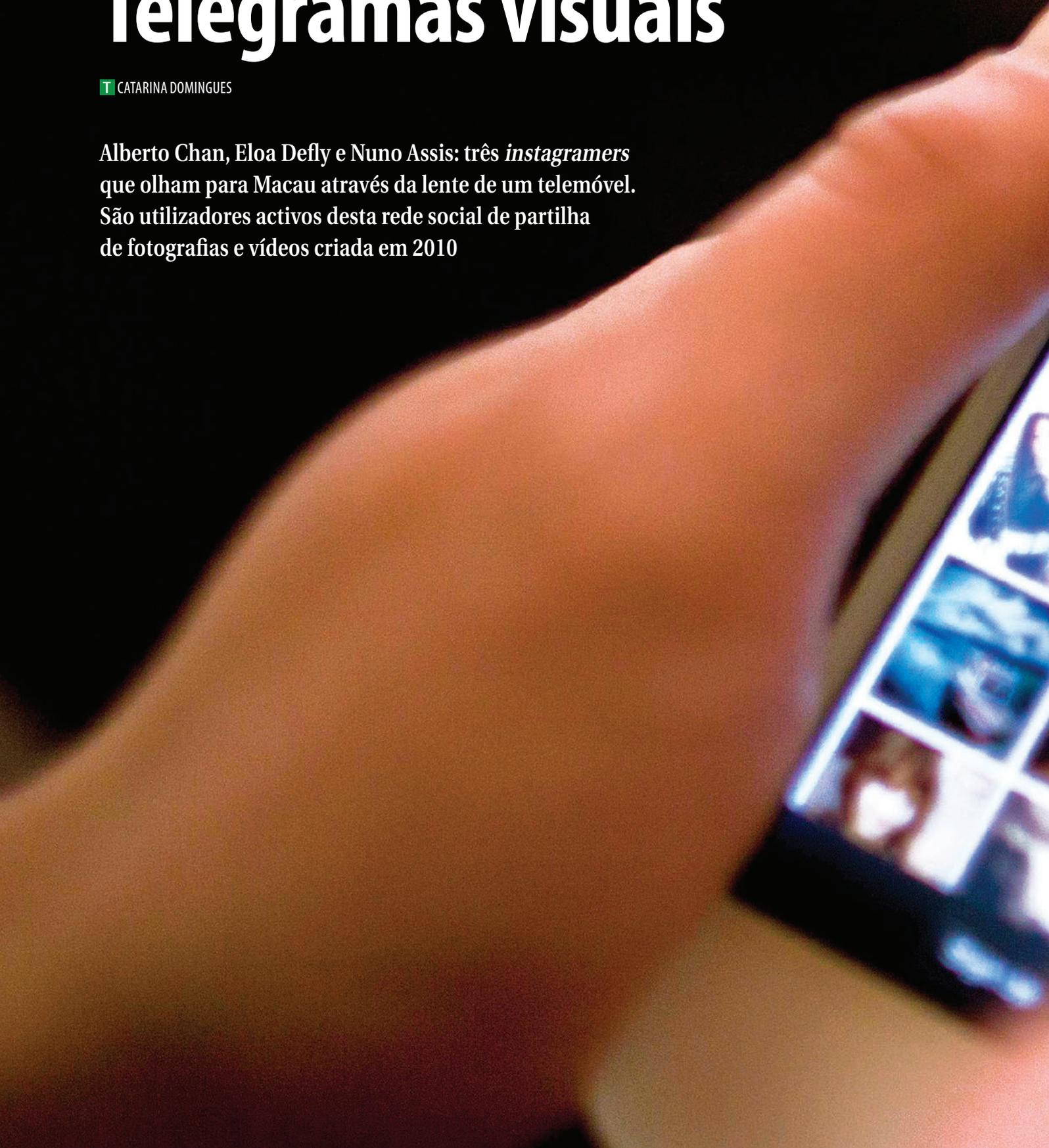


SOCIEDADE **M**

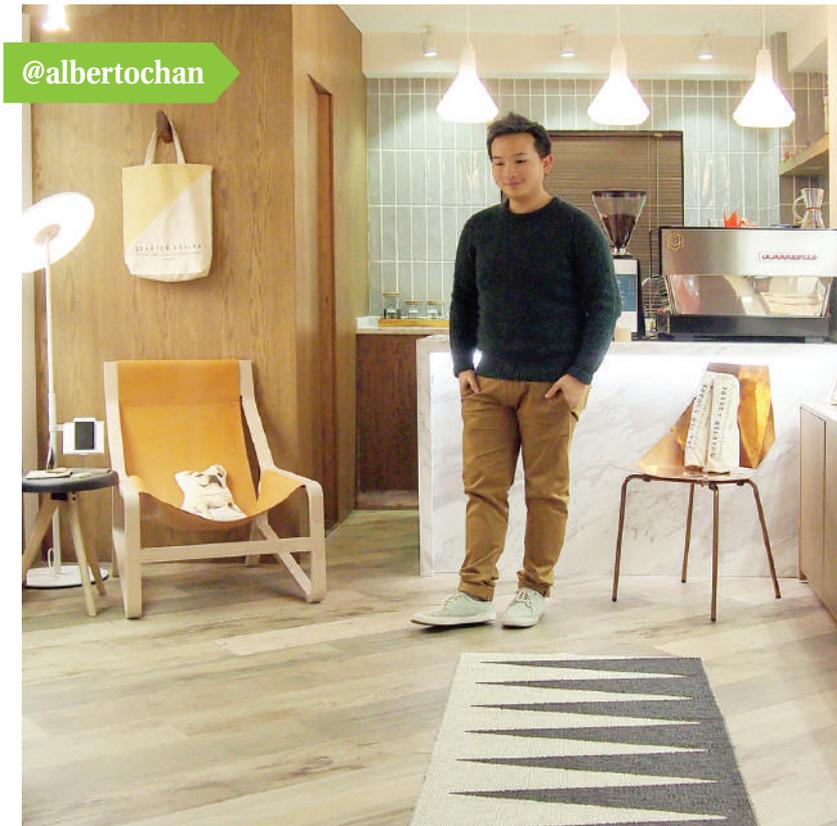
Telegramas visuais

T CATARINA DOMINGUES

Alberto Chan, Eloa Defly e Nuno Assis: três *instagramers* que olham para Macau através da lente de um telemóvel. São utilizadores activos desta rede social de partilha de fotografias e vídeos criada em 2010







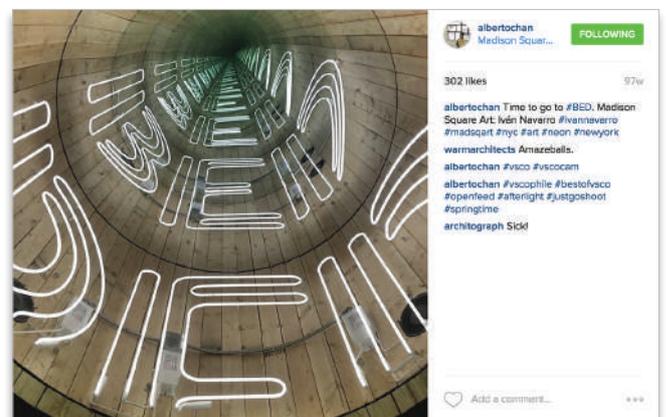
ERA INVERNO em Nova Iorque. Alberto Chan, a estudar Design de Interiores nos Estados Unidos, andava pela baixa de Manhattan quando descarregou a aplicação da semana: Instagram. A primeira fotografia seria tirada mais tarde, no MOMA (Museu de Arte Moderna) – era uma maquete numa exposição de arquitectura. Alberto Chan escolheu um filtro a preto e branco e publicou a primeira entrada no mural do Instagram. “Pequena escala, grande mudança”, pode ler-se na legenda.

Hoje, cinco anos mais tarde, e já de regresso a casa, Macau, percorre com o polegar o monitor do telemóvel. É uma questão de minutos até chegar ao fundo do mural, à fotografia onde tudo começou. Está lá, tirada há 278 semanas. “O Instagram ajuda-me a lembrar onde estive”, diz.

Ao olhar as mais de 2000 fotografias publicadas no mural de Alberto Chan, é quase possível traçar um perfil do designer. E é como se estivéssemos a espreitá-lo atrás da porta e a ver o que anda a fazer: Alberto Chan andou frequentemente de metro em Nova Iorque, frequentou lavandarias *self-service*, assistiu às manifestações do *Occupy Wall Street*, foi ao concerto de Kylie Minogue e viajou até Koh Samui, Copenhaga e Londres. Quando regressou a Macau, abriu a loja *Quarter Square*, na Taipa. Para quem segue diariamente Chan no Instagram, é fácil perceber

também as mudanças no conteúdo e composição fotográfica. “No início fotografava aleatoriamente pessoas na rua, mas quando terminei os estudos comecei a retratar aspectos mais ligados à profissão.”

Para fotografar Macau “há que explorar muito para fugir ao circuito turístico”, diz. “Talvez se tenha que voltar aos edifícios altos da cidade e fotografar cá para baixo, como se fazia há uns anos. Criou muita polémica.”





“A MINHA vida mudou consideravelmente no dia em que comecei a usar óculos para corrigir a miopia. Nem podia acreditar como era bonito o mundo em que vivemos. Não consigo imaginar o que seria se me voltassem a retirar a visão.” É assim que Eloa Defly, em Macau há cerca de cinco anos, se começa por apresentar na página do Instagram.

A entrada nesta rede social, que aconteceu pouco depois de chegar à cidade, era óbvia: formado em Redes e Telecomunicações no Togo, país africano no Oeste africano, onde nasceu, encontrou numa só aplicação de telemóvel várias áreas de interesse: a fotografia, novas tecnologias e redes sociais.

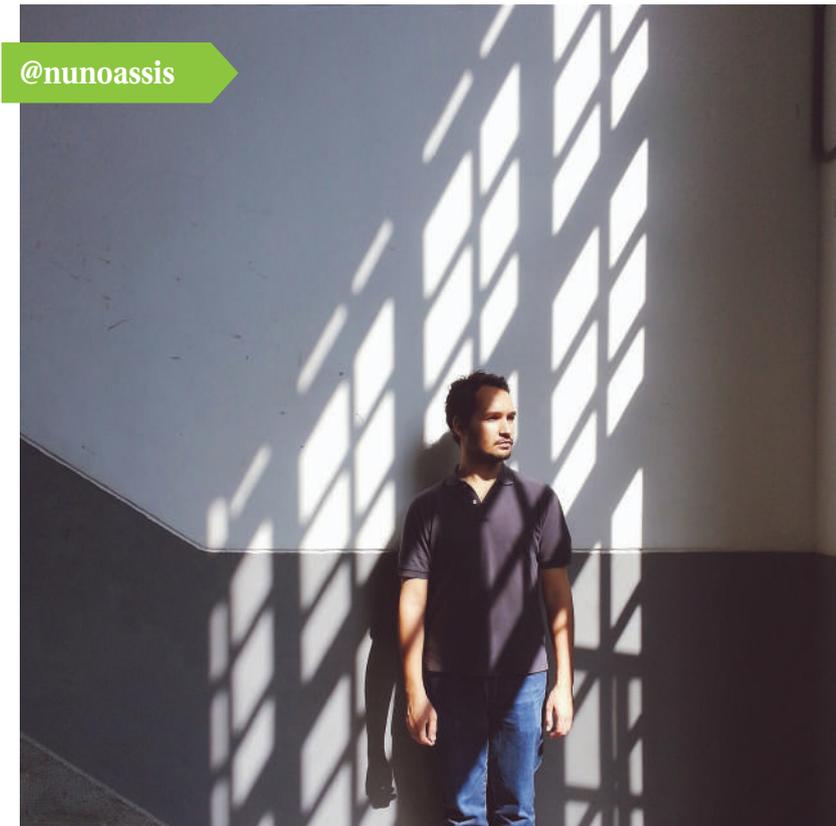
“Deu consistência ao meu trabalho fotográfico”, nota Eloa Defly, que vê o Instagram como uma “reconfiguração” de todo o processo fotográfico. “Quando tens uma câmara nas mãos, tens de lidar com o ISO, a abertura [do diafragma] e todos esses detalhes técnicos. No telemóvel, dependes de uma lente e não controlas uma série de coisas”.

A frequentar o último ano de Arquitectura na Universidade de São José, este estudante regista sobretudo imagens da cidade. Fotografia urbana, pessoas e arquitectura: são estes os temas que se distinguem nos pequenos quadradinhos do mural de Eloa no Instagram.

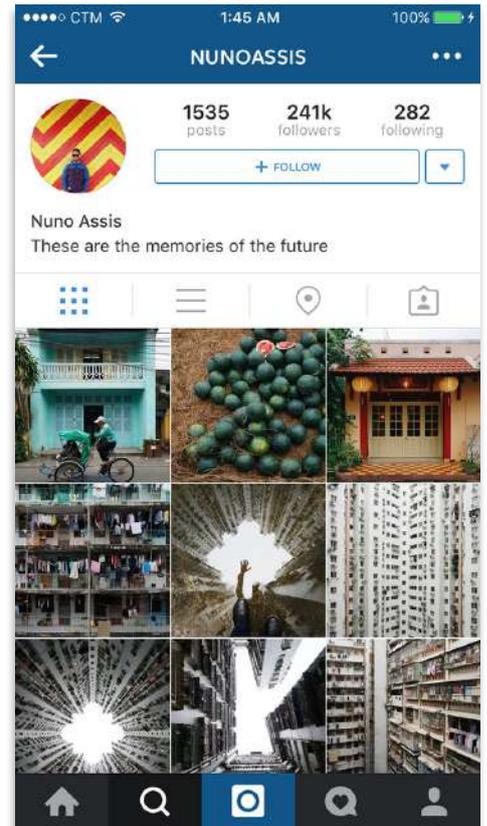
Mas para este utilizador, a rede social vai além do conceito de “fotografia como arte”: permite entender as pessoas, os locais que frequentam, os interesses que têm.

Muitos dos amigos que Eloa fez longe de casa são *instagramers* activos. Participante frequente nos *Instameet* (ver instadicionário) de Hong Kong, o togolês lamenta que falte entusiasmo à comunidade de Macau para se reunir. Foi numa dessas ocasiões que conheceu Nuno Assis.





@nunoassis



OS NÚMEROS dizem tudo: 241 mil seguidores e mais de 1500 fotografias publicadas desde 2013. Nuno Assis é arquitecto e está em Macau há sete anos. É um fenómeno mundial do Instagram. A conta deste português já foi considerada uma das 21 mais criativas no mundo pelo website *Buzzfeed*.

Foi muito por culpa da namorada, que já tinha conta nesta rede social (@catarinalamy com 38,5 mil seguidores), que Nuno Assis deu uma hipótese ao Instagram. “Foi um despertar do gosto pela fotografia”, começa por dizer. “Na altura, utilizava uma máquina convencional, transferia as fotografias para o iPod e publicava-as.”

A compra de um *smartphone* coincide com o destaque dado pela página do Instagram à conta de Nuno Assis. Ganhou visibilidade, os mil seguidores passaram a ser 10 mil. E o Instagram tornou-se parte do dia-a-dia.

A arquitectura está sempre lá, e as pessoas também. Foi Nuno Assis que criou a *hashtag* (ver instadicionário) *#architectureandpeople*, já com mais de 41 mil entradas. “A minha fotografia tem muito a ver com a procura da geometria num ambiente urbano, com a repetição, a densidade populacional de Macau e os edifícios em altura. Mas a certa altura, achei que a fotografia de arquitectura necessitava de escala, da relação com a pessoa, com o homem”.

Foi através desta plataforma de partilha de fotografias que o utilizador português acabou por ser solicitado para fotografar produtos de marcas internacionais. Em Taipé, capital de Taiwan, fotografou em conjunto com outros cinco *instagramers* da China produtos para a nova colecção da ACG, da Nike. “Tiramos fotografias aos produtos, publicamos, pomos um *hashtag*, é uma forma de publicidade”, explica. O trabalho final esteve em exposição em Xangai. ■





COMO TUDO COMEÇOU

O Instagram é uma rede social online de partilha de fotografias e vídeos, que permite aos utilizadores a aplicação de filtros digitais e a sua publicação em várias outras redes sociais. Uma das características iniciais que distinguiu este serviço foi a limitação das fotos a um formato quadrado, semelhante ao das câmaras Polaroid. Lançado em Outubro de 2010 pelo norte-americano

Kevin Systrom e pelo brasileiro Mike Krieger, o Instagram atingiu 100 milhões de utilizadores activos em 2012 e ultrapassou os 400 milhões no ano passado. O serviço, que tem vindo a alargar o leque de opções de edição, foi adquirido pelo Facebook em 2012 por cerca de mil milhões de dólares americanos (cerca de oito mil milhões de patacas).

INSTADICIONÁRIO

Ghost follower – utilizadores que começam a seguir uma conta, mas que nunca estão presentes nas publicações. Servem para aumentar o número de seguidores.

Geotag – ferramenta que permite adicionar as coordenadas geográficas onde foram tiradas as fotografias.

Hashtag – é uma palavra-chave precedida pelo símbolo #, que as pessoas incluem nas mensagens. Permite que o conteúdo de uma publicação seja acessível a todas as pessoas com interesses semelhantes.

Instagram – rede social de partilha de fotografias e vídeos. O nome junta as palavras “instantâneo” e “telegrama”.

Instameet – encontro de utilizadores do Instagram para tirar fotografias ou fazer vídeos.

No filter – serve para dizer que a fotografia foi publicada sem filtros.

Lookup – fotografia tirada a um grupo de edifícios em plano contrapicado.

Mini Oumun – encontros de *instagramers* em Macau, que envolvem poucos utilizadores.

TBT (throwback Thursday) – hashtag que se utiliza para, a cada quinta-feira, publicar uma fotografia antiga.

FBF (flashback Friday) – sexta-feira é uma nova oportunidade de publicar uma foto antiga, caso se tenha.





Chineses com sotaque português

Nasceram na China e chegaram ainda crianças a Portugal ou já nasceram em solo português, filhos de pais chineses. Histórias de quem vive dividido entre duas culturas

T MÓNICA MENEZES
F PAULO CORDEIRO
Em Portugal

CHEN YAO, 18 anos, nem se lembra como era a sua vida antes de chegar a Portugal. Chegou com quatro anos, vindo de Tianjin, perto de Pequim. O pai já estava em terras lusas há dois anos a implementar o seu negócio de terapias chinesas. Na China, Chen Yao nunca tinha frequentado a escola; em Portugal, mal chegou, sem saber dizer uma palavra em português, os pais inscreveram-no num colégio católico. “Foi difícil. Eu lembro-me que falava com os professores e os alunos em chinês porque não sabia muito bem o raciocínio, éramos de sítios completamente diferentes e falávamos línguas completamente diferentes. Falava com eles em chinês e pensava que percebiam”, recorda. A aprendizagem acabou por ser rápida. Ao fim do primeiro ano já conversava fluentemente com os amigos que tinha acabado de fazer e nunca mais teve vontade de regressar à China. “Adaptei-me tão bem. Além disso, eu era muito pequenino e, por isso, a minha vida era só seguir o que os meus pais estavam a fazer”, conta a rir-se.

O estudante de Engenharia Informática está completamente adaptado ao estilo de vida português, mas sente que dentro da sua casa há alguns choques culturais e não consegue, assim, definir se tem uma educação chinesa ou portuguesa. “É um choque de culturas. Em casa, os

meus pais dizem uma coisa que está certa e que se calhar não é certa aqui na cultura estrangeira. Em princípio, eu percebo o raciocínio dos dois lados e, se calhar, percebo mais do que outras pessoas.”

A mistura de culturas também trouxe uma mistura de línguas para dentro de casa. Os pais pouco ou nada falam português, Chen Yao fala mandarim e consegue entender, mas não sabe escrever nem ler chinês. Já o irmão mais novo, de dez anos, está

a aprender três línguas ao mesmo tempo – português, inglês e mandarim – e isso tem-se tornado uma dificuldade na vida do próprio. “Com o meu irmão falo uma mistura de português e mandarim, o que se torna uma língua que nem nós sabemos bem o que é!” No que toca à gastronomia, Chen Yao gosta dos pratos típicos dos dois países. Gosta da massa e do arroz da China e perde-se com os bifés de Portugal. “Com batata frita e ovo estrelado.”

O estudante vai à China de três em três anos e vive em Portugal há 16. Assim, sente-se mais português ou mais chinês? “Não sei. Tenho aqui a família do pai e lá a família da mãe, por isso, para mim, os dois lados são confortáveis. Não consigo distinguir o que é melhor”, diz. E acrescenta: “Sou chinês, mas quem me conhece bem sabe que tenho um raciocínio mais português, porque cresci aqui...”

Segundo dados dos Serviços de Estrangeiros e Fronteiras de Portugal (SEF), a China passou, em 2014, a ser



CHEN YAO É UM DOS 21.402 IMIGRANTES CHINESES EM PORTUGAL. EM 2014, A COMUNIDADE CHINESA PASSOU A SER A QUINTA MAIS RELEVANTE ENTRE OS ESTRANGEIROS



a quinta comunidade imigrante mais relevante (21.402) no país, com um crescimento de 14,8%, suplantando Angola (19.710). Neste número não estão incluídos os chineses da segunda geração, já nascidos em território português. Os principais negócios da comunidade chinesa são as lojas que vendem de tudo um pouco – há mais de 6000 espalhadas pelo país – e os restaurantes. Há também, em menor número, negócios no imobiliário, agências de viagens, advocacia e contabilidade. Uma parte deles cresceu graças aos vistos dourados, que já atraíram a Portugal 1909 investidores, segundo dados do primeiro semestre de 2015. A comunidade chinesa continua a crescer e também precisa de serviços. Em Lisboa, que tem uma pequena versão de China Town na zona do Martim Moniz e In-

tendente, tornaram-se frequentes as placas com anúncios em chinês.

Divisão perfeita

A mãe é chinesa. O pai é português. Os filhos, Carlos, 17 anos, e Ana, 15, são uma mistura dos dois. A educação, assegura Carlos, o filho mais velho, é portuguesa, até porque é em Portugal que vivem. No que toca à

ANA E CARLOS SÃO FILHOS DE MÃE CHINESA E PAI PORTUGUÊS. EM CASA FALAM TANTO PORTUGUÊS COMO MANDARIM, MAS TÊM EDUCAÇÃO À PORTUGUESA

língua, com a mãe falam em mandarim e com o pai em português para o patriarca não se sentir excluído. Mas houve um momento em que Carlos sentiu que devia descobrir mais sobre o país que também faz parte da sua história. “Nós não tínhamos contacto nenhum com a China, aliás, a China era uma cosia completamente distante para nós. Estivemos lá um ano a estudar e, assim, pudemos conhecer a nossa avó, o resto da família, aprender chinês e a cultura chinesa”, explica Carlos. Já Ana não partiu com muita vontade, mas acabou por adorar o ano que lá viveu. “Tinha um bocado de medo, achava que não ia gostar. Mas agora quando as pessoas perguntam se já fui à China posso dizer que sim.”

Nesse ano viveram num dormitório com alunos de várias nacionalidades

e Ana não se esquece do que pensava sobre as cinco colegas de quarto chinesas. “Elas ficavam todos os dias a estudar até à uma e meia da manhã. Trabalhavam até às 23h00 e depois ainda iam estudar! Não conseguia perceber como eram tão resistentes”, comenta. Educação rígida é algo que os dois irmãos destacam como diferença entre um país e outro. “Lá dão mais valor aos resultados, não é que aqui não dêem, mas é diferente. Na China os pais são mais rígidos e os filhos mais focados. A cultura, a mentalidade e a dimensão é completamente diferente. A China é um país gigante”, aponta Carlos.

Na escola, Carlos e Ana acabam por ser sempre alvo de alguma curiosidade por parte dos colegas. Perguntam-lhes algumas vezes se sabem falar chinês e, inevitavelmente, querem aprender as palavras mais atrevidas. “Para além de quererem saber como se diz asneiras em chinês, também perguntam muitas vezes se comemos coisas esquisitas em casa como lagarto e cão”, diz, divertida, Ana. E acrescenta: “Nós não comemos isso!” O que se come, então, na casa desta família luso-chinesa? “É um bocado estranho. Às vezes a minha mãe faz comidas portuguesas, mas põe molho de soja”, revela a estudante de Artes. Mas Carlos defende a mãe: “Sendo chinesa, a nossa mãe até faz comida portuguesa muito bem. Faz bacalhau com natas, carne de porco à alentejana...”

Entusiasmados, contam que querem continuar a aprender mandarim. Sabem que profissionalmente é uma língua que os poderá levar muito longe e, por isso, já estão a ter aulas em Portugal. Ana assegura que não acha uma língua muito difícil e até acredita que são os chineses que sentem mais dificuldades a aprender português. “Os chineses não conseguem utilizar os erres e em Portugal usa-se muito essa letra. Para além disso, em Portugal há a conjugação dos verbos, coisa que não há em chinês”, explica. Divididos entre os dois países, não se imaginam a viver na Chi-



na, mas desde que passaram lá um ano que se sentem mais próximos dos chineses. “Quando vejo um chinês não sinto uma grande distância perante essa pessoa. As piadas que faço em português, eles conseguem entender.” Carlos concorda com a irmã. “Os chineses têm um sentido de humor um pouco latino.” E Carlos e Ana são mais chineses ou mais portugueses? “Somos portugueses e sentimo-nos portugueses. Mas depois do ano que passámos na China já os compreendemos e sentimos uma proximidade”, resume Carlos.

Advogada chinesa em Portugal

Para Lin Man foi um processo difícil ir viver para Portugal. Tinha oito anos, já frequentava a escola perto de Xangai e ir viver para um país desconhecido onde nem uma palavra da língua sabia dizer não foi, de todo, simples. “Como não falava a língua, tive de voltar a fazer o primeiro ano. Na escola, eu e a minha irmã não percebíamos nada, mas na altura tivemos uns colegas chineses que já estavam em Portugal há mais tempo e ajudavam-nos a fazer as traduções do que era dito e ensinavam-nos as coisas básicas”, assume aquela que foi a primeira chinesa a formar-se em Direito em Portugal.

OS PRINCIPAIS NEGÓCIOS DA COMUNIDADE CHINESA SÃO AS LOJAS QUE VENDEM DE TUDO UM POUCO — HÁ MAIS DE 6000 ESPALHADAS PELO PAÍS — E OS RESTAURANTES. HÁ TAMBÉM, EM MENOR NÚMERO, NEGÓCIOS NO IMOBILIÁRIO, AGÊNCIAS DE VIAGENS, ADVOCACIA E CONTABILIDADE

O pai de Lin Man chegou a Portugal em 1981 e a advogada, a mãe e a irmã mais velha só vieram um ano depois. Embora na China nada tivessem a ver com restaurantes, foi na área da restauração que os pais de Lin Man fizeram carreira em Portugal. Começaram primeiro a trabalhar no restaurante de um grande amigo, depois compraram o seu próprio espaço e foi deles a ideia de vender pela primeira vez em Portugal o Pato Lacado à Pequim. “Naquela altura, a China era um país muito fechado e o meu pai tinha o espírito de empreendedor, queria fazer algo diferente, queria criar um negócio.” Foi por isso que partiram para Portugal. “Os primeiros anos foram muito difíceis, puxados, até, não só para aprender a língua, mas também em termos financeiros”, confidencia Lin Man. Mesmo assim, nunca sentiu vontade de regressar ao país que a viu nascer. “Tinha boas recordações dos oito anos que vivi na China. Lembrava-me da escola e das regras completamente diferentes, mais rigorosas, os professores muito exigentes, muitos trabalhos de casa.” Na sua casa, esta exigência e rigor também se manteve, tudo porque o pai chinês não se deixou contagiar pelos hábitos portugueses. “Não tive muita liberdade. Foi uma educação muito rigorosa, exigente e tradicional”, explica. Mas até fica satisfeita que assim o tenha sido. Claro que foi difícil, claro que nem sempre lhe apetecia ir ajudar no restaurante dos pais nos intervalos das aulas, mas até nesses momentos sente que aprendeu e isso acabou por se tornar uma mais-valia na sua vida. “Primeiro estávamos ao balcão, depois é que passámos a servir. Foi uma forma de comunicar com as pessoas e aprender mais a língua. Conversávamos, fizemos amigos. Foi uma experiência muito importante para o meu desenvolvimento pessoal e profissional”, conta.

O curso de Direito foi uma opção sugerida pelo pai. A irmã mais velha estava a estudar Economia, mas como Lin Man não era boa aluna a Matemática, ser advogada pareceu-lhe uma boa hipótese. O percurso foi difícil. “Exigia



uma total compreensão da língua portuguesa e eu sabia que não me podia comparar aos meus colegas. Mas fui aprendendo com muita força de vontade, apesar de estar a trabalhar ao mesmo tempo. Eu devia estudar o dobro dos meus colegas por causa do português. Hoje em dia é muito raro ver um filho de emigrantes chineses a fazer o curso de Direito porque é muito difícil.” Lin Man exerce advocacia no maior escritório de advogados português e abarca um nicho do mercado cada vez mais



Lin Man chegou a Portugal quando tinha oito anos de idade. Hoje é advogada no maior escritório português

influyente. “São chineses da comunidade chinesa, chineses que estão na China e que querem investir em Portugal ou em países de língua portuguesa, e também há os portugueses que têm relações comerciais com a China ou querem fazer negócio com a China”, refere. Fazer o curso, para Lin Man, foi um esforço que valeu realmente a pena. “Foram cinco anos de licenciatura e quase dois de estágio. Foi duro.”

Lin Man é casada com um chinês que, curiosamente, conheceu na

China durante uma das visitas que faz anualmente ao seu país de origem. “Ele veio para Portugal por uma boa causa”, conta divertida. São pais de duas filhas que têm nomes portugueses, mas também chineses. “É a Natacha Lin Zu e a Jéssica Lin Zu. Pus à moda portuguesa com o nome da mãe e do pai, fiz questão de ter o meu nome.” Este é um pormenor que mostra o quão portuguesa Lin Man já é. “Na minha maneira de pensar já sou muito portuguesa e já tenho

a paciência típica dos portugueses. Na China as pessoas querem resolver tudo muito depressa, ficam muito nervosas porque foram criadas naquele ambiente de muito stresse.” Naturalmente, também há muito de China no seu sangue. “A educação dos meus pais foi muito importante para manter os valores tradicionais, o respeito pelos mais velhos. Se eles tiveram o cuidado de cuidar de nós, quando envelhecem é a nossa vez de cuidar deles.” ■

Retratos

F Locanda Films

O meu nome é Yin Xihou, tenho 69 anos e sou dono de uma loja de antiguidades na Rua da Tercena que desde 1945 pertence à minha família.

Comecei a trabalhar com o meu pai quando tinha oito anos e desde então nunca mais parei. O meu pai comprava móveis antigos, coisas em madeira e todo o tipo de tralha. Um pouco de tudo. Trazia tudo para a loja e era preciso limpar, arranjar e pintar. O meu pai nunca conheceu outro emprego. A vida inteira dele foi dedicada a este negócio.

Ele costumava ir a casas velhas, a hotéis e a restaurantes que estavam prestes a encerrar e trazia as coisas de maior interesse. Depois do trabalho de restauro, colocava os móveis e os objectos à venda. Naquela altura, quando eu era apenas um rapaz, eu limitava-me a sentar ao pé dele e observar como fazia. Às vezes ele olhava para mim, parava o que estava a fazer e deixava-me tentar. Foi assim que me ensinou tudo o que sei. Passados uns anos, eu já tinha prática suficiente para fazer tudo sozinho. Foi então que fiquei mais independente e dava uma grande ajuda: enquanto ele andava pelas ruas à procura de material, eu ficava na loja a fazer os restauros e a tratar do comércio.

A maioria das pessoas que entra na loja hoje em dia acha piada às antiguidades, mas na verdade não compra nada. Antigamente, os portugueses eram os nossos melhores clientes. Também tínhamos uma boa clientela de britânicos que viviam em Hong Kong. Não havia quase nenhum chinês que cá entrasse. Isso se prolongou até aos anos 90. Agora as coisas mudaram bastante. Nos últimos 15 anos, os nossos clientes têm sido sobretudo chineses. Raramente aparece um estrangeiro.

Um negócio como este não é fácil de manter. Há uns anos, a renda e a conta de electricidade eram bastante baratas, por isso havia sempre margem para lucro. Mas agora se não és proprietário do teu próprio espaço comercial, é muito mais complicado, porque os custos são muito altos e não dá para ter lucro nenhum. Eu só mantenho este negócio por causa do meu pai. Pouco a pouco ele poupou dinheiro suficiente para comprar o espaço, por isso eu não tenho de pagar renda.

Quando eu comecei a ajudar o meu pai, seguia-a para todo lado. Naquela altura, a escola não era uma coisa prioritária. Não havia tanta variedade e facilidade como há hoje. A minha era muito mais difícil; a minha infância não foi fácil. Hoje há menos preocupações, as coisas estão mais disponíveis. Eu não tive outra alternativa que não trabalhar.

*Este retrato é um dos episódios da série documental *Os Resistentes: Retratos de Macau*, da autoria do realizador António Caetano Faria.



YIN XIHOU ANTIQUÁRIO





SE VIVE EM MACAU E NUNCA MATOU A FOME COM UM PRATO DE *MIN* NUMA LOJA DE SOPA DE FITAS, DEVE REPENSAR A SUA VIVÊNCIA DA TERRA. PODEM NÃO TER A CATEGORIA DE RESTAURANTE, MAS A TRADIÇÃO DESTAS LOJAS AINDA É O QUE ERA, E SE NÃO FOR PELO FABRICO ARTESANAL DAS MASSAS QUE SEJA PELA SUA POPULARIDADE

T PATRÍCIA LEMOS

AS massas chinesas são tão apreciadas que há muito entraram na gastronomia macaense – como na natalícia Sopa de Lacassá. Conquistaram até designação local – loja de sopa de fitas, numa clara referência às tiras de massa fresca *Hor Fun* (沙河粉) de Cantão. E são em cada vez maior número na cidade: em 2014, estavam registadas 815 lojas de sopa de fitas e casas de chá em Macau.

Mas a massa nem sempre teve esse recorte longo. Foi só na Dinastia Tang (618-907) que começou a ter saída na forma de fios e fitas. Até então era cortada em pedaços que eram depois lançados num *wok* com água a ferver. Daí emergia o pão de sopa, ou *tong beng* (湯餅), muito apreciado nos dias frios de Inverno no palácio imperial. A partir de Julho, a massa era outra. De nome *leng tou* (冷陶), esta era servida fria, mantendo-se fresca por mais tempo do que os outros alimentos cozinhados.

Na Dinastia Song (960-1279) os fios de massa foram baptizados de *min* (麵) e já tinham saído das cortes para a rua. Eram o pão nosso de cada dia em cidade antigas como Xi'an, onde havia lojas de sopa de fitas a formigar a noite inteira. O aumento das migrações e do comércio inscreveu-os nas ementas das outras gastronomias asiáticas.

Para além de ser nutritiva e fácil de preparar, a massa ganharia mais atributos logo a partir da Dinastia Tang, como o da durabilidade, com a aplicação de um processo de secagem que a levaria ainda mais longe. Na Dinastia Qing (1644-1912) o *min* já era consumido em toda a China, colecionando sabores regionais. Nos anos 1840 mergulhava num caldo picante com molho de soja em Sichuan, servido com alguns pickles, ficando conhecido como *dan dan min* (擔擔麵), porque era de pau de bambu (*dan*/擔) ao ombro que eram vendidos nas ruas. Mas já antes disso a massa era preparada com técnicas tão eficazes que perdurariam até aos nossos dias.

Ainda na Dinastia Ming (1368-1644) eram cozinhados os primeiros fios dos populares *lamian* (拉麵), de Lanzhou, conhecidos por serem esticados à mão. Uma técnica ancestral que hoje encanta turistas, mesmo em alguns restaurantes requintados de Macau, onde a tradição até era outra. Por cá, amassava-se a massa com um largo pau de bambu, sobre o qual um homem se baloiçava vezes sem conta, pressionando a massa até esta obter a consistência desejada. Ainda existem algumas casas que seguem essa velha fórmula do *zuk seng min* (竹昇麵), como é o caso do Estabelecimento de Comidas Lok Kei, na Travessa da Saudade.

O IMPÉRIO DOS NOODLES

Podem ser finas como cabelos ou grossas como os pauzinhos, cortadas em suculentas fitas, pedaços e folhas. As massas chinesas são fáceis de comprar e cozinhar, em todas as suas versões. Mergulhadas numa sopa ou salteadas num *wok*, apresentadas com



SE VIVE EM MACAU E NUNCA MATOU A FOME COM UM PRATO DE *MIN* NUMA LOJA DE SOPA DE FITAS, DEVE REPENSAR A SUA VIVÊNCIA DA TERRA. PODEM NÃO TER A CATEGORIA DE RESTAURANTE, MAS A TRADIÇÃO DESTAS LOJAS AINDA É O QUE ERA, E SE NÃO FOR PELO FABRICO ARTESANAL DAS MASSAS QUE SEJA PELA SUA POPULARIDADE

T PATRÍCIA LEMOS

AS massas chinesas são tão apreciadas que há muito entraram na gastronomia macaense – como na natalícia Sopa de Lacassá. Conquistaram até designação local – loja de sopa de fitas, numa clara referência às tiras de massa fresca *Hor Fun* (沙河粉) de Cantão. E são em cada vez maior número na cidade: em 2014, estavam registadas 815 lojas de sopa de fitas e casas de chá em Macau.

Mas a massa nem sempre teve esse recorte longo. Foi só na Dinastia Tang (618-907) que começou a ter saída na forma de fios e fitas. Até então era cortada em pedaços que eram depois lançados num *wok* com água a ferver. Daí emergia o pão de sopa, ou *tong beng* (湯餅), muito apreciado nos dias frios de Inverno no palácio imperial. A partir de Julho, a massa era outra. De nome *leng tou* (冷陶), esta era servida fria, mantendo-se fresca por mais tempo do que os outros alimentos cozinhados.

Na Dinastia Song (960-1279) os fios de massa foram baptizados de *min* (麵) e já tinham saído das cortes para a rua. Eram o pão nosso de cada dia em cidade antigas como Xi'an, onde havia lojas de sopa de fitas a formigar a noite inteira. O aumento das migrações e do comércio inscreveu-os nas ementas das outras gastronomias asiáticas.

Para além de ser nutritiva e fácil de preparar, a massa ganharia mais atributos logo a partir da Dinastia Tang, como o da durabilidade, com a aplicação de um processo de secagem que a levaria ainda mais longe. Na Dinastia Qing (1644-1912) o *min* já era consumido em toda a China, colecionando sabores regionais. Nos anos 1840 mergulhava num caldo picante com molho de soja em Sichuan, servido com alguns pickles, ficando conhecido como *dan dan min* (擔擔麵), porque era de pau de bambu (*dan*/擔) ao ombro que eram vendidos nas ruas. Mas já antes disso a massa era preparada com técnicas tão eficazes que perdurariam até aos nossos dias.

Ainda na Dinastia Ming (1368-1644) eram cozinhados os primeiros fios dos populares *lamian* (拉麵), de Lanzhou, conhecidos por serem esticados à mão. Uma técnica ancestral que hoje encanta turistas, mesmo em alguns restaurantes requintados de Macau, onde a tradição até era outra. Por cá, amassava-se a massa com um largo pau de bambu, sobre o qual um homem se baloiçava vezes sem conta, pressionando a massa até esta obter a consistência desejada. Ainda existem algumas casas que seguem essa velha fórmula do *zuk seng min* (竹昇麵), como é o caso do Estabelecimento de Comidas Lok Kei, na Travessa da Saudade.

O IMPÉRIO DOS NOODLES

Podem ser finas como cabelos ou grossas como os pauzinhos, cortadas em suculentas fitas, pedaços e folhas. As massas chinesas são fáceis de comprar e cozinhar, em todas as suas versões. Mergulhadas numa sopa ou salteadas num *wok*, apresentadas com

MASSA CHINESA (麵條, *MIN TIU*)

molho e outros acompanhamentos, como *wantons*, vegetais, carne, etc. A maioria demora menos de cinco minutos até ficar *al dente*. Tudo depende do tipo de massa que cai na panela: de farinha de trigo (*min*), arroz (*fun*/粉) ou à base de amido (*dim fun*/澱粉).

O *min* é o mais popular na China, embora a massa de arroz tenha muitos adeptos no sul do país, onde os ovos e a farinha são ingredientes favoritos. No norte prima a farinha de trigo com bicarbonato de sódio que amarelece a massa, tornando-a mais suave e maleável que a do sul. Para os nortenhos o *min* tem de encher a barriga, por isso é bom que seja farto. Nada se desperdiça, nem mesmo o caldo da massa, que pode servir para lavar a loiça. Espantado? Fique sabendo que o bicarbonato de sódio entra na composição de muitos

detergentes ecológicos.

Não deve existir alimento mais multicultural do que o *min*, internacionalmente conhecido como *noodles*, uma palavra de origem alemã (*nudel*) que entrou na língua inglesa no final do século XVIII. São populares na sua versão japonesa *ramen*, que anda nas modas *hipsters* ocidentais, ou como *chau min*, a massa frita afamada pela diáspora chinesa. E apesar de serem indispensáveis nos banquetes asiáticos mais luxuosos, são também a *fastfood* chinesa por excelência, sobretudo desde que os japoneses inventaram os *noodles* instantâneos em 1958.

Mas ainda há quem duvide da nacionalidade dos saborosos fios de massa. Chineses, italianos e árabes, todos disputam a autoria da velha iguaria. Porém, os chineses levam

vantagem na história desde que há cerca de dez anos uma malga de barro com alguns fios de massa foi desenterrada no sítio arqueológico de Lajia, junto ao Rio Amarelo, no norte da China. Contava 4000 anos e é, até à data, o vestígio mais antigo de *min*. Quando a descrições, o mais velho registo consta dum livro da Dinastia Han Oriental (25-220), com quase 2000 anos.

É verdade que ninguém sabe muito bem como é que a massa chinesa chegou à Europa, mas teorias não faltam. Há quem acredite que viajou pela Rota da Seda, outros juram que foram os árabes que a levaram para Itália. Já ninguém acredita na estória do Marco Polo, que teria supostamente trazido o *min* da sua expedição na China no século XIII. Afinal, já se escrevia sobre a massa em Itália antes de Polo ter sequer nascido.



Muitos palmos abaixo da terra

T CATARINA DOMINGUES

Novas evidências arqueológicas reforçam a tese de que as primeiras comunidades a habitar a região escolheram a zona costeira de Coloane para se instalarem. Uma equipa de especialistas locais e de fora recolheu na área de intervenção da Rua do Estaleiro vestígios que remontam à era neolítica, e que vão permitir conhecer melhor a história (e a pré-história) de Macau. As primeiras escavações no território começaram apenas em finais do século passado. Mas a pressão do sector imobiliário, a escassez e o preço dos terrenos não têm andado de mão dada com a Arqueologia





TINHA UMA relação próxima com o mar, pescava, caçava, reunia-se e até tinha sentido de estética. Não se sabe muito mais sobre o homem do Neolítico que habitou Macau. Ou melhor, Coloane. Se hoje é na península de Macau que se concentra grande parte da população do território, a verdade é que não foi sempre assim. A zona costeira de Coloane foi na Pré-história o local privilegiado pelo homem para a fundação dos primeiros povoados. A razão: o fácil acesso aos recursos marítimos.

Evidências arqueológicas de finais do século passado já apontavam para a presença humana nesta região há pelo menos 6000 anos. As novas escavações na Rua do Estaleiro, em Coloane, vêm reforçar a tese de que comunidades se teriam instalado na ilha durante a era neolítica.

Mas os especialistas responsáveis pelo projecto arqueológico não querem arriscar verdades absolutas. E, enquanto a análise em laboratório dos artefac-

TRABALHO FASEADO

1.ª FASE Parque de estacionamento

Foram encontrados vestígios pré-históricos. Investigadores descobriram que o parque de estacionamento estava situado numa zona periférica do sítio arqueológico e decidiram estender as escavações ao campo de futebol.

2.ª FASE Campo de futebol

Zona central do sítio arqueológico, esta é considerada a fase mais importante do projecto. Aqui foi encontrada grande parte dos artefactos em estudo.

3.ª FASE Norte do parque de estacionamento e campo de basquetebol

Trata-se também de uma zona periférica da área nuclear de escavações. O trabalho de campo foi concluído e o material está a ser analisado.

tos encontrados não estiver concluída, as conclusões mantêm-se provisórias.

O trabalho de campo, que teve início em 2014, dividiu-se em três fases de escavações (ver quadro) numa área de cerca de 3400 metros quadrados. A equipa de especialistas em Arqueologia, Geologia e Paleoambiente de Ma-

cau, Hong Kong e Interior da China só terminou recentemente a terceira fase de trabalho de campo.

Chio Ut Hong, arqueóloga do Instituto Cultural (IC), o organismo responsável pelo projecto, é cuidadosa nas primeiras conclusões. “Precisamos de combinar todos os dados e analisar os artefactos”, diz. A responsável não avança datas e sublinha que este longo processo poderá levar o “tríplo do tempo que foi necessário para as escavações”. É necessário, além disso, continuar o estudo comparativo destes fragmentos com os vestígios encontrados nas regiões vizinhas.

Quatro períodos históricos num único sítio arqueológico

Para já, as primeiras análises comparativas com outras cidades localizadas no estuário do Rio das Pérolas, como Zhuhai, Shenzhen e Hong Kong, permitem relacionar alguns dos artefactos encontrados com determinados períodos da história da Humanidade. Chio Ut Hong observa: “Os locais pré-históricos destas regiões localizavam-se em dunas de areia, porque eram áreas mais adequadas à fixação do homem, devido aos recursos marítimos, como a pesca”.

Na segunda fase de escavações, considerada pelos especialistas a mais importante, foram recolhidos cerca de 500 artefactos. Esta foi a primeira vez que os arqueólogos encontraram

EVIDÊNCIAS ARQUEOLÓGICAS DE FINAIS DO SÉCULO PASSADO JÁ APONTAVAM PARA A PRESENÇA HUMANA EM COLOANE HÁ PELO MENOS 6000 ANOS. AS NOVAS ESCAVAÇÕES NA RUA DO ESTALEIRO VÊM REFORÇAR A TESE DE QUE COMUNIDADES SE TERIAM INSTALADO NA ILHA DURANTE A ERA NEOLÍTICA





“ O SÍTIO ARQUEOLÓGICO É UM RECURSO E DEVEMOS DEIXAR QUE A PRÓXIMA GERAÇÃO O PARTILHE, PORQUE HOJE EM DIA TEMOS DETERMINADAS TECNOLOGIAS PARA AS ESCAVAÇÕES, MAS NO FUTURO HAVERÁ TÉCNICAS MAIS AVANÇADAS”

CHIO UT HONG, ARQUEÓLOGA



em contexto de escavação na ilha de Coloane vestígios da Idade do Bronze ou do período que atravessa as dinastias Tang e Song. Trata-se também da primeira vez que foi possível identificar num único sítio arqueológico vestígios de quatro períodos diferentes: Neolítico, Idade do Bronze, período entre as dinastias Tang e Song e dinastia Qing.

Dos últimos tempos da era neolítica, explica Chio Ut Hong, foram desenterradas ferramentas em pedra, que serviriam “provavelmente para cozinhar ou para caçar”. A especialista refere também a descoberta de uma peça em quartzo para adornar um anel. “Sabemos que no período da Pré-história, as pessoas usavam o quartzo (...) e é provável que polissem o material bruto em forma circular, fizessem um orifício no centro para criar uma argola”, nota Chio Ut Hong, referindo que já na altura haveria alguma preocupação com a aparência. Esta descoberta veio dar nova força às teorias avançadas durante campanhas arqueológicas

NA SEGUNDA FASE DE ESCAVAÇÕES EM COLOANE, FORAM RECOLHIDOS CERCA DE 500 ARTEFACTOS. FOI TAMBÉM A PRIMEIRA VEZ QUE SE IDENTIFICOU NUM ÚNICO SÍTIO ARQUEOLÓGICO VESTÍGIOS DE QUATRO PERÍODOS DIFERENTES: NEOLÍTICO, IDADE DO BRONZE, PERÍODO ENTRE AS DINASTIAS TANG E SONG E DINASTIA QING

realizadas noutras áreas de Coloane, onde a recolha de lascas de quartzo e cristal de quartzo levou os investigadores a avançar a possibilidade de Hac-Sá ter sido em tempos uma aldeia habitada por pessoas especializadas no fabrico de argolas de quartzo, um mineral abundante na região.

Na segunda fase de escavações foram ainda encontrados fragmentos de um tijolo de forno, fragmentos cerâmicos e de porcelana em vidro verde do período histórico entre as dinastias Tang e Song. “No passado, foram recolhidos [vestígios desta era] à super-

fície e não numa camada arqueológica, e, portanto, não sabíamos qual era a sua origem”, relembra a especialista, dizendo que só têm valor arqueológico para Macau os artefactos encontrados no processo de escavação estratigráfica. «Desta vez temos a sustentação arqueológica», refere.

Importância das novas tecnologias

Depois de concluídas as análises dos fragmentos recolhidos ao longo das três fases de escavações, o Instituto Cultural vai decidir qual o próximo



passo a dar. Mas Chio Ut Hong diz que não há pressas.

Na arqueologia, o conceito de investigação tem mudado ao longo dos tempos, refere a especialista, apontando que o planeamento das intervenções deve ser feito a pensar nas gerações futuras. “Acreditamos que não é necessário escavar tudo de uma só vez”, nota a arqueóloga. “O sítio arqueológico é um recurso e devemos deixar que a próxima geração o partilhe, porque hoje em dia temos determinadas tecnologias para as escavações, mas no futuro haverá técnicas mais avançadas”.

Chio Ut Hong realça ainda que os fragmentos de valor arqueológico encontrados vão ser armazenados num local onde a temperatura e a humidade possam ser controladas. Mas a especialista espera um dia ter oportunidade de mostrar ao público as peças e conclusões do projecto arqueológico da Rua do Estaleiro, em Coloane. “Espero que possa ser publicado um livro e que seja organiza-

OS TESOUROS DA RUA DO ESTALEIRO

Enquanto se analisam os vestígios encontrados na terceira fase de escavações, o Instituto Cultural aponta que foi na segunda fase que se descobriram os fragmentos mais importantes – são cerca de 500 artefactos, estruturas e vestígios arqueológicos de quatro períodos distintos: Neolítico, Idade do Bronze, período entre as dinastias Tang e Song e dinastia Qing.

DINASTIA QING (1644 – 1912)

Os vestígios encontrados remontam a meados e finais da dinastia Qing. Entre os objectos recolhidos nas escavações, contam-se moedas em osso com inscrições em chinês e manchu e estruturas pétreas. Embora a função destas estruturas ainda não esteja definida, Chio Ut Hong, arqueóloga presente no projecto, aponta para a possibilidade de ter sido “utilizada pela indústria para tingir tecidos”.

PERÍODO ENTRE AS DINASTIAS TANG A SONG (618 – 1279)

Primeira vez que são encontrados vestígios desta era em contexto de escavações em Macau. Fragmentos cerâmicos, fragmentos de um tijolo de forno da Dinastia Tang e um fragmento em porcelana em vidro verde da Dinastia Song estavam enterrados no local.

IDADE DO BRONZE (HÁ CERCA DE 3000 – 2500 ANOS)

Fragmentos cerâmicos e outras ferramentas de pedra pertencem ao último período da Idade do Bronze. De realçar a descoberta de um pote cerâmico de fundo redondo com padrão de losangos e pontos salientes. “Observa-se um padrão de decoração clássica, que é um padrão geométrico. Na Idade do Bronze, a temperatura utilizada era mais alta e por isso a cerâmica é mais forte do que nos períodos anteriores”, realça Chio Ut Hong.

NEOLÍTICO (HÁ CERCA DE 4000 – 3000 ANOS)

Ferramentas de pedra que poderão ter sido utilizadas para cozinhar ou caçar e núcleos de anel em quartzo remontam ao período do Neolítico Tardio. “É provável que polissem o material bruto em forma circular, fizessem um orifício no centro para criar uma argola”, explica Chio Ut Hong, referindo que já na altura haveria alguma preocupação com a estética.



DESCOBERTAS NAS RUÍNAS DE SÃO PAULO

É um trabalho que não tem fim. As escavações arqueológicas na área em torno das Ruínas de São Paulo já terminaram, mas prossegue a análise em laboratório dos cerca de 4000 fragmentos de porcelana encontrados em 2012. Trinta dessas peças foram seleccionadas para uma exposição de quatro meses no Museu de Macau – “Marcas Históricas de Lingnam: Os mais notáveis achados arqueológicos de Guangdong, Hong Kong e Macau” – que explorou os desenvolvimentos históricos e culturais destes três locais desde o período do Neolítico à Dinastia Ming.

De Macau estiveram em destaque várias porcelanas, incluindo a Kraak, destinada sobretudo à exportação. Esta porcelana, manufacturada entre os finais da dinastia Ming e primórdios da dinastia Qing, era famosa pelos padrões e temas específicos. O nome Kraak surgiu no século XVII, quando alguns dos grandes navios de comércio portugueses (carracas), foram apreendidos pelos holandeses, que os designavam por Kraaken. As carracas transportavam grandes quantidades

de porcelana azul e branca chinesa de exportação. Foi a partir dessa altura que se generalizou entre os europeus o termo Porcelana Kraak.

Esta porcelana chinesa tornou-se numa parte importante da rede comercial estabelecida pelos portugueses no Extremo Oriente, sendo a Kraak um dos produtos dessas trocas. A descoberta “evidencia o papel de Macau enquanto porto comercial entre o Oriente e o Ocidente”, diz à MACAU a arqueóloga do Instituto Cultural, Chio Ut Hong, notando ainda que na altura apenas duas regiões do Interior da China produziam uma porcelana “tão fina”. “Acreditamos que seja oriunda de Jingdezhen, na Província de Jiangxi, que é uma área muito conhecida de produção de porcelana.” A equipa responsável pelo projecto está ainda a tentar perceber qual o destino desta porcelana. “Estudos sobre o comércio demonstram que partiam uma série de rotas de Macau para a Europa, África e Sudeste Asiático, mas ainda não temos a certeza”, diz a responsável.

da uma exposição para contar a história desta área e para que se saiba que, em Macau, já há presença humana há mais de seis mil ou quatro mil anos”.

Pressão do sector imobiliário

A Fundação Macau convidou em 1994 especialistas locais e de Hong Kong para localizarem áreas com potencial interesse arqueológico nas ilhas da Taipa e de Coloane. O estudo veio demonstrar a impossibilidade de efectuar uma avaliação na Taipa devido às construções e aterros existentes. Dos cinco sítios arqueológicos descobertos em 1972 em Coloane, a equipa sublinhou a dificuldade de fazer escavações em Cheoc Van, Ká-Hó e determinadas áreas de Hac-Sá devido ao elevado número de edificações.

“Infelizmente houve campos arqueológicos que saíram da lista para desenvolvimento [de construções], como é o caso da área onde está hoje o conjunto residencial Hellene Garden em Coloane”, nota o arquitecto Carlos Marreiros, que esteve à frente da presidência do Instituto Cultural entre 1989 e 1992.

O arquitecto afirma, porém, que “num ou noutro caso” contou-se com a permissão dos responsáveis pelas obras e pelos terrenos para a realização de escavações arqueológicas antes ainda de se erguerem novos projectos de construção. “Mas a tendência é para evitar que isso aconteça”, vinca Marreiros, constatando que, hoje em dia, existe em Macau “muita pressão do sector imobiliário, porque o terreno é muito caro”.

Na história das escavações de Macau, grupos arqueólogos amadores locais e de fora desempenharam um papel importante. Marreiros recorda um grupo que costumava sair à rua para “perscrutar Macau quando um edifício ia abaixo”. “Houve um caso na Rua Central – a primeira rua direita em Macau – em que durante estas escavações se descobriu muita coisa, como louças de exportação das dinastias Ming e Qing, que entretanto foram classificadas e entregues ao Instituto Cultural.” ■



44 anos de escavações arqueológicas

1972

O antigo Leal Senado convida arqueólogos amadores e membros da Sociedade de Arqueologia de Macau para fazer um levantamento na ilha de Coloane. Trata-se da primeira investigação arqueológica realizada em Macau. Foram encontrados artefactos arqueológicos na área de Cheoc Van, Hac-Sá e outras zonas de Coloane. Estudiosos estimam que estes vestígios remontem ao período do Neolítico Médio e Neolítico Final.

1973

Entre vários fragmentos, foi encontrada uma moeda *wu shu* do período entre a Dinastia Han e as Seis Dinastias numa sondagem realizada no sítio de Hac-Sá (Sul).

1977

Resultados de novas escavações no sítio de Hac-Sá (Sul) apontam para a possível existência de dois estratos culturais pré-históricos associados a duas eras: Neolítico Final e Neolítico Médio.

1985

Ficou confirmada a presença de dois estratos culturais de diferentes eras na zona Sul de Hac-Sá. A presença de fragmentos de cerâmica pintada de pasta fina no estrato cultural mais profundo permite inferir que esta camada poderá ter sido formada há seis mil anos, nos primórdios do Neolítico Médio.

1988

Numa investigação do Instituto Cultural junto às Ruínas de São Paulo, na península de Macau, foram encontradas ruínas de construções e vestígios cerâmicos.

1990-1992

São convidados arqueólogos portugueses para uma intervenção arqueológica na área das Ruínas de São Paulo.

1994

O estudo de localização de potenciais áreas de interesse arqueológico nas ilhas da Taipa e Coloane revela a impossibilidade de efectuar esta avaliação devido ao elevado número de construções e aterros.

1995

O Centro para a Arqueologia e Arte Chinesas e o Departamento de Chinês da Universidade de Macau procederam a uma nova campanha arqueológica na área de Hac-Sá (Sul). Do primeiro estrato cultural, recolheram-se algumas ferramentas líticas, objectos de jade, material em bruto, lascas de pedra, núcleos de pedra, mais de 200 fragmentos de cerâmica. O relatório aponta para a produção destes artefactos ter ocorrido há mais de 3500 anos.

1995-1997

Realiza-se um estudo para avaliar potencial arqueológico da Fortaleza do Monte, bem como as funções e o plano arquitectónico original do Colégio de S. Paulo. As ruínas escavadas foram mantidas em exposição.

2006

Nova campanha em Hac-Sá (Sul) numa área total de 124 metros quadrados. Foram descobertas lascas de quartzo e de cristal de quartzo, peças semi-acabadas e outras ferramentas e fragmentos de cerâmica. É avançada a hipótese de que Hac-Sá terá sido outrora uma aldeia habitada por pessoas especializadas no fabrico de argolas de quartzo.

2010-2012

Na área em torno das Ruínas de São Paulo foi encontrada uma vala com material de construção e peças de cerâmica - milhares de fragmentos de porcelana azul e branca, incluindo a Kraak, que se estima ser de finais da Dinastia Ming e primórdios da Dinastia Qing.

2014-2016

Lançamento do projecto arqueológico da Rua do Estaleiro, em Coloane, com escavações no parque de estacionamento, no campo de futebol e no campo de basquetebol. Na segunda fase deste projecto – a mais importante – estavam enterradas estruturas e vestígios arqueológicos de quatro períodos distintos: Neolítico, Idade do Bronze, período das dinastias Tang a Song e dinastia Qing.

Tradições



O CULTO A CHU TAI SIN

有勝
PL0256M



T F FERNANDO SALES LOPES*

DURANTE TRÊS dias, de 20 a 22 de Junho, terá lugar nas águas do Porto Interior uma das mais características – e por ventura das menos conhecidas das gentes da terra – manifestações cultural-religiosas dos pescadores de Macau: O Da Jiu em honra de Chu Tai Sin, protector das gentes do mar, suas vidas e bens

*Historiador, Mestre em Relações Interculturais

SEM DATA certa, já que não se referencia como as outras festividades nos calendários solar ou lunar, os dias escolhidos para o culto a Chu Tai Sin são fruto de hermética tarefa da procura por divinação, elegendo-se os dias auspiciosos em honra da divindade, procurados no espaço temporal que medeia entre o terceiro e o quinto mês lunar. Nas águas do Porto Interior, em Macau, se realiza todos os anos a festividade envolvendo, hoje, algumas centenas de pessoas, já que a diminuição crescente da frota pesqueira, e a alteração do modo de vida da população piscatória, que se vem verificando desde a década de 90 do século passado, deixou para trás os tempos em que se contariam por milhares, os crentes que acorriam à festividade.

O navio de pesca é ainda, para alguns dos pescadores de Macau, para além de um meio de subsistência também a sua casa, o espaço familiar, onde se nasceu, se casou, teve filhos e netos, até se extinguir a sua vida. Isto foi assim por muitas e muitas gerações. Por isso não se estranhará que Chu Tai Sin seja venerado a bordo, e que contrariamente a outros patronos das gentes do mar como A-Ma ou Tam Kong, entre outros, não exista em terra nenhum templo a ele dedicado. Dos inúmeros templos de Macau apenas um tem uma representação da divindade. Também em Hong Kong apenas um templo existe em sua honra, o de Lung Ngam na aldeia piscatória de Tai O.

O culto a Chu Tai Sin em Macau

O culto a Chu Tai Sin é originário de Pinghai, na Província de Guangdong, e dali foi trazido para Macau. Conta-se que, nos anos 20 do século passado, um pescador de Macau de apelido Ng, que por costume pescava nas águas adjacentes a Pinghai, num momento de aflição recorreu a um templo, tendo a monja por ele responsável aconselhado a que o pescador e a família pedissem a Chu Tai Sin pela resolução do problema de saúde que os atormentava. Assim fizeram e de imediato um deles teve cura milagrosa. Agradecidos e crentes nos poderes da divindade, trouxeram para Macau uma estatueta de Chu Tai Sin. Maan Sau Goo, assim se chamava a monja, terá então sugerido à família Ng a organização do primeiro *Da Jiu* em Macau, em honra do milagreiro. Certo é que espalhada pelas gentes do mar a notícia da cura milagrosa atestando os poderes da divindade, rapidamente o número de crentes nas suas virtudes curativas foi aumentando. Os milagres continuam a verificar-se, quer relativamente às questões da saúde como de protecção nas tormentas e nos perigos do isolamento daqueles cuja vida se passa nos longos dias do deserto mar tendo por luz o sol e as estrelas. Por protector têm Chu Tai Sin que marca presença em todos os navios de pesca.

Hoje a festa é organizada pela associação de pescadores Chek-lei. A importância do culto para os pescadores é perceptível na ritualização do espaço da festa, no desenrolar de sucessivas práticas visando os vivos, os antepassados, as incertezas da vida, o bem, o mal, e as interrogações e incertezas dos que enfrentam no dia-a-dia o inesperado dos elementos.



NAS ÁGUAS DO PORTO INTERIOR, SE REALIZA TODOS OS ANOS A FESTIVIDADE ENVOLVENDO, HOJE ALGUMAS CENTENAS DE PESSOAS, JÁ QUE A DIMINUIÇÃO CRESCENTE DA FROTA PESQUEIRA E A ALTERAÇÃO DO MODO DE VIDA DA POPULAÇÃO PISCATÓRIA DEIXARAM PARA TRÁS OS TEMPOS EM QUE SE CONTARIAM POR MILHARES OS CRENTES QUE ACORRIAM À FESTIVIDADE

Não sendo tarefa fácil, pois durante três dias são constantes e variados os actos de culto profundos e por vezes enigmáticos, tentaremos dar ao leitor uma “visão” do desenvolvimento do *Da Jiu* a Chu Tai Sin em Macau.

A festa e os rituais

O *Da Jiu* decorre durante três dias no Porto Interior, a bordo de um grupo de embarcações com funções distintas. Uma para a preparação das refeições, outra como centro administrativo e financeiro. Numa outra preparam-se materiais para as diversas queimas, ou os amuletos a serem distribuídos. Entre duas destas embarcações coloca-se a que se destina às práticas religiosas – o templo flutuante – cujo proprietário não esconde o orgulho que tal posição lhe confere como

anfitrião deste espaço aberto ao sagrado. Sendo o *Da Jiu* um ritual taoísta de veneração dos deuses, como festividade da religião popular o culto a Chu Tai Sin integra elementos do budismo e do culto dos antepassados. Aliás é preponderante a presença constante em todos os rituais dos *Gui Si*, leigos budistas, que oficiam, e das imagens de buda *sakiamuny*. O espaço onde se realizam os rituais, como espaço sagrado, terá que ser purificado. Este ritual marca o início da festividade. São os *Gui Si* que praticam há muito estes rituais, e que estão encarregados desta e de outras tarefas de culto.

Os participantes começam a chegar em tancares que fazem desde sempre o serviço de transporte entre a terra e as embarcações. Falta-lhes o encanto de outros tempos, mas cumprem a mesma missão. O som do La Ba, instrumento chinês de sopro, que será uma constante em todas as cerimónias religiosas, já se ouve em fundo. Os *Gui Si* estão frente ao altar principal, entoando cânticos. Percorrem a embarcação em fila indiana encabeçada pelo *Gui Si* principal, aquele que é responsável por todos os rituais. Com uma folha de toranjeira vai espargindo toda a embarcação, benzedo (limpando) o espaço. Detém-se frente a todos os altares deixando preces. Acendem-se pivetes, queima-se dinheiro de papel para apaziguar os espíritos. Fazer e distribuir por todos os participantes amuletos em pedaços de tecido e papel, onde se imprimiu um selo divino, é uma prática ritual desta festividade. Uma actividade que decorre na embarcação a isso destinada.

Ao largo os participantes lançam papéis-dinheiro para os espíritos, e em pequenos barquinhos de papel, o sustento para os que no mar perderam a vida. No barquinho segue lenha, simbolizada em pequenos pedaços de madeira, arroz, óleo, sal, chá, vinho e sementes de lótus.

Organiza-se o espaço. Na proa são colocadas as figuras de papel do Rei dos Espíritos, Tai Si Wong. Perto deles a bombordo o local onde se queimam as oferendas aos deuses, a estibordo onde se queimam aos maus espíritos. Figuras de papel encostadas de um lado e do outro da proa, esperam ser queimadas nas duas cerimónias de Si Yau, que se realizam depois do pôr-do-sol para acalmar os espíritos dos que desapareceram no mar por acidente. Na popa é erigido o altar principal onde ficarão durante os três dias a imagens de Chu Tai Sin trazidas pelos pescadores. Perto, a bombordo o Altar dos Antepassados.

Si Yau: Alimentar os espíritos

Convidam-se os deuses para que compareçam ali onde se realiza a cerimónia Si Yau. Um dos *Gau Si* transporta o incensório manual, nunca tocará no incenso, esse é para os deuses e não pode ser contaminado. Os cânticos os movimentos significantes, num chamamento que se quer bem-sucedido. Este conjunto de peças rituais – o *Maan Daan* – apenas é utilizado nas cerimónias Si Yau. A comida para alimentar os espíritos esfomeados, daqueles que desapareceram por acidente no mar, aguarda o sinal de um *Gau Si* para ser lançada às águas.

Gung Tin: Oferta aos deuses

A cerimónia tem lugar na manhã do segundo dia da festividade e é normalmente a altura da concentração de mais pescadores. Trata-se de uma das mais importantes cerimónias. Começam a chegar gentes do mar com sacos de frutas, incensos, flores e roupas e dinheiro falso. À proa da embarcação-temple, prepara-se o espaço para a cerimónia de Gung Tin. Os pacotes de chá fazem parte integrante desta cerimónia. Um chá doce de jujubas – tâmaras da China – vermelhas, de cor auspiciosa, a que se juntam barras de açúcar que estiveram no altar principal durante os rituais. Uns bebem-no logo ali, outros levam-no para as suas embarcações. O seu efeito é revigorante.

Feita a purificação do espaço, cabe a um pescador transportar o cavalo de papel onde é colocado o dinheiro para os deuses, e que se queima para que o fumo transporte a dádiva. O recinto onde a cerimónia se irá realizar é espargido. Depois da cerimónia de purificação, vem a segunda parte, com a participação directa de cada família na festa de Chu Tai Sin.

Seguindo as regras, o representante de cada família, ao ouvir o seu nome, dirige-se para onde o tabuleiro se encontra. Ergue-o por três vezes aos céus. Acende três pivetes, um deles vai colocá-lo num incensório à proa, os restantes são apagados e levados para a sua embarcação. Em momentos de tormenta voltarão a ser acesos, os deuses zelarão. O dinheiro falso, esse é logo ali queimado para satisfação das divindades. O verdadeiro é bem-vindo para pagar as despesas da festa.





Purificado o espaço, os *Gui Si*, informam as divindades de que os pescadores precisam de ajuda para a superação dos obstáculos da vida. É este o objectivo da cerimónia seguinte.

Gwoh Gwaan: Passagem para a felicidade

Cerimónia destinada às crianças, os que nascem e crescem nos barcos sujeitos a todos os perigos, conta contudo com a presença de idosos. As vulnerabilidades do princípio e do fim da vida.

Os obstáculos são representados por um pano de seda vermelha, pendurado à direita do altar principal, sob o qual os pescadores devem passar, pelo menos, três vezes. Os caracteres chineses que o encimam anunciam que aquele é um local de passagem para ser atingido o bem-estar. Os *Gui Si* enumeram os obstáculos, que são a Barreira do Choro e do Grito, a Barreira da Bacia de Sangue, a Barreira da Vida Curta e a Barreira dos Maus Espíritos. Enquanto são enumeradas as barreiras os participantes circulam em fila indiana à volta do barco-templo, e passam por debaixo do pano. Ao passarem são espargidos por um *Gui Si*.

Agora é necessário preparar o espaço para a próxima cerimónia.

Juk Sing: Oração às estrelas

Na decoração para este ritual participam os *Gui Si*, forrando as mesas com papel vermelho e decorando-as com desenhos de animais e caracteres auspiciosos. Usam bagos de arroz, a base alimentar. Dá-se aos deuses para que nunca nos falte. O tabuleiro das estrelas, onde se colocam grãos de arroz, jujubas, sapecas e um livro com o nome de todos os participantes, começa a ser preparado. Fintos os preparativos os membros da associação de pescadores dirigem-se para o altar principal, iniciando a cerimónia com a queima de pivetes. Os *Gui Si* entoam as preces e começam a ler os nomes dos participantes, lista que irá, terminada a leitura, para o tabuleiro das estrelas.

O *Gui Si* principal, seguido pelos outros e pelos membros da associação de pescadores, começa a circular em volta das mesas com o tabuleiro. Dadas três voltas os pescadores sentam-se nos lugares que lhes são destinados. O movimento repete-se, agora, apenas pelos *Gui Si*, que começando em ritmo lento, terminam em corrida acelerada. Quando o *Gui Si* principal entrega o tabuleiro das estrelas ao presidente

CHU TAI SIN É VENERADO A BORDO, E CONTRARIAMENTE A OUTROS PATRONOS DAS GENTES DO MAR COMO A-MA OU TAM KONG, NÃO EXISTE EM TERRA NENHUM TEMPLO A ELE DEDICADO

da associação, desejando a protecção dos deuses para a associação e dos seus associados, termina a cerimónia. Guardam-se as alfaiais rituais, as vestes. A função dos *Gui Si* no *Da Jiu* dos pescadores de Macau está terminada regressando de imediato a terra. Mas a festividade de Chu Tai Sin ainda não terminou.

A escolha do guardião de *Shakyamuni*

Bebe-se, mais uma vez, o chá doce de jujuba. Consultam-se os deuses para determinação da hora a que se iniciará a divinação que escolherá as famílias candidatas a guardiãs das principais estatuetas, durante um ano. Trata-se de duas representações de Buda: *Sakyamuni* sentado e de pé. O barco onde decorrerá o próximo *Da Jiu*, esse ainda não se conhecerá esta noite, a cerimónia para essa escolha terá lugar no 15.º dia da primeira lua.

A noite já vai alta, a espera é longa, mais uma oportunidade para se prolongar o convívio. Finalmente a hora é anunciada. Frente ao altar principal inicia-se, agora, o processo divinatório para a selecção das famílias através do lançamento das tabuinhas – as *Bui*. Perante a pergunta formulada, a resposta será positiva ou negativa. Os resultados vão sendo registados. O processo é moroso, são várias as rondas de consulta, até à determinação do vencedor. Aquele acto transforma-se num jogo, num acto lúdico, e a assistência começa a entusiasmar-se com o decorrer da consulta. Finalmente estão escolhidos os eleitos. A festa terminou. O mar espera pelos pescadores. Num ápice se recolhem as divindades que cada um trouxe e que estiveram durante três dias ali no altar principal.

Preparam-se as imagens de Buda. *Sakyamuni* passa cuidadosamente para o tancar que o transportará até à sampa-na que será a sua nova casa. Nos sacos a imagem de Chu Tai

À IMPORTÂNCIA DO CULTO PARA OS PESCADORES É PERCEPTÍVEL NA RITUALIZAÇÃO DO ESPAÇO DA FESTA, NO DESENVOLVER DE SUCESSIVAS PRÁTICAS VISANDO OS VIVOS, OS ANTEPASSADOS, AS INCONSTÂNCIAS DA VIDA, O BEM, O MAL, E AS INTERROGAÇÕES E INCERTEZAS DOS QUE ENFRENTAM NO DIA-A-DIA O INESPERADO DOS ELEMENTOS

Sin, que regressará ao seu altar de direito em cada uma das embarcações, bandeiras e um ramo de flores, que serão atados na proa, e alguma comida.

Já é dia quando se inicia o regresso. Com o dever cumprido para com Chu Tai Sin. Com a certeza de que ele lhes valerá nas doenças ou na tormenta.

Os crentes sabem que a continuidade do *Da Jiu* dos pescadores de Macau, o culto a Chu Tai Sin, está em risco de acabar devido a mudança do estilo de vida das gentes do mar. A diminuição abissal da frota, mas também problemas que se prendem com outras questões, nomeadamente burocráticas, que fazem com que aos crentes de outros locais, ou com embarcações registadas noutros portos, lhes seja muito difícil estar presentes, são causas já evidentes. Acresce a falta de interesse dos jovens pela vida do mar e pelas práticas do culto. Quem saberá no futuro organizar e officiar toda esta complexidade de rituais? ■



A primeira vez que vi Macau

Macau é um espaço “improvável”, um “estranhamento constante” com “fronteiras invisíveis”. Esta é a cidade vista por três autores de língua portuguesa que se cruzaram na última edição do Festival Literário Rota das Letras.

T CATARINA DOMINGUES **F** GONÇALO LOBO PINHEIRO

FELIPE FRANCO MUNHOZ MILHARES DE POSSIBILIDADES

1 de Fevereiro de 2016. “Está decidido: vou à China atrás dela. Macau. Médica. E mais nenhuma informação. Preciso encontrá-la. Preciso. Cabelo curto. Chanel? Desafiado? Um metro e – quanto? E o peso? E eu?, serei reconhecido? Quase dois anos. Ainda tenho aquele terno azul.”

Esta é uma das micronarrativas ficcionais que o escritor brasileiro Felipe Franco Munhoz foi publicando no jornal *Ponto Final* antes de chegar a Macau, onde participou na 5.ª edição do Festival Literário Rota das Letras. Ao longo de um mês, Felipe Franco Munhoz vai construindo um homem “em depressão”, que quer partir para Macau à procura “dessa chinesa que ele conheceu”.

“*Macau* é o título de um livro de Paulo Henriques Brito. Macau é um refúgio no livro *O Bigode*, de Emmanuel Carrère. Macau é a mulher que me salvou do suicídio”, escreve ainda a 11 de Fevereiro de 2016. Na realidade, Macau era pouco mais do que isso para esse homem – e para o próprio escritor, que antes de chegar à cidade não sabia explicar.

Nasceu em São Paulo, Brasil, em 1990. Licenciado em Comunicação Social pela Universidade Federal do Paraná, o autor recebeu em 2010 a Bolsa Funarte de Criação Literária para escrever *Mentiras*, um livro inspirado na obra do romancista norte-americano Philip Roth. Foi convidado em 2013 para ler excertos do romance durante as comemorações dos 80 anos de Roth, em Newark. Escreve poesia, coordena o site Antessala das Letras e já publicou em diversos órgãos de comunicação, como a *Gazeta do Povo*, *Rascunho*, *Cândido* e *The Huffington Post*. É membro da Associação Paulista de Críticos de Arte.

Munhoz fala à revista MACAU cinco dias depois de aterrar. Local que escolheu para a entrevista: a pequena biblioteca do Jardim de São Francisco, no coração da cidade que o autor vai, entretanto, começando a entender. Macau, diz, tem “milhares de possibilidades”. Pode ser cenário de cinema, de livro, tem cheiros desconhecidos, que são temperos, são coisas novas.

Subimos ao primeiro andar do Pavilhão Octogonal, a primeira biblioteca pública da cidade. Antes disso, este edifício de estilo arquitectónico chinês, construído em 1927, foi restaurante, foi sala de bilhar. “Edifícios como estes, de arquitectura chinesa, em contraste com a ostentação dos casinos, com prédios que se assemelham ao nosso terceiro mundo, e outros de arquitectura refinada contemporânea são uma mistura muito interessante”, diz.

A biblioteca foi uma escolha óbvia. “Ainda não vi outra em Macau”, nota Munhoz. Livros e bibliotecas apareceram lá atrás na vida do jovem autor. É preciso recuar um pouco: nos primeiros anos de vida é-lhe diagnosticada uma bronquite. A família muda-se para Riviera de São Lourenço, para perto da praia, ar puro do litoral paulista, onde não vivem mais do que 20 famílias. Os livros acompanham-no porque está só; a biblioteca aparece depois, quando aos dez anos vai viver para Curitiba. É aí que lê os clássicos: Kafka, Hemingway, Nabokov, Machado de Assis.

Agora que estamos sentados nesta pequena biblioteca, poucos vão pegar em livros, todos lêem jornais. Felipe Munhoz vai mexendo a bengala que o acompanha para todo o lado – cabo negro, empunhadura prateada. Um problema na perna, explica.

O corpo continua a precisar de descanso. Esta foi a primeira noite bem dormida. “A gente chega com o corpo em todos os horários diferentes, de sono, e tudo, e escuta essa língua, sem entender nada”.

“Mas é muito bacano.” Munhoz fala do bilinguismo. Sente-se mais estranho numa cidade alemã do que nesta chinesa. Sente-se mais perto do Brasil quando olha para o nome das ruas, em português e chinês. “É um estranhamento constante, porque ao mesmo tempo parece que a gente está no nosso lugar, e não está.”

Na Avenida da Praia Grande, que percorremos de volta ao hotel, um cavalo-marinho desenhado na calçada portuguesa. É também o símbolo de Riviera de São Lourenço, a terra que lhe deu os livros.





LUÍS CARLOS PATRAQUIM

FRONTEIRAS INVISÍVEIS

É possível ler Luís Carlos Patraquim e pensar – também – em Macau. Em *A Cabeleira da Língua*, uma das crónicas que escreveu, o autor moçambicano, nascido na “cidade do cimento”, Maputo, entra “por um subúrbio adentro”, num cabeleireiro. “Encimando a porta, em letras tropejantes mas gordas, cada uma de sua cor, o nome funcional e solene: *Cabelaria Corte Rápido*”, escreve. Um surrealista que o quisesse imaginar não conseguiria, diz. “Mário Cesariny não o conseguiria.”

Quem vive ou passou por Macau encontra uma mão cheia de exemplos: “Fomento predial e loja de *papei* para parede”; “*Pastelaria Ou Mun Lou Benka*”, entre muitos outros.

Da utilização da língua portuguesa, em Moçambique, Patraquim escreve: “Por vezes roçando incongruências ou ‘erros’, ei-la que se libertou da canga colonial.”

A *Canção de Zefanias Sforza*, a estreia do poeta na prosa, foi um dos livros apresentados em Macau durante o festi-

val literário. Publicado em 2010, este é um olhar sobre os 35 anos da independência de Moçambique. Patraquim dá-nos dados sobre a toponímia de Maputo: a Avenida 24 de Julho, uma das principais artérias da cidade, manteve o nome já depois da independência; a Manuel de Arriaga, antiga D. Carlos, passou a Karl Marx. Já sobre os painéis a azulejo com os nomes das ruas de Macau, em chinês e português, o poeta fica em dúvida: «Disseram-me que o que está escrito em caracteres chineses é uma coisa e em português é outra, mas não sei se é verdade ou não.»

Mas voltando à obra do autor. Também aqui sinais de uma “descomplexificação em relação à língua portuguesa”, com novas palavras a surgirem no dicionário pessoal do poeta: *desconseguir*, *confusionar*. “As pessoas começaram a falar assim.”

E Macau ‘confusiona-o’?, pergunto. “Não é *confusionar*, é ainda não ter a percepção do mapa.”

Estamos no Norte da cidade, a zona com maior densidade populacional do mundo – os últimos Censos revelam que vivem aqui 142.300 pessoas por quilómetro quadrado. Na zona das Portas do Cerco, Luís Carlos Patraquim não se per-



Nasceu em Maputo, Moçambique, em 1953. Poeta, dramaturgo, guionista e jornalista, foi refugiado político na Suécia entre 1973 e 1975. Fez parte do grupo fundador da Agência de Informação de Moçambique, trabalhou no Instituto Nacional de Cinema de Moçambique e na Televisão Moçambicana. Em 1986 fixou-se em Portugal. Escreve para cinema e teatro, colaborando na imprensa moçambicana e portuguesa. Em 1980 lançou *Monção*, a primeira de muitas obras poéticas que viria escrever. *A Canção de Zefanias Sforza* marca a estreia de Patraquim na prosa.

de entre a multidão de pessoas que atravessa todos os dias a fronteira para o lado de lá. Traz uma boina preta, mantém quase sempre um cigarro entre os dedos, caminha em sentido contrário. Aqui não encontra as acácias de Maputo, não vê uma cidade verde. «Falta um pouco isso, embora tenha passado por algumas zonas arborizadas», diz.

“A pátria honrai que a pátria vos contempla”, pode ler-se na parte superior do Arco das Portas do Cerco, monumento construído em 1871 em homenagem ao governador Ferreira do Amaral e ao coronel Vicente Nicolau de Mesquita pela defesa da administração portuguesa em Macau (uma pesquisa revela que a tradução de uma praça e avenida em Macau baptizadas com o nome destes dois homens manteve-se fiel em chinês).

“O que me *confusiona* é julgar que conhecia alguma coisa, porque havia muitos chineses e macaenses em Lourenço Marques, e depois chegar aqui e perceber que é mais complexo, e bem mais subtil, do que aquilo que imaginávamos.” Esta é apenas uma “pontinha da imensa China que nunca mais acaba”, nota.

Do outro lado, onde nunca esteve, imagina: “Talvez mude tudo, uma arquitectura e ambiência totalmente diferentes, como se estivesse noutra país”.

Patraquim fala ainda de outras fronteiras em Macau, mas “invisíveis” – a língua, que divide as comunidades; os casinos, que dividem quem cá habita. “Mas não tenho de ter posições moralistas sobre isso.”

RICARDO ADOLFO

LUGAR IMPROVÁVEL

É impossível repetir. Não se volta à infância. A primeira vez que Ricardo Adolfo viu a China «era tudo azul e verde». E Macau era um lugar «puro, muito inocente». Vivia na Taipa, «que era campo, lodo, canaviais». A escola, na península, chamava-se Santa Rosa de Lima. Ao cinema, ali ao lado, ia sozinho. E quando se perdeu para os lados do Leal Senado, deixou-se ficar sentado durante horas até que o problema se resolvesse.

Estas são memórias de criança deste escritor português, nascido em Angola, que aqui viveu dos seis aos oito anos de idade, no início da década de 1980. Entretanto voltou à Ásia – “a Singapura, acho” – e lembrou-se de velhos sentidos. “Um cheiro muito perto do de Macau e que eu nunca mais tinha sentido.”

A Macau regressou já depois da transferência de administração, primeiro em 2007, e este ano para participar no festival literário Rota das Letras. Macau parece-lhe agora alguém que não via há muito tempo. “É como se essa pessoa tivesse feito uma plástica e tu não soubesses o que lhe dizer.”

Encontramo-nos no velho Hotel Lisboa, o único casino que tem na memória. Em pequeno, Ricardo Adolfo não foi além do *hall* de entrada. “Era um mito para mim”, diz. Subimos ao primeiro andar, escolhemos um café que está vazio, género cantina, de paredes curvadas, enfeitadas com fotos da cidade a preto e branco. São seis da tarde, na mesa ao lado senta-se um homem. Vegetais, tofu e arroz no prato.

Ricardo Adolfo é publicitário em Tóquio (e escritor quando todos já estão a dormir). Numa vida paralela, diz, gostava de trabalhar num casino, de preferência ser jogador. “Às vezes, os meus pais diziam-me que iam ao casino e eu achava fascinante.” Dizia-se também por Macau que, em tempos de tufão, os casinos estavam lotados. “E eu tinha de ficar em casa com as janelas marteladas”, recorda.

Português, nascido em Angola e a trabalhar em Tóquio, Ricardo Adolfo viveu durante a infância em Macau. Em 2003, publicou *Os Chouriços São Todos Para Assar*, uma compilação de contos, seguindo-se, em 2006, o romance *Mizé – Antes Galdéria do que Normal e Remediada*. O terceiro livro, *Depois de Morrer Aconteceram-me Muitas Coisas*, foi publicado em 2009 e *Maria dos Canos Serrados* em 2014. Colaborou com Wong Kar-Wai na curta-metragem *There's Only One Sun*. O autor foi escolhido como sendo uma das Caras do Futuro da literatura portuguesa pelo escritor António Lobo Antunes na edição do 20.º aniversário da revista *Visão*. Acaba de publicar *Tóquio Vive Longe da Terra*, que explora o dia-dia de um assalariado estrangeiro no Japão.



O jogo ficou desde aí: começou por ver as pessoas jogar mahjong nas ruas de Macau; depois aprendeu o póquer, a canastra, o *king*; e quando começou a escrever em cafés foi a espadinha, a sueca. “Jogava sempre a dinheiro.”

Na literatura, foi dar a escritores que utilizavam o jogo como elemento narrativo. É o caso do norte-americano Mario Gianluigi Puzo em *Os Loucos Morrem*. Mas dos cinco livros que publicou, Macau não existe em nenhum. É um não-assunto, porque era perfeito. “A cidade está agora mais interessante para ser trabalhada a nível de escrita, acho que a memória que eu tenho é tão idílica e perfeita que talvez por isso nunca tenha ligado nenhuma.”

Desta Macau adulta, “tão improvável”, Ricardo Adolfo não consegue deixar nada de fora. “Concentram-se hedonismos num espaço tão pequeno, que só pode ser fantástica.” Tem uma poesia dramática, que é própria só da Ásia. São os casinos, já se sabe, mas são também estas tascas de rua, a vida mais de chinelo, a humidade, as paredes verdes de musgo.

Da primeira vez que deixou Macau: “Saí daqui a chorar no barco para Hong Kong, onde íamos apanhar o avião. Esta é uma das memórias mais fortes que tenho, lembro-me de pensar: o que é que me estão a fazer?” ■

BNU

Banco Nacional Ultramarino
大西洋銀行



**POTENCIE
O SEU NEGÓCIO
COM SOLUÇÕES CRIADAS À SUA MEDIDA**

Todas as empresas ambicionam alcançar grande sucesso.
Com uma vasta experiência no setor bancário e know how comprovado,
o **BNU** disponibiliza-lhe soluções financeiras criadas à sua medida.

BNU
CORPORATE
企業服務



www.bnu.com.mo | T+853 8398 9103



禁止吸煙
È proibito fumare
No smoking
MOP\$600

Vida multimédia

T CATARINA DOMINGUES **F** GONÇALO LOBO PINHEIRO

Até chegar a Macau, Peng Yun passou por Chongqing, Hangzhou e Xangai. Pelo caminho, a pintura deixou de ser “a arte absoluta” e o vídeo tornou-se na “língua materna”

QUANDO PENG Yun era pequena, a mãe costumava levá-la a olhar as nuvens. Fazia-o para que trabalhasse a imaginação. Acontecia no caminho de casa, em Langzhong, no nordeste da Província de Sichuan, onde viviam. Olhavam as nuvens, e o modo como se iam alterando. Aos domingos, ficavam deitadas na cama e olhavam o tecto, e todas as formas que se organizavam no limite máximo do quarto. Depois passavam para os lençóis e imaginavam objectos a formarem-se nas pregas dos mantos com que se tapavam. Peng Yun começou a querer olhar outras coisas; seguiram-se os animais e todo o género de objectos que encontrava pelo caminho e que examinava de forma detalhada. Até que só restou mesmo o que não existia. Aqui serviu-lhe a imaginação, e imaginou que pintava.

Por volta dos 12 anos, teve a primeira aula de pintura na escola e aventurou-se no primeiro esboço. “Apaixonei-me pelo desenho quando toquei num lápis pela primeira vez”, diz.

A mãe desenhava qualquer coisa, e o avô também, mas eram conjuntos de representações “muito chinesas”, era tinta-da-china, “nada profissional”, e Peng Yun sabia que queria mais. Ao ponto de ficar noites sem dormir, e a pintar.

À ARTISTA REPRESENTOU RECENTEMENTE MACAU NA EXPOSIÇÃO POLYPHONY III, NO MUSEU DE ARTE DA UNIVERSIDADE DE ARTE DE NANJING, COM O VÍDEO *MUKEH, IN THE END ALL WILL FADE AWAY*

Langzhong era uma cidade pequena e contavam-se pelos dedos os jovens locais que alguma vez tinham conseguido entrar no Academia de Belas Artes de Sichuan, em Chongqing. Já aluna do ensino secundário, com 15 anos, Peng Yun e uns quantos colegas foram fazer os exames de acesso àquela faculdade. Apanharam o autocarro, equipado com beliches para dormir, mas tão antigo que seguia de porta aberta. A viagem demorou 13 horas. A gigante cidade de Chongqing passaria nesse mesmo ano, em 1997, a município, um estatuto equivalente a província que só Pequim, Xangai e Tianjin têm na China. Hoje tem mais de 32 milhões de

habitantes, segundo dados do Governo Municipal de Chongqing.

Às seis e meia da manhã, quando chegaram ao destino, Chongqing era uma cidade escura, coberta por uma camada espessa de nevoeiro. «Mas eu olhei para o portão principal da universidade e soube desde logo que pertencia ali».

As novas formas de arte

A mãe depositava todas as esperanças na filha única. Desde que nasceu. O nome próprio, Yun (云), que em chinês significa “conter”, foi apenas o primeiro sinal disso mesmo. “Diz-se que uma montanha é bonita porque contém jade escondido. Creio que a minha família esperava que eu fosse alguém com conhecimento e inteligência.”

Peng Yun foi a única aluna de Langzhong nesse ano a ser admitida no curso de pintura a óleo na Academia de Belas Artes de Sichuan. Tinha 17 anos. “Por cada 2000 candidatos, é admitida uma pessoa”, sublinha.

Fundada nos anos 1950, a academia formou alguns dos mais consagrados artistas contemporâneos do país. Foi “capaz de romper corajosamente com doutrinas e explorar sem cessar novos campos”, disse o presidente do estabelecimento, Luo Zhongli, quando, em 2008, o Museu de Arte de Macau recebeu a exposição “Pinceladas Inovadoras: Pintura Experimental da Academia de Belas Artes de Sichuan”.

E foi exactamente um período de mudanças na instituição que veio romper também com a ideia que Peng Yun tinha sobre a arte – e que trazia ainda presa à imaginação. “Escolhi pintura a óleo porque acreditava ser a arte absoluta”, relembra.

Nos anos 1990, começaram a ser contratados novos professores. Pi Li era um deles. O artista chinês, a viver actualmente em Hong Kong, esteve à frente de alguns *workshops* organizados pela Academia de Belas Artes de Sichuan. Com ele, chegaram também novos livros e novas formas de arte: instalações, *performances* e vídeos. “Pela primeira vez pensei: a arte pode ser assim?” Peng



PERFIL

Ano de Nascimento: 1982**Cidade:** Langzhou**Signo chinês:** Galo**Artista:** Zhang Peili**Livro:** *Sonho do Pavilhão Vermelho*, Cao Xueqin**Filme:** *A Brighter Summer Day*, Edward Yang**Gastronomia:** Sichuan**Cidades favoritas:** Barcelona e Langzhong**Lugar em Macau:** Bairros Antigos**Cor:** Todas

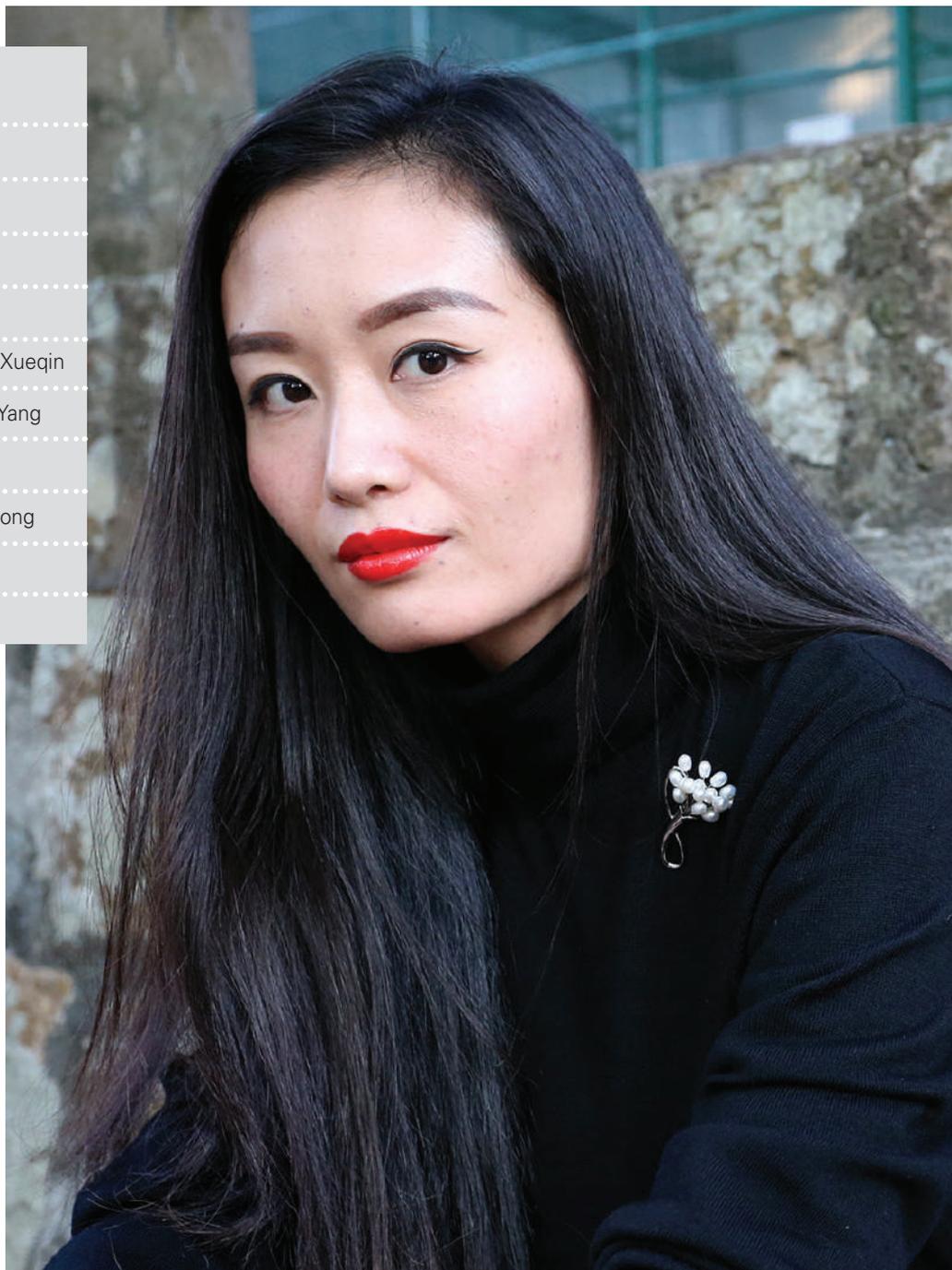
Yun agarrou-se a essas três novas palavras e não as largou mais.

Vídeo como língua materna

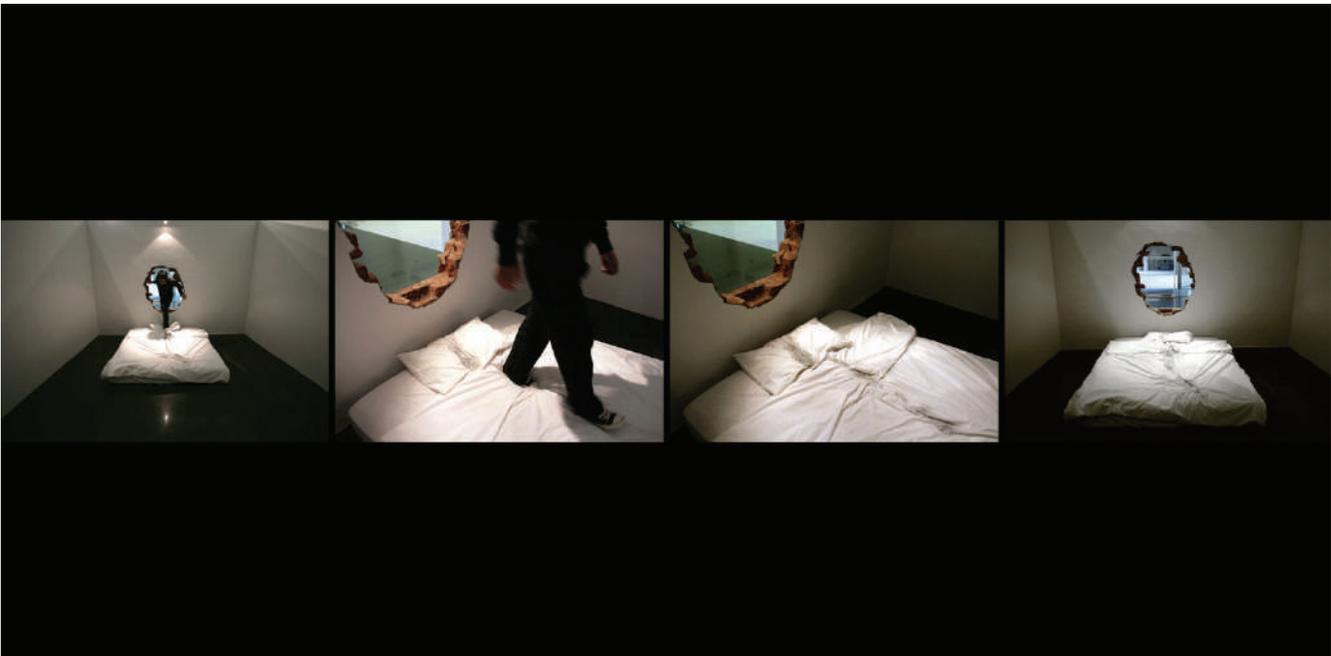
A entrevista de Peng Yun com a MACAU teve duas fases. Encontrámo-nos primeiro no Jardim da Flora e falámos durante uma hora, numa conversa lenta, e num inglês difícil, que a artista foi apoiando com explicações em mandarim. Da segunda vez, a artista respondeu por email, utilizando o chinês para completar as perguntas.

É esta dificuldade de comunicação que serve também a Peng Yun de analogia para esclarecer a diferença entre o vídeo e a fotografia. «Digamos que falar inglês seria tirar uma fotografia e falar a minha língua materna seria fazer um vídeo. Existe mais espaço para contar o que quero.»

A primeira experiência profissional ligada ao vídeo aconteceu logo depois de terminar o curso na Academia de Belas Artes de Sichuan. Recém-licenciada, Peng Yun entrou para uma estação de televisão, onde produzia vídeos didácticos. Mas a natureza do trabalho, o ambiente de escritório, a impor-



PARA O PRÓXIMO PROJECTO, PENG YUN QUER PREPARAR UMA INSTALAÇÃO COM VÍDEO E FOTOGRAFIA CENTRADA NO MOBILIÁRIO. “A FIGURA DA MULHER CONTINUARÁ A DESEMPENHAR UM PAPEL IMPORTANTE”





MACAU TEVE CONTACTO PELA PRIMEIRA VEZ COM ESTE UNIVERSO ÍNTIMO DE PENG YUN EM 2008, QUANDO O MUSEU DE ARTE CONVIDOU A ARTISTA MULTIMÉDIA PARA PARTICIPAR NUMA EXPOSIÇÃO COLECTIVA COM A INSTALAÇÃO “PASSAGEM”

tância dada aos papéis e aos números não eram vida, muito menos a que imaginara quando anos antes apanhara aquele autocarro velho para chegar a Chongqing. Peng Yun precisava de mais e inscreveu-se no mestrado de Arte dos Novos Média na Academia de Artes da China, em Hangzhou, capital da província de Zhejiang.

O professor e fundador do departamento, Zhang Peili, foi o artista que mais influenciou a carreira e a obra de Peng Yun. Co-fundador da Pond Society, um grupo que rejeitou as noções convencionais de arte e explorou novas formas artísticas, como instalações em espaços públicos, Zhang Peili é hoje considerado o pioneiro do vídeo e da arte dos novos media. “Ainda antes de fazer os exames, enviei-lhe o meu currículo e trabalho”, conta Peng Yun. “Gostou muito e encorajou-me a fazer o exame de admissão”. Mais uma vez, foi a aluna com a pontuação mais alta a entrar no curso. Corria o ano de 2004.

Universo feminino

Hoje olha para trás e a mulher esteve sempre lá. Trabalhar a figura feminina poderá não ter sido uma decisão consciente, e a constatação de que em dez anos de carreira esse tem sido o tema que mais explorou é quase tão natural como surpreendente. “Interessa-me sobretudo perceber as mudanças das mulheres no processo de crescimento.”

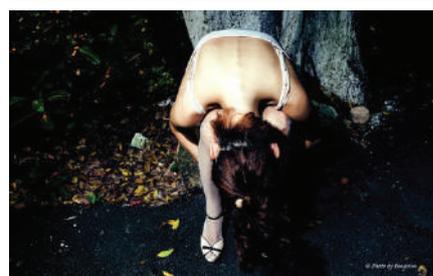
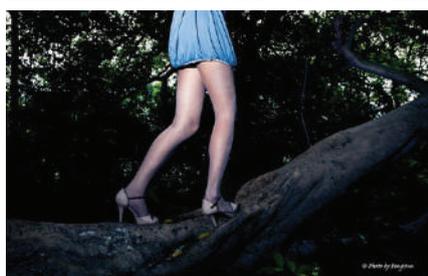
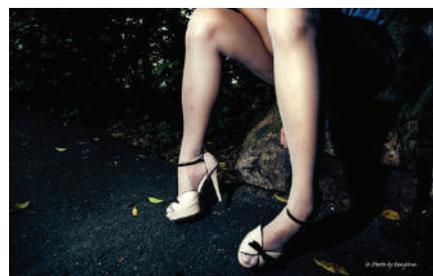
Num dos primeiros trabalhos a vídeo,

a artista filmou, com uma câmara antiga e emprestada, uma conversa entre um grupo de amigas. “Retirei primeiro a fita da cassete, raspei a superfície com uma pequena faca, voltei a colocar a fita no lugar e filmei enquanto falavam de memórias. Fiquei apenas com algumas imagens, como se o sinal se tivesse perdido ao longo do processo”, explica.

Macau teve contacto pela primeira vez com este universo íntimo de Peng Yun em 2008, quando o Museu de Arte convidou a artista multimédia para participar numa exposição colectiva com a instalação “Passagem”. Para ter acesso à instalação, o visitante era obri-

gado a atravessar uma parede e passar por cima de um colchão, coberto por um lençol branco. “As pessoas tiveram dificuldade em entrar, como se estivessem a violar o meu espaço.”

Peng Yun trabalhava nessa altura como professora na Universidade Fudan, em Xangai, e colaborava com vários museus de arte. “É um grande pólo cultural, todos os dias há inaugurações, mas sentia-me pequena numa cidade tão grande”, nota a artista que, em 2009, acabou por se mudar para Macau. Aqui divide-se entre trabalhos de fotografia, aulas ocasionais no Instituto Politécnico de Macau e projectos pessoais. ■





TEATRO ALTERNATIVO REGRESSA À CIDADE

O Festival BOK apresenta este ano um programa mais extenso do que no ano passado, com convidados de Taipé, Macau, Pequim, Xangai e Hong Kong

A quarta edição do Festival BOK regressa a Macau com um programa ainda mais extenso do que no ano passado. Ao longo de três semanas, grupos e criadores de Macau, Hong Kong, Taipé, Xangai e Pequim vão pisar os palcos da cidade. O evento, que se realiza entre os dias 13 de Junho e 3 de Julho, é uma organização conjunta do Own Theatre, do Macau Experimental Theatre e da Point View Art Association.

“Interligando Teatros Alternativos” é o tema desta edição do BOK, cuja programação é da responsabilidade do director artístico Johnny Tam. O grupo Living Dance Studio de Pequim vai apresentar *Red: A Documentary Performance*, um espectáculo inspirado no bailado *The Red Detachment of Women*, que teve estreia em 1964 na capital chinesa e que foi uma das oito óperas a dominar os palcos chineses durante a Revolução Cultural.

Já o Inspire Workshop, grupo de Hong Kong, incorpora teatro e multimédia em *Deconstructed*, um trabalho que tem como ponto de partida uma das obras do dramaturgo alemão René Pollesch.

Este ano, o BOK lança também o programa “Exchange Artists”, criado pelo Macau Experimental Theatre, onde duas actrizes de Taipé e Pequim dão vida a *The Sunset*, uma peça do dramaturgo local Wong Teng Chi. De acordo com o website do festival,



a série “Give It a Shot” vai convidar artistas de diferentes áreas de trabalho a “experimentar um método criativo fora da sua zona de conforto e a desafiar-se a si mesmos”.

O Club BOK – uma herança da edição passada – é um espaço onde o público vai ter a oportunidade de interagir com os artistas e que “permite aos espectadores um maior entendimento sobre o trabalho artístico”, sublinha a organização num comunicado enviado à imprensa. As 16 sessões marcadas para este ano realizam-se nos diferentes teatros do festival, após os espectáculos.

O BOK arrancou em 2013 por iniciativa do grupo Horizon Macau Theatre. Desde a primeira edição, o festival tem “adoptado o conceito de ‘interligar, trabalhar arduamente e lutar com todas as armas possíveis’, explorando as possibilidades e a natureza inovadora do teatro”, explicam os organizadores.

No ano passado, o BOK introduziu o conceito “Morais Theatre Village”, expandindo a programação a espaços na Rua dos Pescadores e Avenida de Venceslau de Morais, na zona norte da península. A ideia era estabelecer laços entre a comunidade e os pequenos teatros privados existentes na área.

Para esta quarta edição, o alcance é ainda maior, com o teatro a chegar à zona do Templo Kun Iam, Estrada Coelho do Amaral, Avenida do Almirante Lacerda e Rua dos Pescadores, num total de oito espaços de espectáculos com gestão privada: o teatro e o laboratório do Hiu Koc, o Edifício Industrial Pou Fong, a LMA (Associação de Música ao Vivo), o Armazém do Boi, a Wind Box Community, o Teatro Experimental Step Out e a Casa de Portugal. A estes oito espaços juntam-se ainda outros dois do Governo: o Centro Cultural de Macau e o Edifício do Antigo Tribunal.

FESTIVAL BOK
13 DE JUNHO A 3 DE JULHO
VÁRIOS LOCAIS
WWW.BOKFESTIVAL.COM



TEATRO

Musical Shrek

O ogre mais conhecido do planeta vai pisar os palcos do Venetian nos dias 8 e 9 de Julho. O musical *Shrek* tem letra de David Lindsay-Abaire e música de Jeanine Tesori. O espectáculo é inspirado no livro infantil do autor norte-americano William Steig. A história de Shrek e da princesa Fiona foi adaptada ao cinema em 2001.

8-9 DE JULHO DE 2016

TEATRO DO VENETIAN

BILHETES MOP 780, 580, 380, 180

MÚSICA

aMEI Utopia

Chang Hui Mei, conhecida por aMEI, apareceu em cena em 2009 com o álbum *Amit*, que venceu seis prémios na 21.ª edição do Golden Melody Awards, em 2010. A digressão mundial aMEI Utopia, que passa agora por Macau, decorre há já dois anos. “Uma produção de palco extraordinária, trajes espectaculares e o talento vocal incrível de aMEI” são as razões apontadas pela organização para não perder o espectáculo.

11 DE JUNHO DE 2016

ARENA DO VENETIAN

BILHETES MOP 1580, 1180, 780, 580, 380

Fascínio por Portugal

A Orquestra Chinesa de Macau sob a direcção do Maestro Pang Ka Pang vai juntar-se à fadista Maria Ana Bobone para um espectáculo de duas horas de música portuguesa. Esta é já a segunda vez que a orquestra colabora com a artista portuguesa, depois de em 2014 terem actuado em Lisboa.

4 DE JUNHO DE 2016

CENTRO CULTURAL DE MACAU

BILHETES MOP 120, 100, 60, 40

Recital de Violino com Yu-Chien Tseng

O Teatro D. Pedro V vai ser palco de um recital de violino de Yu-Chien Tseng. O jovem músico taiwanês foi o vencedor da última edição da aclamada Competição Internacional Tchaikovsky, que se realiza em Moscovo de quatro em quatro anos. O violinista de 21 anos ficou em segundo lugar, não tendo sido atribuído nesse ano o primeiro prémio.

25 DE JUNHO DE 2016

TEATRO D. PEDRO V

BILHETES MOP 200, 160

TRÁS-OS-MONTES EM MACAU

Mais de três dezenas de obras da pintora portuguesa Graça Morais vão estar em exposição no Clube Militar de Macau até 12 de Junho. “Trás-os-Montes – Terra Mágica” é uma viagem ao quotidiano desta região de Portugal através da obra da artista

T CATARINA DOMINGUES

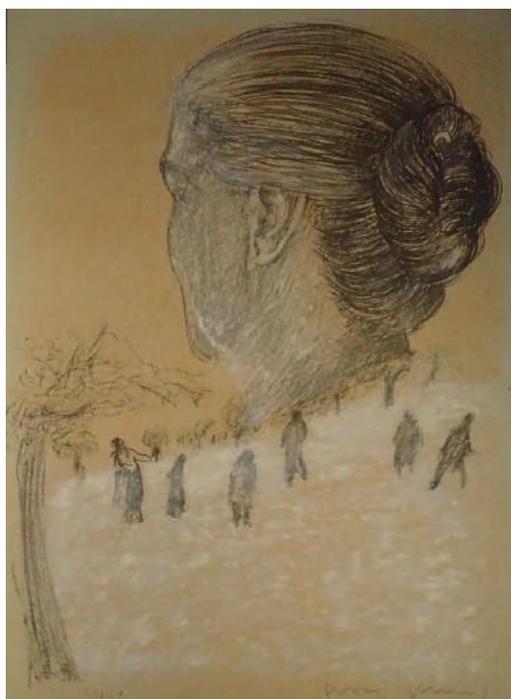
“Trás-os-Montes – Terra Mágica” é uma viagem ao universo da artista Graça Morais. A pintora portuguesa nasceu em Vieiro, uma pequena localidade no nordeste transmontano, no distrito de Bragança. E é exactamente esta a geografia que tem acompanhado a longa carreira de mais de 40 anos da artista plástica e que vai agora também chegar ao Salão do Comendador Ho Yin do Clube Militar de Macau, por ocasião do

146.º aniversário da sua fundação e das celebrações do 10 de Junho, dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas. Quadros dos costumes e das gentes de Trás-os-Montes vão estar em exposição até ao dia 12 de Junho. A mostra, organizada pelo Clube Militar e com curadoria e produção executiva da Associação para a Promoção de Actividades Culturais (APAC), integra 35 obras da pintora, incluindo originais e obra gráfica, cedidos por coleccionadores privados e por duas galerias – a



Galeria 57 Macau e a Private Gallery de Portugal.

Os trabalhos percorrem várias fases da obra de Graça Morais e “reflectem, na maior parte dos casos, a experiência, vivência e ligação à terra”, diz José I. Duarte, da APAC. “O campo, a vida de Trás-os-Montes



e as mulheres da região são os temas dominantes”, refere ainda o produtor executivo em entrevista à MACAU.

Com esta exposição o Clube Militar inicia um ciclo de eventos, baptizado de “Pontes de Encontro”, e que se destina a trazer à região administrativa artistas representativos da arte contemporânea, oriundos dos universos da língua chinesa e portuguesa. Até ao final do ano, está ainda prevista a organização de mais duas exposições: “uma com artistas de todos os países lusófonos e outra com artistas de Macau”, nota José I. Duarte.

Maria da Graça Pinto de Almeida Morais nasceu a 17 de Março de 1948. Foi em Moçambique, onde viveu entre 1957 e 1958, que recebeu a primeira caixa de aquarelas, um presente do pai. Em 1963, já de regresso a Portugal e a frequentar o Liceu de Bragança, pintou os cenários da representação teatral do *Auto da Alma*, de Gil Vicente. Concluído o liceu, matriculou-se em 1966 no curso de Pintura da Escola Superior de Belas Artes do Porto, que viria a terminar cinco anos mais tarde. No final da década de 70 mudou-se para Paris, onde viveu durante dois anos com uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian. Conheceu Arroyo e Rancillac e estudou Picasso, Matisse e Cézanne. Regressou a Portugal em 1979, fixando-se em Lisboa.

Foi precisamente desde a década de 70 do século passado que começou a participar numa série de exposições individuais e colectivas, em Portugal e no estrangeiro. Na obra da artista, premiada em diversas ocasiões e representada em colecções privadas e públicas, destacam-se ainda intervenções de arte pública, em painéis de azulejos, desde Lisboa a Moscovo. Em 2008 foi inaugurado em Bragança o Centro de Arte Contemporânea Graça Morais, um projecto do arquitecto Eduardo Souto Moura.



Desenhar é dar o Coração

A Galeria 57 Macau e o Albergue SCM trazem a Macau “Desenhar é dar o coração”, uma exposição comercial com 44 desenhos originais do artista plástico Alexandre Baptista. Num *workshop* que vai dirigir em Macau, o artista português convida o público e artistas locais a participar numa pintura conjunta.

15 DE JUNHO ATÉ 31 DE JULHO

ALBERGUE SCM

Entrada gratuita

Um Pintor na Costa do Sul da China

A mostra “Auguste Borget: Um Pintor na costa do Sul da China” é um dos destaques da edição de 2016 do Festival Le French May. A exposição, organizada pelo Museu de Arte de Macau em colaboração com a Alliance Française e o Consulado Geral de França em Macau e Hong Kong, reúne mais de uma centena de trabalhos do artista francês.

29 DE JUNHO ATÉ 9 DE OUTUBRO

MUSEU DE ARTE DE MACAU

Bilhetes: MOP 5

Figures in Motion

A colecção de 74 peças de bronze do pintor e escultor Edgar Degas está em exposição no MGM Art Space até finais de Novembro. A mostra, inserida no festival Le French May, inclui “Little Dancer, Aged Fourteen”, uma das mais famosas criações do artista francês.

ATÉ 20 DE NOVEMBRO

MGM ART SPACE

Entrada gratuita

Tipografia Weingart

Mais de 200 obras do designer internacional da arte da tipografia Wolfgang Weingart, com origem no Museu do Design de Zurique, vão estar em exposição na Galeria do Tap Seac até 12 de Junho. Wolfgang Weingart revolucionou a arte tipográfica suíça, inscrevendo um novo capítulo na história internacional do design.

ATÉ 12 DE JUNHO

GALERIA DO TAP SEAC

Entrada gratuita

Dinossauros em Carne e Osso

Através de 14 réplicas mecânicas de dinossauros, jogos interactivos de realidade virtual e realidade aumentada, 72 modelos de dinossauro de escala reduzida e livros electrónicos, esta exposição dá a conhecer ao público as diferentes espécies, o comportamento e o habitat destes répteis que dominaram o planeta durante mais de 160 milhões de anos.

ATÉ 11 DE SETEMBRO

CENTRO DE CIÊNCIA DE MACAU

Bilhetes: Até MOP 25 (consultar www.msc.org.mo)

OS TEMPOS DIFÍCEIS DA IMPRENSA DE MACAU NO SÉCULO XIX

O investigador português Daniel Pires esteve em Macau para o lançamento do *Dicionário Cronológico da Imprensa Periódica de Macau do Século XIX*. A obra, que analisa jornais locais em língua portuguesa e inglesa publicados entre 1822 e 1900, revela uma imprensa “riquíssima”, mas com curta esperança média de vida. O trabalho dos jornalistas, frequentemente expostos a agressões e ameaças, entrava frequentemente em colisão com os interesses governativos



T CATARINA DOMINGUES
F GONÇALO LOBO PINHEIRO

Tudo começou na década de 1990, quando o investigador português Daniel Pires lançou em Lisboa o *Dicionário de Imprensa Periódica Portuguesa*. “Este bichinho ficou aqui no sangue”, conta Daniel Pires, que, quando chegou à cidade, onde trabalhou três anos como leitor de português, começou uma investigação que o viria a

acompanhar ao longo de 15 anos – a análise da imprensa “riquíssima” em língua portuguesa e inglesa do século XIX na região. O estudo resultou no livro *Dicionário Cronológico da Imprensa Periódica de Macau do Século XIX (1822-1900)*, lançado este ano na RAEM.

Sendo Macau um importante entreposto comercial, os jornais publicados ao longo desse século, na maioria semanários em língua portuguesa, faziam chegar aos habitantes informações sobre o comércio da época, como o preço da seda, do sândalo, da porcelana ou mesmo o valor da moeda.

Também a relação entre portugueses e chineses, a primeira Guerra do Ópio e o tráfico de cules foram temas que ganharam espaço nas páginas dos jornais. Mas, durante

esse período, as publicações tinham uma esperança média de vida baixa. Vários jornais em língua portuguesa, lançados ao longo do século em Macau, nasceram e morreram no mesmo ano: *O Correio*, *O Invariável* e *O Jornal Único* são apenas alguns exemplos. Acontecimentos como a segunda Guerra do Ópio (1856-1860) ou mesmo o assassinato do Governador Ferreira do Amaral (1849) não ficaram registados na imprensa de Macau. Ao longo desse século houve vários períodos da história em branco no jornalismo local. “Dependia do Governador”, nota o investigador à MACAU.

“Jornais dirigidos por pessoas mais progressistas e com sentido cívico entravam em colisão com o poder, e o poder, muito simplesmente, baniu-os”, vinca o autor que, com este trabalho, quis perceber por que razão “os jornais apareciam e desapareciam abruptamente”.

Para dar forma ao projecto, Daniel



Pires visitou o Arquivo Histórico Ultramarino, em Lisboa, onde teve acesso aos processos judiciais que ditaram o fim de muitos destes periódicos. “Na maior parte das vezes [as acusações] nem eram pertinentes, não havia ali nenhum abuso de liberdade de imprensa.”

Os jornais, marcadamente políticos, dividiam-se muitas vezes entre o apoio ao Governo e à oposição, apesar da forte censura que sofriam na época. Até aos finais da década de 1830, refere o especialista, a imprensa reflectia “a luta pelo poder e repartição da riqueza entre o Leal Senado – que representava uma burguesia liberal e empreendedora – e o governador e o ouvidor”.

O Independente foi um exemplo “flagrante” no que diz respeito à censura, conta Daniel Pires. José da Silva, advogado fundador do jornal “foi espancado e preso sem culpa formada”. Logo um ano depois de abrir, o jornal foi encerrado pelo governo de António Sérgio de Sousa. José da Silva acabou por mudar-se para Hong Kong, onde retomou a publicação e, quando António Sérgio de Sousa foi substituído pelo governador Januário Correia de Almeida, o jornal voltou a ter sede em Macau.

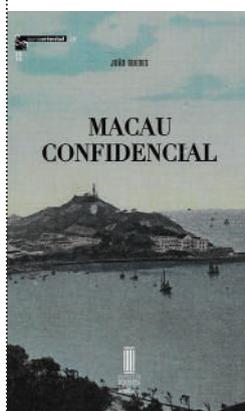
Outros casos semelhantes são abordados nesta obra. A chantagem, a agressão e o degredo ameaçavam a liberdade de imprensa, nota Daniel Pires: “Quantos jornalistas receberam recados em casa: ‘cuidado, se continuas a escrever isto, o teu filho já não tem trabalho’”. O investigador português realça ainda a importância da análise feita à imprensa inglesa publicada alternadamente em Macau e Cantão. “Não estavam descritos até ao momento e foi um grande desafio.”

DICIONÁRIO CRONOLÓGICO DA IMPRENSA PERIÓDICA DE MACAU DO SÉCULO XIX (1822-1900)
DANIEL PIRES
INSTITUTO CULTURAL DE MACAU, 2016



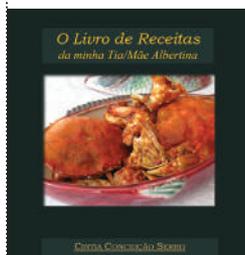
Eu Também Estive em Macau Durante a Guerra
Maria Clementina de Andrade e Silva
Praia Grande Edições, 2016

Primavera de 1941. O casal Andrade e Silva desembarca em Macau para uma estadia de cinco anos. “Ele, Capitão dos Portos, terá de lidar com as múltiplas pressões e a arrogância dos japoneses, para quem só no papel Macau não era território ocupado. Ela, dona de casa, ver-se-á envolvida em complicadas tramas políticas e intrigas palacianas, incomuns na rotina habitualmente entediante reservada às mulheres dos oficiais portugueses”, pode ler-se na contracapa da obra *Eu também estive em Macau durante a guerra*, apresentada pela neta do casal em Março durante o Festival Literário de Macau. O livro reúne as memórias de Maria Clementina de Andrade e Silva durante o período em que esteve em Macau, já depois de António de Andrade e Silva ter deixado o testemunho.



Macau Confidencial
João Guedes
Instituto Internacional de Macau, 2016

Macau Confidencial reúne crónicas que o jornalista e investigador João Guedes publicou no *Jornal Tribuna de Macau* ao longo de vários anos e que revelam momentos da história de Macau que poucos conhecem. A explosão da fragata D. Maria II, levada a cabo por seitas, e que tirou a vida a cerca de 200 homens, histórias de espionagem e momentos importantes da formação do Partido Comunista do Vietname em Macau são alguns dos episódios que pode ler nesta obra.



O Livro de Receitas da Minha Tia/Mãe Albertina
Cíntia Conceição Serro
Instituto Internacional de Macau, 2015 (reedição)

Cíntia Conceição Serro recuperou os cadernos manuscritos da Tia/Mãe Albertina, com quem aprendeu a cozinhar os petiscos macaenses. A segunda edição de *O livro de receitas da minha tia/mãe Albertina*, publicado pelo Instituto Internacional de Macau com apoio da Fundação Macau, reúne mais de 80 receitas. A obra é mais um testemunho da culinária como expressão da identidade da comunidade macaense.



Clepsidra – Tradução Para Chinês
Yao Feng
Instituto Internacional de Macau, 2016

A tradução de *Clepsidra*, obra poética de Camilo Pessanha, foi lançada no âmbito do 5.º Festival Literário de Macau – Rota das Letras, que se realizou em Março. A tradução esteve cerca de oito anos na gaveta, depois do poeta chinês Yao Feng – pseudónimo do académico e tradutor Yao Jingming – ter avançado com a tradução por encomenda do Instituto Internacional de Macau. Por enquanto esta versão chinesa está apenas disponível em Macau.



JARDIM DE SÃO FRANCISCO *década de 1930*



F ARQUIVO HISTÓRICO DE MACAU

FOIO primeiro jardim de Macau e herdou o nome do Mosteiro de São Francisco, construído naquela área em 1580. José Rodrigues Coelho do Amaral, governador entre 1863 e 1866, mandou demolir o convento e construir um quartel. O espaço acolhe hoje o Museu das Forças de Segurança de Macau.

O desenho do Jardim de São Francisco é da autoria de Matias Soares e estende-se da Estrada da Praia Grande até à Rua Nova à Guia, com um total de três níveis. Nos tempos antigos, o jardim fechava à noite e estava cercado por muros e grades. Era frequentado por famílias abastadas, que aqui se juntavam para passear, conversar e olhar a paisagem marítima – o espaço era limitado a sul pelas águas da Baía da Praia Grande antes da execução dos aterros. Ao anoitecer, podia ouvir-se a Banda Militar, que actuava num coreto que existiu até 1935.

Numa das áreas do jardim está gravado um excerto do poema *Camões*, escrito por Almeida Garrett em 1825. Na zona superior encontra-se ainda uma torre redonda, erguida em homenagem aos soldados que combateram na primeira Guerra Mundial.

Nesta fotografia, tirada nos anos 30 do século XX, pode ver-se o Pavilhão Octogonal. Este edifício de estilo chinês foi projectado pelo arquitecto Chan Kun Pui e serviu como restaurante e sala de bilhar do Jardim de São Francisco nos primeiros tempos. O pavilhão tem um telhado duplo, coberto por telhas de cerâmica verdes. As janelas são guarnecidas com caixilhos de madeira vermelhos.

Ho Yin, na altura vice-presidente da Associação Comercial de Macau, adquiriu o pavilhão em 1947, transformando-o na Sala de Leitura de Jornais e Livros da associação. Trata-se da primeira biblioteca pública de Macau.



MACAU 2015 LIVRO DO ANO

Seja bem-vindo à consulta do **MACAU - LIVRO DO ANO**, dos últimos anos, através da seguinte página electrónica, ou descarregando as aplicações:

Página electrónica:

<http://yearbook.gcs.gov.mo>

Aplicações:

iOS



Android



As edições em língua chinesa, portuguesa e inglesa do **MACAU 2015 - LIVRO DO ANO**, uma publicação anual do Gabinete de Comunicação Social da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM), já estão à venda.

O **MACAU 2015 - LIVRO DO ANO** regista de forma sistemática o desenvolvimento político-económico e sócio-cultural da RAEM, disponibilizando, ao longo das suas páginas, dados e informação variada para todos quantos desejam estudar e compreender melhor Macau.

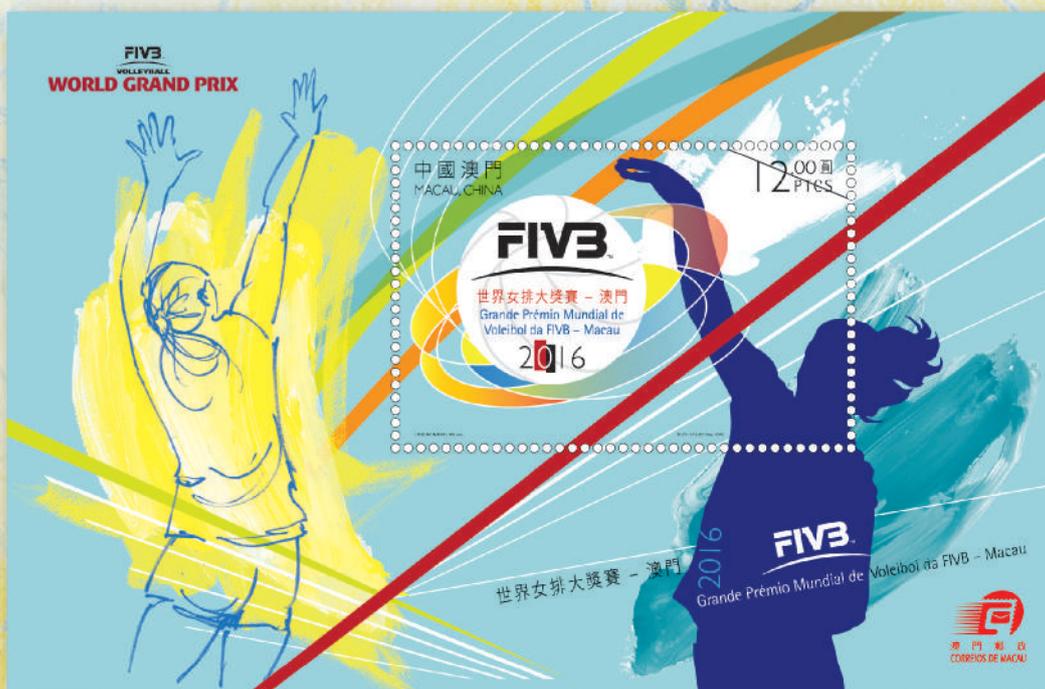
O **MACAU 2015 - LIVRO DO ANO** pode ser adquirido ao preço de capa de 120 patacas por exemplar, acompanhado da oferta de um CD-ROM com a versão PDF do livro, nas maiores livrarias de Macau e

no Centro de Informações ao Público, na Loja de Filatelia (Estação Central dos Correios), ou nas estações dos Serviços de Correios da Rua do Campo, do Terminal Marítimo do Porto Exterior, do Aeroporto e dos Jardins da Nova Taipa, bem como nas livrarias da The Commercial Press Ltd, em Hong Kong. Tomando em consideração a popularidade da leitura em formato digital e tendo em consideração a protecção ambiental, a partir de 2016, o Macau - Livro do Ano, tanto na língua chinesa, como na portuguesa e na inglesa, deixarão de se publicar em suporte papel. Entretanto, concentrar-nos-emos no melhoramento de versão digital e aumentaremos informações, fotografias e até vídeos, satisfazendo, assim, as necessidades dos leitores.

Coleccione Selos
de Macau

澳郵票收藏

Collect
Macao's Stamps



澳門議事亭前地 LARGO DO SENADO, MACAU

電話 Tel.: (853) 8396 8513, 2857 4491 傳真 Fax.: (853) 8396 8603, 2833 6603

電郵 E-mail: philately@macaupost.gov.mo 網址 Website: www.macaupost.gov.mo/philately/



情牽心意 助拓商貿
Aproximamos Pessoas, Facilitamos Negócios